



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

SUELY PORFIRIO DOS SANTOS

**ELA MULHER, ELE VÁRIOS
Marcas de gênero nas notícias do Portal G1**

João Pessoa
2019

SUELY PORFIRIO DOS SANTOS

ELA MULHER, ELE VÁRIOS
Marcas de gênero nas notícias do Portal G1

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de “Mestre” em Jornalismo, área de concentração em “Produção Jornalística”, linha de pesquisa “Processos, Práticas e Produtos.

João Pessoa, 11 de dezembro de 2019.

Orientadora: Professora Gloria Rabay

João Pessoa
2019

P832e Porfirio dos Santos, Suely.
Ela mulher, ele vários: marcas de gênero nas notícias do Portal G1 /
Suely Porfirio Dos Santos. – João Pessoa, 2019.
150 f. : il.

Orientação: Gloria Rabay.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Discurso. Gênero. Jornalismo. I. Rabay, Gloria. II.
Título.
UFPB/BC



ATA DE DEFESA DE MESTRADO

Aos onze dias do mês de dezembro de dois mil e dezenove, às 14 horas, foi realizado, na Sala de reunião 'CCTA', na Universidade Federal da Paraíba, Banca de Mestrado da (o) discente **Suely Porfirio Dos Santos**, matrícula 20181001089, para obtenção do Título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

Título : ELA MULHER, ELE VÁRIOS - Marcas de gênero nas notícias do Portal G1.

AVALIAÇÃO

Aprovado () Reprovado () Insuficiente

As observações sobre o referido trabalho acadêmico encontram-se no verso desta Ata.

BANCA EXAMINADORA:

Dr.^a Glória de Lourdes F. Rabay – Orientador (a) (PPJ/UFPB)

Dr. Patrícia Monteiro Cruz Mendes - Titular interna (PPJ/UFPB)

Dr.^a Suely Maria Maux Dias - Titular Externa (UFPB)

RESUMO

Considerando a importância do jornalismo para a construção social da realidade, esta pesquisa procurou analisar como são materializadas as relações de gênero nos conteúdos jornalísticos publicados no Portal G1, o portal de notícias mais acessado no Brasil, de acordo com dados fornecidos pelo site de visualização de acessos Alexa. Seguindo o conceito de gênero como construção social de identidades de homens e mulheres (SAFFIOTI, 2015; SCOTT, 1996), bem como as dimensões das desigualdades de gênero propostas (BIROLI, 2018), buscamos compreender como as notícias atuam na construção de sentidos sobre os gêneros. Analisamos 437 notícias publicadas na página principal do Portal G1 entre abril e maio de 2019. A pesquisa foi realizada em duas etapas, na primeira utilizamos a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (MOTTA, 2008) como método para levantar quais eram os sentidos presentes em cada notícia. Em seguida utilizamos a Análise do Discurso para fazer relação entre os sentidos encontrados nas notícias e as atribuições para as pessoas conforme o sexo. Uma que este método revela como o que é dito por um sujeito reproduz as ideias presentes em um determinado período histórico, em um lugar, em uma condição social (ORLANDI, 1997), pudemos perceber que a realidade social construída (BERGUER; LUCKMAN, 2011) pelo G1 é marcada pelo tratamento diferenciado e desigual das pessoas. A análise revelou que os homens são os personagens principais de sete em cada dez notícias e que estes aparecem como referencial de sujeito, tendo lugar de destaque mesmo nas narrativas em que não são centrais. Já as mulheres, quando aparecem retratadas nos papéis de mãe e esposa, são destacadas pelas características estéticas, tendo suas imagens exploradas em cerca de metade do conteúdo. Quando as notícias retratam mulheres em contextos como política e justiça, o que foi verificado num pequeno grupo de notícias, o tratamento segue o mesmo padrão das notícias com homens no papel central.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Gênero. Jornalismo. Notícias.

ABSTRACT

Taking into account the importance of journalism to the social construction of reality, this paper analyzed how gender relations are materialized in the journalistic contents published on G1, the most visited site in Brazil according to the web traffic data collected by the Alexa website. Based on the concept of gender as a means of social identity construction of men and women (SAFFIOTI, 2015; SCOTT, 1996), as well as the proposal of dimensions of gender inequalities (BIROLI, 2018), this paper seeks to understand how the news acts as a means of construction of genders. This paper analyzed 437 stories published on G1 between April and May of 2019. The research was conducted in two phases. The first phase was based on the Pragmatic Analysis of the Journalistic Narrative (MOTTA, 2008) as a method to provide the meaning present in each story. The second phase was based on Discourse Analysis so that the relation between the meanings found in the news and the assignments to people by gender was made. The Discourse Analysis reveals that what is said by a subject reproduces the ideas present in a certain historical period, place, and social condition (ORLANDI, 1997). For this reason, we could realize the social reality constructed (BERGUER; LUCKMAN, 2011) by G1 was marked by a differentiated and unequal treatment of people. The data shown men were the main characters in seven of ten stories published and they featured as subject referential and were prominent even in the narratives where they are not central. As for the women, they were depicted in the roles of mother and wife, also they were highlighted by their aesthetic features and their images were explored in about half of the content. When the stories depicted women in a political and legal environment, which were the case in a small part of the stories, the treatment follows the same pattern as the stories where the men had central roles.

Keywords: Digital journalism. Discourse. Gender. News.

LISTA DE FIGURAS

- Figura Nº 01 – Dimensões da prática Jornalística
- Figura Nº 02 – Período de coleta de notícias
- Figura Nº 03 – Exemplo de conteúdos selecionados /não selecionados
- Figura Nº 04 – Infográfico da participação por sexo nos conteúdos
- Figura Nº 05 – Marcas das editorias no Portal G1
- Figura Nº 06 – Exemplo de notícia enquadrada na editoria *Pessoa*.
- Figura Nº 07 – Infográfico com a distribuição dos conteúdos por editoria
- Figura Nº 08 – Infográfico da distribuição dos sexos nas editorias – Homens
- Figura Nº 09 – Infográfico da distribuição dos sexos nas editorias – Mulheres
- Figura Nº 10 – Infográfico da distribuição por sexo na editoria Acidentes
- Figura Nº 11 – Exemplo de legitimação “mulher como mãe”
- Figura Nº 12 – Exemplo legitimação personagens homens
- Figura Nº 13 – Fragmento do conteúdo que explora a imagem da mulher
- Figura Nº 14 – Exemplo de conteúdo com termos no masculino
- Figura Nº 15 – Infográfico XX da distribuição por sexo na editoria Ciência e saúde
- Figura Nº 16 – Fragmentos de notícia com mulher personagem central
- Figura Nº 17 – Infográfico da distribuição por sexo na editoria justiça
- Figura Nº 18 – Fragmento de notícia com o termo mulher
- Figura Nº 19 – Infográfico da distribuição por sexo na editoria Mundo
- Figura Nº 20 – Infográfico da distribuição por sexo na editoria Política
- Figura Nº 21 – Fragmento da notícia “Articulação política é responsabilidade do 'governo todo', diz líder” (Sadi, 2019)
- Figura Nº 22 – Fragmento da notícia “Maia diz que Previdência pode ser aprovada no primeiro semestre” (Portal G1, 2019)
- Figura Nº 23 – Infográfico da distribuição por sexo na editoria Pop e arte
- Figura Nº 24 – Fragmento do conteúdo sobre o cineasta Samuel Galli
- Figura Nº 25 – Utilização das imagens das mulheres e homens
- Figura Nº 26 – Intertítulo da notícia “Juliana Paes fala de insegurança com papel em 'A dona do pedaço': 'Ainda me chamam de Bibi”
- Figura Nº 27 – Fragmentos de notícias sobre mortes de homens e mulheres
- Figura Nº 28 – Infográfico da distribuição por sexo na editoria violência

Figura Nº 29 – Fragmentos de notícia com o termo mulher

Figura Nº 30 – Fragmentos de notícia que utiliza termo de relacionamento para tratar de violência contra a mulher

Figura Nº 31 – Exemplo de personagem mulher legitimada como “mãe”

Figura Nº 32 – Fragmento de conteúdo sobre personagem mulher

Figura Nº 33 – Nuvem de palavras usadas nas notícias da editoria “Pessoa”

LISTA DE QUADROS

- Quadro N° 01 – Síntese da classificação do portal G1 enquanto cibermeio
- Quadro N° 02 – Síntese dos movimentos analíticos
- Quadro N° 03 – Classificação de editorias do G1 e os assuntos mais frequentes
- Quadro N° 04 – Síntese dos sentidos encontrados na editoria Acidentais
- Quadro N° 05 – Síntese dos sentidos encontrados na editoria Ciência e saúde
- Quadro N° 06 – Síntese dos sentidos encontrados na editoria Justiça
- Quadro N° 07 – Síntese dos sentidos encontrados na editoria Mundo
- Quadro N° 08 – Síntese dos sentidos encontrados na editoria Política
- Quadro N° 09 – Síntese dos sentidos encontrados na editoria Pop e Arte

SUMÁRIO

1 A DIFERENCIAÇÃO CONSTRUÍDA	13
1.1 Visão naturalizada do “Outro”	15
1.2 Gênero, a distinção construída para os sexos	20
1.3 O Feminismo e o poder revolucionário de estranhar	27
2 PRÁTICA JORNALÍSTICA – UM LUGAR PARA AS REALIDADES	34
2.1 O jornalismo e a construção social da realidade	35
2.2 As premissas da Re(construção) da realidade feita pelo jornalismo	41
2.3 Dimensões da prática jornalística	44
2.3.1 O fato no texto - Modos de discurso nas mídias	47
2.3.2 A midiatização no século XXI: as notícias digitais	49
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	54
3.1 Como as relações de gênero são materializadas nas notícias do G1?	56
3.2 Critérios de seleção de notícias	57
3.2 Análise pragmática da narrativa jornalística - Ferramenta de interrogação	59
3.3 Aproximações entre a Análise do discurso e os sentidos das notícias do G1	62
4 ANÁLISES	69
4.1 Organização por editorias	71
4.2 Materializações jornalísticas de gênero	74
4.2.1 Legitimações na editoria Acidentes	80
4.2.1.1 <i>Aspectos de gêneros suscitados pelos conteúdos</i>	83
4.2.2 Legitimações na editoria Ciência e Saúde	87
4.2.2.1 <i>Aspectos de gêneros suscitados pelos conteúdos</i>	89
4.2.3 Legitimações na editoria Justiça	91
4.2.3.1 <i>Aspectos de gênero suscitados pelos conteúdos</i>	93
4.2.4 Legitimações na editoria Mundo	98
4.2.4.1 <i>Aspectos de gênero suscitados pelos conteúdos</i>	100
4.2.5 Legitimações na editoria Política	102
4.2.5.1 <i>Aspectos de gênero suscitados pelos conteúdos</i>	104
4.2.6 Legitimações na editoria Pop e arte	108
4.2.6.1 <i>Aspectos de gênero suscitados pelos conteúdos</i>	114
4.2.7 Legitimações na editoria Violência	120
4.2.7.1 <i>Aspectos de gênero suscitados pelos conteúdos</i>	123
5 PONDERAÇÕES	126
REFERÊNCIAS	133

INTRODUÇÃO

Mesmo quando ainda era menos que um pré-projeto para o que veio a se tornar esta dissertação, a intenção sempre foi estudar nas notícias as relações de gênero. É que incomodava a forma como os fatos eram noticiados, pois, na maioria das vezes, ficava a impressão de que na sociedade somente existiam homens tomando decisões e mulheres sofrendo violência.

Olhando em volta, dava para perceber que mulheres apareciam em outros contextos, tomando decisões, atuando profissionalmente e politicamente. Então o incômodo tomava forma de angústia e revolta, uma vez que não dava para ignorar o silenciamento aparente no noticiário. Ainda assim, podia ser apenas uma percepção pessoal, já que faltavam dados para afirmar que as notícias eram imprecisas na representação da realidade.

Por isso foi preciso dissertar.

A elaboração da proposta e os primeiros movimentos de pesquisa logo trouxeram uma pequena confusão, posto que as palavras-chave da proposta atraíam referências bibliográficas um tanto emaranhadas na visão de uma pesquisadora com pouca experiência. Quem coloca na caixa de busca os termos “gênero e jornalismo” certamente encontra textos sobre os formatos em que são elaborados os produtos dessa prática social e sobre as características atribuídas socialmente para pessoas conforme padrões de lugar tidos com inerente às mulheres e aos homens.

No entanto, com o amadurecimento da pesquisa foi ficando mais simples achar as pontas das referências específicas. As relações de gênero como construção social não têm sido ignoradas pelas pesquisas acadêmicas na área de comunicação e especificamente de jornalismo. Uma pesquisa combinando os termos “gênero” e “jornalismo” na base da CAPES reporta 5.928 trabalhos, entre teses e dissertações.

Entre tantos trabalhos, destacamos o de Márcia Veiga intitulado “Masculino, o gênero do jornalismo”, (2010) uma etnografia que descreve as relações de gênero vivenciadas numa redação. Consideramos esse trabalho importante porque evidencia o quanto as decisões tomadas na rotina do jornalismo estão impregnadas de concepções de gênero.

O trabalho de Veiga (2010) revela o quanto o gênero implica nas decisões rotineiramente tomadas na prática jornalística. Na pesquisa desenvolvida para esta dissertação intencionalmente mantivemos a nossa atenção não nas decisões que modelam a prática, mas

sim o produto que delas surge: as notícias. Ao fazer a observação privilegiando na materialidade do conteúdo as atribuições de gênero, pretendemos encontrar as concepções que são oferecidas à sociedade, para com isso compreender qual a realidade de gênero que o portal G1 constrói.

Falando de gênero nessa pesquisa, estamos tratando de um conceito social cunhado no início dos anos 1970 (SAFFIOTI, 2015) para revelar a existência socialmente construída de programações para as pessoas conforme o sexo, nas quais, geralmente, o poder é distribuído de forma desigual. Gênero, nesse sentido, serve para abordar as diferenciações culturais e sociais para “feminino” e “masculino” e os condicionamentos que tais diferenciações impõem para os seres.

É relevante sublinhar que as discussões em torno das diferenças de gênero carregam o debate das desigualdades de poder entre as pessoas em decorrência do pertencimento de gênero. As diferenciações implicam em, por exemplo, desvalorização da vida de uma parcela da sociedade, como evidenciam os registros de situações de violência a que são submetidas as mulheres. Para citar um exemplo, trazemos o Atlas da violência publicado recentemente (junho de 2019), produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), que revela o aumento de 3,9 para 4,7 no índice de assassinatos de mulheres por grupo de 100 mil habitantes.

Embora o crescimento possa ser analisado dentro do macro cenário brasileiro, onde o índice é de 36,7 vítimas no mesmo universo de 100 mil, as peculiaridades das circunstâncias dos assassinatos revelam que existe uma nuance reveladora quando as vítimas são mulheres. De acordo com o Atlas da Violência (2019, p. 77), o local onde ocorrem os assassinatos revela um aspecto das relações de gênero: “É interessante perceber o alto índice de eventos violentos letais intencionais contra as mulheres dentro da residência, que correspondem por 39,2%, e que com grandes chances se relacionam com casos de feminicídio”.

Também o horário em que ocorrem os assassinatos é revelador do quanto o gênero tem relação com a condição de vítima de violência. Enquanto os assassinatos de homens ocorrem predominantemente no período entre 18h e 02h, o assassinato de mulheres é equilibradamente distribuído nas 24 horas do dia. Conforme sublinhado pelo Atlas (2019), considerando a distribuição das ocorrências, é possível observar que os assassinatos de mulheres não estão diretamente relacionados com as situações de violência urbana, pois ocorrem em todos os horários e não concentrados nos períodos com menor interação social.

Obviamente, existem outras formas de materialização do potencial nocivo das construções que colocam em condições desiguais as pessoas e citamos a violência para explicitar o quão grave é a questão. Poderíamos falar das desigualdades salariais ou até mesmo da participação nas esferas de poder e de tantos outros aspectos. Em cada um deles seria possível ressaltar as construções de gênero que modelaram a organização social especificando lugares distintos para as pessoas.

Optamos em pesquisar os posicionamentos de gênero no jornalismo, esta prática social que, por funcionar articulando diversos pontos da realidade, pode representar uma importante função na manutenção das relações com base nas desigualdades de gênero, bem como poder colaborar com a transformação dessa realidade.

Consideramos o jornalismo como uma relevante instância justamente por ser útil à sociedade, de certa forma, para dar publicidade a diversos acontecimentos. Ao intervir ampliando o universo de fatos conhecidos, possibilitando o acesso a situações que acontecem além do entorno de cada pessoa, o jornalismo exerce a função de representar uma realidade e nessa atuação movimenta valores e concepções sociais. Assim sendo, apontamos para a importância de investigar quais valores e concepções de gênero estão sendo mobilizados no jornalismo.

Embora a credibilidade do jornalismo e o consumo do mesmo não tenham um prestígio inquestionável na atualidade como tiveram nos momentos em que era a principal fonte de informação, essa esfera ainda tem uma relevante atuação na construção social da realidade (BERGUER E LUCKMAN, 2011). No jornalismo, em alguns momentos, é depositada a credibilidade que torna um fato uma “verdade”, não é raro que conteúdos jornalísticos despertem denúncias e até sejam utilizados como evidência para a materialidade de situações. É bem possível que a maioria de nós já tenha dito, ou ouvido, algo como: “Tal coisa aconteceu, eu vi no jornal”.

A partir de reflexões sobre as relações de gênero como importantes marcadores sociais para a sociedade, e do jornalismo como um dos espaços onde tais relações podem ser evidenciadas, realizamos esta pesquisa buscando perceber como as notícias atuam no tocante à cristalização das construções de gênero. Interessa-nos investigar como o jornalismo materializa as atribuições elaboradas para mulheres e homens nos conteúdos diariamente publicados.

Questionamos o jornalismo para tentar entender se as matérias reproduzem os condicionamentos de gênero socialmente construídos para as pessoas ou se que elas atuam na transformação das relações sociais dando às pessoas lugares com a mesma representatividade nas notícias. E ainda, será que, no G1, existe uma delimitação por editorias conforme o sexo da pessoa? Ou seja, existe um padrão no campo do jornalismo baseado em gênero para retratar as pessoas? Os padrões de gênero que estruturam a sociedade são reproduzidos pelo jornalismo do G1?

Pretendemos, dessa maneira, investigar como se manifestam nas notícias as construções de gênero estabelecidas na sociedade. Para tanto, analisaremos os textos jornalísticos procurando pelas legitimações – o modo como as pessoas são justificadas e explicadas (BERGUER E LUCKMAN, 2011) – conferidas aos personagens que são parte das notícias.

Nos textos jornalísticos que têm uma pessoa no papel central, a legitimação é caracterização do personagem que será condutora das informações narradas. Neste exemplo: “O relato de uma mãe viralizou nas redes sociais nesta quarta-feira (22): a filha de 12 anos foi internada em um hospital na cidade de São Paulo devido à intensa brincadeira com “*slime*” (Portal G1, 2019), quem lê a notícia acompanha o que a ‘mãe’ fez e não o que qualquer mulher fez.

Mais do que pensar nas diferenciações de gênero, porém sem deixar de considerar a riqueza da questão, pretendemos verificar como nas notícias aparecem as noções generificadas que modelam a organização social, pois reconhecemos no jornalismo um lugar privilegiado para a análise.

A pesquisa foi realizada em matérias publicadas pelo Portal G1. Uma vez que a intenção foi estudar o conteúdo rotineiramente oferecido ao público, coletamos o conteúdo publicado na página - <https://g1.globo.com/>, durante o dia inteiro, por 16 dias, nos meses de abril e maio. Escolhemos o material jornalístico publicado no G1 por este ser portal de

notícias mais acessado no Brasil, de acordo com dados fornecidos pelo site de visualização de acessos Alexa¹.

Seria possível fazer a análise em outros produtos, no entanto fizemos nossa opção considerando a dinâmica da vida social da atualidade. Em outros termos, escolhemos o G1 porque o jornalismo, a exemplo de outras áreas, tem as redes digitais como um espaço importante na produção e distribuição de seus conteúdos. O público, que cada vez mais incorpora tecnologias digitais na rotina, opta na maioria muitas vezes por consumir as notícias nas plataformas digitais já tão presentes no dia a dia.

De acordo com a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD, 2016), 69,7% da população brasileira tem acesso à internet em casa. Considerando o acesso em locais públicos ou no trabalho, conforme apontam os dados da Pesquisa Brasileira de Mídia, publicada em 2016, o acesso a internet é uma prática de 91% da população brasileira.

Como indicam as pesquisas, na sociedade do século XXI as tecnologias digitais são parte importante da vida das pessoas, sendo utilizadas tanto em procedimentos rotineiros como, por exemplo, acesso às finanças pessoais, quanto em questões mais centrais da vida, como as relações afetivas. Assim sendo, ao fazer a pesquisa no meio digital estamos observando a materialização de um fenômeno (as condições impostas às pessoas conforme o sexo) em uma esfera importante da organização social (o jornalismo).

Para realizar essa pesquisa usamos a Análise do Discurso, método que estuda na linguagem como o que é dito por um sujeito reproduz as ideias presentes em um determinado período histórico, em um lugar, em uma condição social (ORLANDI, 1997). Nossa opção pela Análise do Discurso se deu porque enxergamos nos procedimentos do método, baseados no estabelecimento de relações entre teorias e elementos dos textos analisados, uma ferramenta capaz de evidenciar como as relações de gênero se materializam nas notícias do G1. Com isso foi possível destacar nas notícias termos e sentenças impregnadas de atribuições socialmente construídas para as mulheres e os homens.

¹ <https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>

Partindo das reflexões trazidas pelas teorias sobre gênero, aplicamos os procedimentos da Análise do Discurso para levantar interpretações, dessa maneira aventamos nas notícias outros sentidos além daqueles explícitos. Por exemplo, nesta notícia publicada no Portal G1 em 23 de maio, “Um mecânico identificado como Carlos Armando de Jesus, de 50 anos, e a ex-mulher dele, a dona de casa Monique Heliodoro, de 39 anos, foram esfaqueados na noite desta quarta-feira (22)” (Torres, 2019), a metodologia de pesquisa permite que apontemos uma camada de sentido além evidente na notícia (duas pessoas foram esfaqueadas).

Analisando como base na proposição de que gênero impõe lugares diferenciados para os sexos (SCOTT, 1995), indicamos que na sentença acima citada a personagem feminina foi colocada no lugar de propriedade da personagem masculina, uma vez que os termos estabelecem a personagem masculina como o indivíduo e mobilizam a personagem feminina em função do vínculo – Carlos é o indivíduo e Monique é a “a ex-mulher”.

Nossa intenção, ao delinear aspectos de gênero nas notícias, é levantar questionamentos sobre o como o jornalismo, quando reproduz as características de gênero as foram socialmente construídas, atua fortalecendo as desigualdades de gênero. As noções que colocam os homens em posições privilegiadas e as mulheres fora do protagonismo social são historicamente reelaboradas nas mais diversas práticas da vida social, o jornalismo é um importante espaço em que os sentidos são produzidos e reproduzidos.

Por entender que existem padrões culturais e sociais modelando as relações entre as pessoas, em todas as fases da pesquisa buscamos perceber a presença ou ausência das representações do feminino e do masculino. Ao analisar cada notícia, investigamos as distinções de tratamento da personagem central em decorrência do sexo, tendo sempre o objetivo de encontrar os elementos da materialização dos padrões nas notícias do G1.

Ao refletir sobre gênero no primeiro capítulo, consideramos a existência da valorização de um sexo sobre o outro implícita na maioria das atribuições conferidas aos sexos e discorremos sobre a teoria *Queer*, que traz elementos para pensar as relações sociais numa perspectiva não hierárquica no tocante aos espaços propostos para as pessoas.

Consideramos como uma construção social a realidade que é tratada nos conteúdos jornalísticos. Por essa razão abordamos no capítulo 2 os conceitos propostos por Berguer e Luckman (2011) para explicar como a sociedade produz historicamente as noções de realidade social. Sugerimos que o jornalismo, como uma prática social, reproduz com os conteúdos que publica os mecanismos de construção da realidade presentes na sociedade.

Também nesse capítulo tratamos das especificações do webjornalismo, uma vez que nossa análise será realizada nessa esfera.

Já no terceiro capítulo apresentamos nossa proposta de análise das relações de gênero presentes na realidade construída pelo jornalismo do Portal G1. Descrevemos o material em que será feita a análise e expomos conceitos mobilizados pela metodologia da pesquisa, a Análise do Discurso de filiação francesa. Expomos ainda a metodologia complementar da pesquisa, a Análise Pragmática da Narrativa jornalística, que oferece uma proposta de interrogação para o conteúdo.

O quarto capítulo traz as percepções reveladas pela análise do Portal G1. Descrevemos a organização dos tópicos em editorias, bem como os critérios utilizados para classificar nas editorias as notícias que no Portal G1 aparecem designadas conforme a cidade ou o telejornal de origem. Em seguida apresentamos dados que demonstram como é a distribuição por sexo das pessoas escolhidas como personagens centrais nas notícias. Também apresentamos dados sobre como é distribuição por sexo nas editorias.

Para detalhar os conteúdos agrupados nas editorias, utilizamos os procedimentos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (MOTTA, 2008). Como esse método foi possível entender cada notícia funcionando como uma história, para em seguida apontar os sentidos recorrentes nas narrativas e com eles nomear as formações discursivas (ORLANDI, 1997).

Por fim, analisamos os sentidos construídos nas notícias com base nas teorias de gênero e jornalismo dos capítulos anteriores. Encontramos indícios de que existe no Portal G1 um modo de noticiar que explica a presença das mulheres tomando os homens como referência – homens na maioria das vezes são citados nas matérias, mesmo quando a personagem central é uma mulher.

1 A DIFERENCIAÇÃO CONSTRUÍDA

No campo da ciência, onde as hipóteses precisam ser ao menos testadas, talvez ainda não tenhamos condições para responder por que se construíram para os seres humanos universos específicos com posições sociais diferentes conforme o sexo biológico de cada ser. Contudo, é possível observar que historicamente foram estabelecidos alguns papéis para serem desempenhados por mulheres, outros por homens e que em torno dessa diferenciação de espaços se organizam muitos aspectos da estrutura social.

Também podemos destacar que as atribuições tomam como ponto de partida as características dos corpos dos seres, de modo que parece estar justificado na anatomia que, por exemplo, pessoas com formas consideradas femininas devem se ocupar das tarefas de cuidado. Uma vez que as diferenciações foram historicamente naturalizadas, circula no imaginário social a existência de espaços “naturais” para as pessoas conforme o sexo.

Para Bourdieu (2012), existe uma relação direta entre a subalternidade imposta às mulheres e a determinação dos espaços “naturais” de um ou de outro sexo. O autor afirma que “a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça” (BOURDIEU, 2012, p. 18). Dessa maneira, a delimitação do lugar público como masculino e o privado como feminino se reproduz ao longo do tempo e se torna mais natural à medida que é apreendida.

Esta relação de dominação construiu historicamente percepção da mulher, e consecutivamente do feminino, como alguém marcado pela incompletude, a quem falta algo que os homens possuem. Culturalmente, a relação de dominação da mulher pelo homem se processa como se fosse natural, óbvia, conforme afirma Bourdieu (2012)

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 2012, p. 17).

A atribuição de lugares é abrangente de tal forma que se impõe sobre o espaço e sobre o corpo das pessoas fazendo das características físicas a expressão da naturalidade da divisão. Assim, as estruturas da sociedade possuem mecanismos para alocar os indivíduos em funções “condizentes” com a sua natureza. Mesmo que a divisão não tenha fundamentos na anatomia

dos sexos, é nas características de cada corpo que são inscritas as normas não formais que determinam onde deve estar cada sexo.

Bourdieu (2012) observa que o corpo é tomado como o fundamento da divisão sexual do trabalho, bem como a justifica, ou seja, ao mesmo tempo em que a diferença anatômica é tomada como a causa natural da divisão, ela é marcada socialmente para inscrever cada sexo no “seu lugar”, criando um ciclo reproduzido constantemente.

Por essa razão, os lugares pertencentes ao homem e a mulher parecem óbvios, basta a forma do corpo para saber onde cada um deve estar. As regras se tornam quase desnecessárias, uma vez que está perceptivelmente demonstrado socialmente como se deve ser para estar em um determinado espaço. Com a percepção de pertencimento natural baseado no anatômico, tanto um sexo quanto o outro atua respeitando a determinação que lhe é imputada sem fazer questionamentos, posto que ela vem inscrita desde o nascimento.

No entanto, as discussões em torno das atribuições de gênero demonstram, ou ao menos aludem, que não nada existe de natural na relação estabelecida entre o sexo de uma pessoa e o posicionamento social que lhe é imposto. Os estudos demonstram que as diferenciações estão mais para convenções sociais do que para determinações da natureza.

É o que demonstra Biroli (2018), ao apontar que a ocupação desproporcional dos postos de poder e da atuação no trabalho doméstico, nas quais há predominância de homens na primeira área e de mulheres na segunda, tem fundamento no par trabalho privado, atribuído às mulheres, e trabalho público, aos homens. A autora enfatiza que essa divisão de espaços gera desigualdades, pois, ao demandar às mulheres as funções fundamentais para a rotina social (preparo de alimentos, cuidado de crianças e idosos, dentre outros), as retira dos espaços de decisões políticas. Para Biroli (2018)

A configuração das fronteiras entre esfera pública e esfera privada implica lugares distintos para mulheres e homens. Não quero, com isso, afirmar que todos os homens e todas as mulheres são posicionados de maneira idêntica, mas que, para a participação das mulheres na esfera pública, impõem-se filtros que estão vinculados às responsabilidades a elas atribuídas na esfera privada e à construção de sentidos do feminino que ainda guardam relação com a noção de domesticidade. (BIROLI, 2018, p. 11).

Ao afirmar que as mulheres ainda ocupam duas vezes mais tempo que os homens em atividades domésticas, Biroli (2018) estabelece uma relação entre tempo dedicado ao trabalho doméstico e exclusão dos espaços de decisão. Para a autora, as mulheres estão em aparente desigualdade de condições, uma vez que delas se espera uma atuação, no mínimo, de

protagonista das atividades domésticas e isso exige um tempo e uma energia que faz falta na esfera pública.

Uma consequência dessa separação entre espaço de mulheres e espaço de homens é a invisibilidade da mulher nas decisões do estado. Para Biroli (2018), como as legislações e políticas públicas são comandadas geralmente por homens que estão mais ligados aos interesses econômicos que à percepção das desigualdades impostas socialmente, as decisões políticas ignoram que as mulheres não estão em condições de igualdade para usufruir das medidas de governo.

O déficit de vagas² em creches é um exemplo de como as políticas públicas deixam de criar condições para a participação das mulheres pobres na vida pública. A oferta de vagas em creches não absorve toda a demanda das famílias e, de acordo com o modelo vigente de divisão de espaços para os sexos, geralmente é a mulher que se ocupa de buscar meios para resolver o cuidado das crianças. Muitas vezes elas deixam de exercer trabalho remunerado formal ou acabam contratando informalmente outra mulher para assumir o cuidado. Nas duas possibilidades, a mulher é economicamente e socialmente prejudicada pela visão da mulher como responsável ‘oficial’ pelo cuidado doméstico.

1.1 VISÃO NATURALIZADA DO “OUTRO”

A observação dos argumentos citados acima pode suscitar a seguinte pergunta: de onde vem o fundamento da associação da mulher com os espaços domésticos e dos homens com os espaços público e de decisões? Com base em que foram estabelecidas as diferenças geradoras das assimetrias de ocupação de espaços? Na tentativa de discutir porque um sexo foi colocado na posição de governar e outro de ser governado, a filósofa Simone de Beauvoir

² Conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, apenas 32,7% das crianças de 0 a 3 anos são atendidas em estabelecimentos de educação infantil (creches). Fonte: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/dados-do-censo-escolar-numero-de-matriculas-na-educacao-infantil-cresceu-11-1-de-2014-a-2018/21206 - Acesso em 14 de setembro de 2019.

publicou, em 1949, o livro “O segundo sexo”, que apresenta a noção da mulher como “o outro” – como uma espécie secundária, existente a partir da relação que estabelece com o homem.

Beauvoir (2016) afirma na obra que somente no raso das formalidades as mulheres e homens são tomados com a mesma relevância, já que na sociedade o espaço destinado às mulheres raras vezes é o de protagonista, cabendo-lhe sempre uma função complementar.

É de maneira formal, no registro dos cartórios ou nas declarações de identidade, que as rubricas, masculino e feminino, aparecem como simétricas. A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um mesmo tempo o positivo e o neutro, a pontos de dizermos “os homens” para designar os seres humanos. (BEAUVOIR, 2016, p.13).

A obra da filósofa põe em destaque a noção naturalizada historicamente do homem como base para todos os contextos e situações sociais. Nessa visão, ainda comum mesmo em 2019, os parâmetros existenciais são determinados tendo o sexo masculino como padrão de sujeito do mundo. Para essa forma de enxergar o mundo, a mulher é tomada não em sua individualidade, mas sim em uma função de auxiliar nas missões do homem.

Evidentemente, o modo como as mulheres são tomadas na atualidade é diferente do contexto em que o livro foi escrito. As mudanças na esfera da economia que demandou a absorção pelo mercado do trabalho das mulheres de classe média³, o controle do processo reprodutivo, em especial a descoberta e popularização das pílulas anticoncepcionais, a abertura das portas do ensino superior às mulheres, entre outros fatores além das conquistas do movimento feminista, a partir da década de 1970, proporcionaram mudanças significativas em relação aos anos em que a análise de Beauvoir (2016) foi fundamentada, quando o chão de fábrica era majoritariamente o trabalho permitido às mulheres.

Mesmo tendo sido escrita num contexto diferente e tomando em conta a referência da sociedade francesa, a análise ainda é atual e serve para explicar a relação desigual vivenciada

³ É importante destacar que as mulheres pobres, negras e sem a educação formal oferecida nas instituições de ensino superior sempre estiveram no envolvidas no mundo do trabalho. Contudo, essa presença não gerava mudança no espaço destinado às mulheres de modo geral, posto que classe social e raça trazem, ao lado de gênero, imposições limitadoras para as pessoas na estrutura social.

por homens e mulheres na sociedade. Como afirma Beauvoir (2016), poder atuar em espaços fora do lar representa tanto uma liberdade, para obter as condições financeiras de existência, quanto um acúmulo de funções, pois as tarefas domésticas permanecem sendo atribuídas às mulheres.

Observando os índices de violência contra a mulher ou o percentual de ocupação de posições de poder e prestígio entre homens e mulheres em cargos representativos nos governos, ou mesmo nas empresas privadas, poderemos verificar que a distribuição de poder entre os sexos ainda está longe de estar equilibrada.

Conforme Beauvoir (2016), a dominação da mulher não se justifica pelas características biológicas. A autora argumenta que são os valores sociais que constroem a desigualdade, pois

Não é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza. E, diga-se mais uma vez, não é a fisiologia que pode criar valores. Os dados biológicos revestem os que o existente lhes confere. Se o respeito ou o medo que inspiram a mulher impedem o emprego da violência contra ela, a superioridade muscular do homem não é fonte de poder. (BEAUVOIR, 2016, p. 64).

Observando como construção social marcada por valores a existência do privilégio para um dos sexos, Beauvoir (2016) explica como pode ter surgido o fenômeno da dominação da mulher pelo homem. Para a autora, as funções reprodutoras conferiam às mulheres das sociedades primitivas certos limites, pois o corpo que suporta a fase final da gestação, o parto e o puerpério não tem as mesmas condições de escapar de feras e de lutar por comida que aquele que jamais enfrentou esses processos.

Refém das então incontroláveis funções reprodutivas, as mulheres por muitos períodos eram excluídas das atividades que exigiam mais energia e acabavam tendo que dedicar-se a atividades mais estáticas. Esse movimento de constante recolhimento pode ter gerado as bases para a valorização do macho da espécie, pois o corpo que este traz não se debilita nas tarefas de reprodução da espécie.

A reprodução também seria a responsável pela dominação da mulher pelo homem, na visão de Saffioti (2015). Essa autora enfatiza não ser a [suposta] diferença de força física a razão para a exclusão das mulheres da caça e sim o aleitamento, pois a necessidade de alimentar as crianças instituía que as mulheres não saíssem para caçar. A autora lembra que tanto a caça quanto a coleta eram responsáveis pela alimentação do clã, assim não vem dessa divisão o prestígio de um sexo sobre o outro.

Seria do ponto de vista filosófico que viria a desigualdade. Conforme Beauvoir (2016, p. 97) afirma, a espécie humana se diferencia das demais por buscar mais que a sobrevivência “ela não procura manter-se enquanto espécie; seu projeto não é a estagnação, ela tende a superar-se”. Logo, num universo de constante instabilidade com aquele dos primeiros humanos, um ser que apresenta limitações pode ser menos valorizado que outro sempre apto a começar uma empreitada.

Obviamente há o reconhecimento da importância do gerar, mas ele não chega a constituir para a fêmea um privilégio, uma vez que o poder de parir carrega em si as desvantagens acima citadas. A valorização da fêmea em função da maternidade também não era possível porque a maioria dos princípios que tornam positivos o nascimento de crianças ainda não existia. A noção de família como conhecemos atualmente, bem como a noção de propriedade privada que justifica a necessidade de herdeiros, por exemplo, só foi desenvolvida num ponto bem adiante na história da humanidade. Nesses primeiros tempos, quando a sobrevivência dependia demais das condições físicas, ter limitações pode ter significado para as fêmeas uma marca negativa que repercutiu no modo como foram estabelecidos os valores para cada sexo.

Mesmo quando valorizada como fonte de vida, algo possível no momento em que a humanidade passa a ser sedentária e pode observar no crescimento dos frutos como a gestação é importante para a sobrevivência, a mulher segue sendo o outro, aquela que oferta e não a companheira de conquista do mundo. Tanto que logo quando se desenvolvem os instrumentos para lidar com a terra e assim o homem percebe que com seu trabalho ele pode se libertar dos ritmos da natureza, a mulher perde seu posto místico, digno de devoção, e passa a ter a função de colocar no mundo os seres que, ao herdarem a propriedade, darão continuidade ao legado do homem.

É porque a humanidade se põe em questão em seu ser, isto é, prefere razões de viver à vida, que perante a mulher o homem se pôs como senhor; o projeto do homem não é repetir-se no tempo, é reinar sobre o instante e construir o futuro. Foi a atividade do macho que, criando valores, constituiu a existência, ela própria, como um valor: venceu as forças confusas da vida, escravizou a Natureza e a Mulher. (BEAUVOIR, 2016, p. 100).

Embora em momentos diferentes nos distintos locais da terra, o processo de saída do nomadismo para o sedentarismo marca o modo como as relações sociais, e entre os sexos, adquiriram a forma em que há opressão e dominação. Enquanto Beauvoir (2016) atribui à produção de excedente econômico, ou seja, à capacidade de produzir mais do que o

necessário para sobreviver, a causa para a superioridade de um sexo sobre o outro, Saffioti (2015) afirma ser o tempo livre dos homens ainda nas sociedades coletoras e caçadoras o responsável pelo surgimento das leis e condutas geradoras de hierarquização. Para a autora

Estas [as mulheres], embora não fossem detentoras de mais poder que os homens, nas sociedades de caça e coleta, eram consideradas seres poderosos, fortes, verdadeiros seres mágicos, em virtude de sua capacidade de conceber e dar à luz, presumivelmente sozinhas. Como a caça não é uma atividade diária, aos homens sobrava muito tempo livre, imprescindível para o exercício da criatividade. Foi, por conseguinte, na chamada “sombra e água fresca” que os homens criaram sistemas simbólicos da maior eficácia para destronar suas parceiras. (SAFFIOTI, 2015, p. 59-60).

Talvez não seja possível determinar se foi o tempo livre, como sugere Saffioti (2015), o responsável por subjugar as mulheres. Isso porque, como sugere o estudo citado por Pinsky (2005), a contabilidade de horas de trabalho talvez fosse equivalente entre homens e mulheres. Para o autor, considerando as distâncias percorridas para a caça e a produção de ferramentas, além dos rituais que envolvem a preparação da caça, o tempo dedicado era praticamente o mesmo pelos sexos.

Já o estudo de Evelyn Reed (2008) atrela ao sistema de produção capitalista o domínio de um sexo por outro. Para a autora, enquanto os bens eram partilhados e não havia poder de estado, inexistia a hierarquia. “No sistema primitivo matriarcal, baseado em princípios comunistas, não existia nenhuma dominação de um sexo sobre o outro, da mesma forma que não existia o domínio de uma classe rica sobre a massa de trabalhadores.” (REED, 2008, p.30).

Se não temos como afirmar de onde ou como exatamente surgiu a opressão, se da filosofia do ethos humano, como afirma Beauvoir (2016), ou tempo livre dos homens dedicados à caça, na visão de Saffioti (2015) ou ainda da organização da sociedade de classes, de acordo com Reed (2008), podemos sim observar que, em maior ou em menor grau, as mulheres estiveram historicamente em posição inferiorizada.

É possível observar evidências da opressão das mulheres em diversos âmbitos. O código civil brasileiro, por exemplo, até 2002 dava aos maridos o direito autorizar ou não o exercício de atividades civis pelas esposas (BRASIL e MASSMANN, 2017). Nas religiões mais praticadas no Brasil, Católica Apostólica Romana e Evangélicas (IBGE, 2010), cabe aos homens os papéis de presidir as celebrações.

Aqui sobressai a noção trazida por Beauvoir (2016) da mulher como o inessencial e o homem como o princípio essencial. Somente para exemplificar com uma evidência a

argumentação já feita da apreensão das mulheres como “o outro”, como a espécie suplementar, trazemos o modo linguístico naturalizado de tratamento das pessoas. É muito recente a inclusão do “todos e todas” no vocabulário do tratamento público. Até pouco tempo, foi, e para alguns ainda é, natural se dirigir ao público somente no masculino, como se não houvesse um vocábulo para nomear as pessoas do gênero feminino.

1.2 GÊNERO, A DISTINÇÃO CONSTRUÍDA PARA OS SEXOS

O termo gênero, aqui utilizado como uma perspectiva de análise baseada na atribuição de características distintivas entre os sexos, ainda não havia sido assim conceituado quando Simone de Beauvoir escreveu “O segundo sexo”, no entanto, as contribuições trazidas pelo livro ilustram o caráter perene da diferenciação e servem de base para algumas reflexões fundadoras do conceito de gênero.

É dominante nos registros históricos disponíveis a percepção do sexo masculino como o universal para a humanidade. Ao olhar para os relatos da história da humanidade nos deparamos com um sem número de referências de figuras masculinas no centro das ações e com umas poucas figuras femininas, raramente em papéis centrais. Essa percepção foi tão naturalizada que poucas vezes se questionou a ausência das mulheres ou mesmo seu papel secundário nos feitos retratados historicamente.

Considerando a média estatística⁴ de nascimentos em quantidade equivalente de mulheres e homens ao longo do tempo, podemos estranhar que somente um dos sexos seja retratado. Certamente a história da humanidade foi construída pela ação das duas apresentações da espécie humana e não é preciso nenhuma teoria feminista para afirmar isto, basta observar que existem homens e mulheres em quantidades equivalentes coexistindo nos mesmos espaços, logo, tudo que foi realizado teve a participação de ambos.

⁴ De acordo com o último Censo demográfico divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), as mulheres representam 51,03% da população brasileira.

Porém, até a década de 1960, essa assimetria de relevância histórica raramente era uma dimensão considerada nas ciências. Questões sobre a razão da abundância de relatos de figuras masculinas e da escassez dos relatos de figuras femininas não eram feitas, talvez porque as principais interessadas ainda não estivessem ocupando os lugares de onde se poderia apontar a ausência das mulheres como foco das pesquisas.

Contudo, uma perspectiva reveladora da realidade como construída socialmente com distinções sexuais se tornou um campo de estudos consolidado na década de 1970. Em vários lugares começaram a aparecer pesquisadoras e pesquisadores interessados em analisar os mecanismos de atribuição de valor às ações de cada um dos sexos. Possivelmente a emergência dos estudos sobre as atribuições diferenciadas para as pessoas tenha sido resultado das transformações geradas pela maior participação das mulheres nos ambientes de trabalho, que aumentou significativamente, conforme relata Hobsbawm (1995)

A partir do fim do século XIX, o trabalho em escritórios, lojas e certos tipos de serviço, por exemplo, em centrais telefônicas e profissões assistenciais, estava fortemente feminizado, e essas ocupações terciárias se expandiram e incharam à custa (relativa e por fim absolutamente) dos setores primários e secundários, quer dizer, agricultura e indústria. (HOBSBAWN, 1995, p. 304).

As mulheres também passaram a frequentar em maior número a educação superior, obtendo assim mais oportunidades nas profissões liberais. Para Hobsbawm (1995), essa maior emancipação feminina pode ter como explicação a conjuntura da economia dos países no pós guerra, que não estavam em condições de dispensar nenhuma força de trabalho disponível.

No entanto, podemos destacar que não foi apenas a necessidade econômica que colaborou no processo de incorporação das mulheres aos espaços públicos. O movimento feminista já reivindicava para mulheres a existência fora das sombras masculinas e alguns avanços já eram notados. O direito ao voto, por exemplo, foi uma conquista na maioria dos países ocidentais ainda na década de 1950.

As observações de Hobsbawm (1995, p. 307) apontam para a percepção de que o aumento da quantidade de mulheres nos espaços públicos gerou uma nova maneira de olhar para essa parcela da humanidade: “São inegáveis os sinais de mudanças significativas, e até mesmo revolucionárias, nas expectativas das mulheres sobre elas mesmas, e nas expectativas do mundo sobre o lugar delas na sociedade”.

A maior amplitude da participação das mulheres nos espaços públicos evidenciou o quanto o sexo de uma pessoa podia ser, e geralmente era, determinante para estabelecer o lugar que essa pessoa ocuparia na história. Isso porque, mesmo ocupando lugar fora do

ambiente doméstico, as mulheres permaneceram, em sua maioria, fora dos espaços onde as decisões são tomadas. Certamente a presença das mulheres nas universidades foi decisiva para revelar as estruturas fundadoras das atribuições de lugar conforme o sexo. Como afirma Rago (1998)

Desde os anos setenta, as mulheres entravam maciçamente nas universidades e passavam a reivindicar seu lugar na História. Juntamente com elas, emergiam seus temas e problematizações, seu universo, suas inquietações, suas lógicas diferenciadas, seus olhares desconhecidos. (RAGO, 1998, p. 91).

Podemos sublinhar que a relação entre sexo e lugar social baseia a noção de “gênero”, o termo que a partir de então passou a ser utilizado para abordar as diferenciações socialmente construídas e estabelecidas para as pessoas. As discussões em torno de gênero consideram sim as características biológicas, mas não inscreve nelas os traços tidos como masculinos e femininos.

“Feminino e masculino”, conforme Rago (1998), são categorias elaboradas socialmente e culturalmente, categorias essas que definem lugares específicos para as pessoas conforme o sexo biológico de cada uma. A autora ressalta que não existe correlação entre as características atribuídas aos gêneros e as características naturais dos seres, de modo que as distinções de gênero são resultado da organização social e não da biologia.

Para a historiadora Joan Scott (1995), o gênero de uma pessoa sempre estabelece uma relação de sentidos, geralmente hierárquica. Mesmo quando a questão não é sobre a relação entre os sexos, a dimensão aparece, pois ela é uma base da existência material das pessoas. Ser mulher ou ser homem é uma condição imposta desde o ventre quando já são criadas expectativas em decorrência do sexo da criança. A dimensão gênero se manifesta em quase todos os espaços da vida das pessoas

Frequentemente, a ênfase colocada sobre o gênero não é explícita, mas constitui, no entanto, uma dimensão decisiva da organização, da igualdade e desigualdade. As estruturas hierárquicas baseiam-se em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e o feminino. (SCOTT, 1995, p. 26).

Assim sendo, observar a história da organização social, bem com a realidade atual, considerando a relação existente entre os papéis atribuídos a homens e mulheres, se instaura como uma perspectiva para compreender como essas relações foram estabelecidas e as consequências da forma de organização. Ao notar que gênero “é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 21), é possível situar as distintas posições assumidas ou impostas ao longo da história para homens e mulheres.

Na visão de Scott (1995), o gênero é uma dimensão que possui quatro elementos intrínsecos gerando as categorias condicionantes para as pessoas. O primeiro elemento trata da simbologia cultural com representações, muitas vezes em posições antagônicas, para cada um dos sexos. Esse elemento inclui os mitos e lendas que circulam, sem muita formalidade, nas interações sociais criando discursos aparentemente ingênuos, mas que reproduzem limitações específicas para o masculino e o feminino.

O segundo elemento é mais formal, são os conceitos expressos nos sistemas normativos a que são submetidas as pessoas em sociedade (religiosos, educativos, científicos, políticos e jurídicos). Assim como no elemento simbólico, é em oposição que são estabelecidas as doutrinas para um e outro sexo.

Já o terceiro aspecto das relações de gênero decorre do teor político das instituições, que estabilizam as divergências históricas assumindo um dos pares das oposições como se este fosse o dominante e assim silenciam os conflitos entre eles. Como ressalta Scott (1989, p. 22) “O gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente; ele é construído igualmente na economia, na organização política e, pelo menos na nossa sociedade, opera atualmente de forma amplamente independente do parentesco”. Assim, tanto as relações familiares quanto a estrutura social ratificam poderes distintos para os sexos.

Por fim, a autora discorre sobre a identidade subjetiva de gênero, essa que representa o modo como cada pessoa se percebe como pertencente a um ou a outro sexo. São os aspectos estabelecidos pela sociedade que permitem que cada pessoa crie uma identidade de masculino ou de feminino para si. Como exemplo, podemos citar as caracterizações sobre a figura feminina como cuidadoras, que faz com que as mulheres sejam percebidas, e ao mesmo tempo se percebam, como as responsáveis pelo cuidado com as crianças. Essa identidade é formada individualmente, mas determina também os padrões de relacionamento com a sociedade.

Outra manifestação subjetiva da identidade de gênero é a relação dos sexos com a estética. Enquanto nos homens a beleza raramente é um atributo relevante, nas mulheres ele está entre os primeiros aspectos notados, é comum que se saliente o quanto uma mulher atende ou não aos padrões do que é considerado bonito. Wolf (2018) afirma que a vinculação das mulheres com a beleza é uma estratégia para controlar a atuação das mesmas, uma vez que para ser e se manter bonita são necessários investimentos de tempo e de capital. Assim,

com o peso de precisar constantemente demandar atenção aos cuidados estéticos, as mulheres têm sua participação política mais uma vez comprometida.

Wolf ressalta que o atributo da beleza como algo do feminino vem de contextos históricos que remontam ao período helênico, contudo, é perceptível que a valoração do atributo foi aumentando à medida que as mulheres passaram ocupar postos fora do ambiente doméstico, pois, como afirma a autora (2018, p. 40), “O mercado de trabalho refinou o mito da beleza como uma forma de legitimar a discriminação das mulheres no emprego.”

Portanto, a dimensão da identidade subjetiva, bem como as demais dimensões elencadas por Scott (1995), modela a organização social com configurações específicas para cada sexo. Neste sentido, observamos a dimensão gênero como basilar para qualquer análise social, uma vez que tal dimensão perpassa as estruturas e os indivíduos desde uma realidade irrefutável: todas as pessoas lidam com corpos sexuados que foram e são valorados socialmente. Existir em sociedade significa, na maior parte do tempo, conduzir uma presença generificada [marcada pelas distinções de gênero] nas diversas instâncias a que se está ligado (família, escola, trabalho, Igreja).

A noção de gênero – uma construção sociocultural para as pessoas conforme o sexo – tem como central a criação de oposições que demarcam as categorias de feminino e masculino. As características são estabelecidas pares, ‘emocional x racional’ por exemplo, de modo que possuir uma característica é negar a outra, constituindo o que Collins (2019) chama de pensamento binário.

Nesse pensamento, a diferença é definida em termos opostos. Uma parte não é simplesmente diferente de sua contraparte; é inerentemente oposta a seu “outro”. Brancos e negros, homens e mulheres, pensamento e sentimento não são partes contrárias e complementares – são entidades fundamentalmente diferentes que se relacionam apenas como opostos. (COLLINS, 2019, p. 137).

Estabelecido assim, gênero compõe a individualidade das pessoas e ao mesmo tempo fornece parâmetros de como estabelecer relações em sociedade. Para Teresa de Lauretis (1987), gênero é um sistema de categorias colocadas pela realidade para todas as pessoas. A autora cria um paralelo estabelecendo que, assim como a ideologia interpela o indivíduo e o transforma em sujeito, o gênero interpela os indivíduos e os transforma em homens e mulheres. Deixando claro que vê como uma construção as categorias de masculino e feminino, a autora desconsidera o componente biológico como central na construção de identidade dos sexos.

Embora a autora trate gênero como uma representação elaborada nas diversas instâncias das relações sociais, ela argumenta que as categorias têm implicações concretas. Ou seja, mesmo se tratando de uma percepção não determinada objetivamente, gênero tem implicações materiais na vida das pessoas. Sublinhando que as categorizações divergem nas significações, mas são, no entanto, uníssonas na produção de assimetrias entre as pessoas, a autora afirma:

O sistema de sexo-gênero, enfim, é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc) a indivíduos dentro da sociedade. Se as representações de gênero são posições sociais que trazem consigo significados diferenciais, então o fato de alguém ser representado ou se representar como masculino ou feminino subentende a totalidade daqueles atributos sociais. (LAURETIS, 1987, p. 212).

Em outras palavras, a construção social gera mecanismos para universalizar as categorias de um e de outro sexo. Assim, quando, por exemplo, a simbologia da maternidade é tratada como própria da categoria “mulher”, as pessoas incluídas nessa categoria são tomadas como portadoras dessa simbologia. Essa prática social de universalizar uma característica como inerente a todos, além de apagar as particularidades individuais, dá como estática a posição de ser homem ou mulher.

Como afirma Lauretis (1987), não existe uma forma fixa para os gêneros em todas as culturas, daí a proposição de que as características de gênero são construções sociais nos lugares e períodos históricos. Verdade que certos padrões são observáveis em vários espaços, como a associação do masculino à força física, no entanto, que coincidam algumas associações não significa que elas sejam dadas naturalmente.

A cristalização das características de gênero, que condiciona homens para certos espaços e mulheres para outros, é um produto das relações sociais e é ao mesmo tempo uma representação simbólica, como afirma Lauretis (1987, p. 212) “A construção do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação”. Num ciclo de retroalimentação, as representações constroem as relações de gênero e vice-versa.

O pertencimento às categorias de gênero é compulsória, as estruturas sociais estão impregnadas de mecanismos para condicionar as pessoas conforme um ou outro gênero (LAURETIS, 1987). Por exemplo, num ambiente escolar, crianças aprendem já com as brincadeiras no intervalo quais são os comportamentos e espaços específicos para cada sexo. Até as roupas servem para limitar conforme o gênero, posto que os trajes são produzidos já com características tidas como masculinas ou femininas.

Contudo, a caracterização das pessoas conforme o gênero gera uma série de situações socialmente complexas. Primeiro porque, de acordo com o que afirma Scott (1995), o posicionamento de gênero traz consigo posições sociais hierárquicas, nas quais, geralmente, o masculino é valorizado em relação ao feminino. Assim, se constrói um universo social onde ser mulher ou homem é ocupar espaços já concebidos como superior ou inferior.

Depois porque os condicionamentos de gênero, por mais coercitivos que sejam, não conseguem ser eficientes a ponto de produzir em todas as pessoas sujeitos com pertencimento de gênero dentro do considerado feminino e masculino, que são as identidades socialmente aceitas como naturais. A relação sexo / comportamento de gênero nem sempre é eficaz na reprodução dos padrões e muitos indivíduos são colocados à margem da sociedade por não se atrelarem as definições estabelecidas.

Uma vez que a organização social se dá em torno de posições naturalizadas para os indivíduos de acordo com o sexo e sua correlação de gênero, quando alguém não ocupa o lugar que “deveria” socialmente são impostas sanções, que podem ser expressas em constrangimentos verbalizados cotidianamente ou em atos de uso da força física, somente para citar alguns exemplos. Em qualquer uma das modalidades, quem não se encaixa no padrão esperado pode ser vítima de alguma forma de violência.

É possível que essa “falha” na reprodução dos padrões seja uma evidência de como as características de gênero são construções sociais (SCOTT, 1995); (SAFFIOTI, 2015) e não determinadas biologicamente, pois se há variações no comportamento dos indivíduos – nem toda fêmea é delicada e nem todo macho é rude – não se pode atribuir à natureza a origem das formas de ser cada sexo⁵.

⁵ Essa discussão é mais ampla do que apresentamos aqui, seria preciso discutir as subjetividades na área do comportamento e quem sabe da sexualidade humana para criar os encadeamentos necessários para aprofundar a análise. No entanto, essa pesquisa não está interessada em demarcar em que terreno está situada a diferenciação de gênero, pretende sim especificamente analisar como a diferenciação que modela a sociedade se manifesta nos conteúdos jornalísticos e por isso são levantadas as questões sobre os condicionamentos de gênero.

Precisamos ressaltar que, mesmo sendo uma categoria reveladora dos condicionantes de comportamento e por isso imprescindível como dimensão analítica da organização social, o pensamento em torno das discussões de gênero pode ser visto como limitado em alguns aspectos. Isso porque o destaque nas relações dos atributos “feminino” e “masculino” ainda é feito considerando padrões estáticos para as pessoas, diferindo das visões que não consideram a ideia de gênero somente por evidenciar a assimetria de poder implícita na construção de lugares.

Para Saffioti (2015), as ideias em torno conceito de gênero foram rapidamente incorporadas exatamente por ter um caráter mais reformador do que transformador. Para a autora “Como o gênero é visto ora como capaz de colorir toda a gama de relações sociais, ora como um mero aspecto destas relações, é difícil dimensionar sua importância, assim como sua capacidade para articular relações de poder”. (SAFFIOTI, 2015, p. 113).

Assim como a autora, ressaltamos que os debates sobre a categoria gênero são eficazes em demonstrar a assimetria entre os sexos e em evidenciar a hierarquia da dominação masculina. Contudo, eles não trazem elementos que proporcionem a ruptura com o sistema maior que sustenta a opressão. Por considerar a organização social nas categorias mulher e homem, a discussão de gênero ainda limita as possibilidades de expressão, posto que reforça o pensamento binário (COLLINS 2019) sobre estas formas de expressar a subjetividade individual.

1.3 O FEMINISMO E O PODER REVOLUCIONÁRIO DE ESTRANHAR

Uma visão de gênero com uma perspectiva mais abrangente e menos limitadora é apresentada pela teoria Queer, que, ao propor como transitórias as características de gênero, imprime para as relações sociais uma noção libertadora de pertencimento ou até mesmo uma possibilidade para escapar dos ciclos que historicamente oprimem as pessoas que não se encaixam dentro dos padrões estabelecidos.

O termo “*Queer*” vem do inglês, no qual significa esquisito e funciona naquele léxico como um xingamento. Em português seria o equivalente a bizarro, porém com carga pejorativa para determinar algo repugnante socialmente. Contudo, na utilização dele nos estudos de gênero subverte a o vocábulo e “estranho” deixa de ser um xingamento, passa a

designar as pessoas que não se definem dentro dos limites do que seria o esperado para os sexos.

Surgida no mesmo ninho dos movimentos contestadores da década de 1960, a teoria somente foi consolidada na segunda metade da década de 1980. Traçando o panorama da origem da teoria, Miskolci (2012) explica as discussões que ocorreram em torno da epidemia de AIDS serviram para evidenciar que não era estável a aparente aceitação que havia surgido pelas lutas do movimento homossexual, pois os gays foram extremamente estigmatizados quando o vírus se tornou conhecido.

Logo o vírus foi associado à homossexualidade, era como se o vírus, que representava uma sentença de morte antes da evolução dos tratamentos que seria possível poucos anos depois, representasse uma punição para quem ousava viver além das delimitações conservadoras de sexualidade e de relacionamento. Assim, ficava evidente o quanto os padrões sociais vigentes estavam aptos a segregar as pessoas em decorrência da orientação sexual, pois a transmissão do vírus não tinha e, obviamente não tem, relação com a sexualidade – tem sim relação com falta de uma educação sexual que ensine sobre comportamentos sexuais de risco.

Essa discussão gerou artigos e argumentações sobre a problemática da abjeção, da ausência de dignidade conferida às pessoas que vivem fora do considerado como “normal”. Assim, a base da teoria *Queer* é criticar os modelos geradores de abjeção na sociedade, aqueles modelos que fazem as pessoas sofrerem vergonha e ser alvo de estigmatizações, modelos que reduzem as possibilidades de expressão da individualidade a duas formas bem definidas.

Ainda que seja tomado em muitos casos como sinônimo para o movimento em defesa dos direitos homossexuais, o movimento Queer vai além e se diferencia por discutir a categoria da heteronormatividade, que, segundo a teoria, é o padrão imposto para todas as pessoas, sejam elas heterossexuais ou não. Como afirma Miskolci (2012)

Enquanto o movimento homossexual apontava para adaptar os homossexuais às demandas sociais, para incorporá-los socialmente, os queer preferiram enfrentar o desafio de mudar a sociedade de forma que ela lhes seja aceitável. Enquanto o movimento mais antigo defendia a homossexualidade aceitando os valores hegemônicos, os queer criticavam esses valores, mostrando como eles engendram as experiências da abjeção, da vergonha, do estigma. (MISKOLCI, 2012, p, 25).

Em outros termos, significa dizer que, para o queer, tão importante quanto aceitar o direito dos casais homossexuais de terem filhos é aceitar que as pessoas optem por não ter

filhos. Tão importante quanto aceitar a sexualidade homossexual ou heterossexual é aceitar que pessoas optem por não se relacionar sexualmente. Ou ainda, perceber que a identificação em um gênero ou outro não é compulsória e que há a possibilidade de identificar-se nos dois, ou em nenhum. A luta é para que a liberdade das pessoas seja preponderante sobre as determinações de normalidade e padrão que balizam o convívio em sociedade.

Até os anos 1980, as teorias que discutiam as relações subjetivas no campo das identidades admitiam certa estabilidade nas convenções de sexo, gênero e desejo. A discussão assumia a existência de uma fluidez natural, na qual o sexo – macho e fêmea / homem e mulher – determinaria o gênero (feminino e masculino). Embora já se reconhecesse a validade da diversidade de orientações sexuais (gays e lésbicas), subjazia o condicionamento de alguma orientação sexual.

Judith Butler é umas das teóricas mais importantes na discussão sobre a possibilidade do indivíduo não se vincular estritamente a nenhuma das categorias. Ela discute que gênero é uma performance e como tal é transitória. Para a autora, “como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes (BUTLER, 2016, p.33)”.

A visão de Butler (2016) traz elementos para colocar o ser humano num lugar onde o corpo não é o determinante de sua identidade de gênero e muito menos da sua orientação sexual. Assim, ter nascido num corpo com vagina não seria determinante nem para ser/ ter as características tidas como femininas e são socialmente atribuídas à mulher. Nem para desejar sexualmente um determinado sexo, pois, como construção social, essas categorias são fluídas e não estão atreladas. De acordo com a autora, ser homem, por exemplo, é antes uma performance social não determinada pela biologia da pessoa ou uma condição imposta pelo aparelho reprodutor do sujeito.

Salientamos, em consonância com as afirmações de Butler (2016), o caráter imaterial do pertencimento às categorias de gênero. Embora exista todo um sistema de condicionamento para o estabelecimento das diferenças que constroem as identidades de homem, mulher, trans (...), essas categorias não são determinadas biologicamente. No mesmo sentido temos a afirmação de Breton (2012, p. 68) sobre “as qualidades morais e físicas atribuídas ao homem ou à mulher não são inerentes a atributos corporais, mas são inerentes à significação social que lhes damos e às normas de comportamento implicadas”.

Dessa forma, enxergamos na perspectiva Queer uma possibilidade para re-significar as noções de gênero vivenciadas nas relações sociais. Ao retirar do corpo a base dos valores que estruturam a sociedade de acordo com lugares para mulheres e homens, a perspectiva abre caminho para a construção de novas formas de convívio. Observando que as diferenças são construídas socialmente, é possível repensar as marcas sociais que já foram incorporadas e ainda assim construir novos significados para os elementos que formam a realidade.

As contribuições da Teoria *Queer* possibilitam uma perspectiva diferente para observar como as noções de gênero [atribuições culturais e sociais de características para os sexos] podem ser vivenciadas. Elas acrescentam ao debate das questões de gênero uma camada libertadora de padrões que limitam as pessoas em papéis específicos conforme o sexo. Com a Teoria *Queer* podemos observar que os gêneros podem assumir mais formas do que aquelas impostas como normativas. Daí percebemos o quanto as características podem ser fluídas e o quanto é limitador inscrever as pessoas em formatos rígidos.

Tendo as concepções de gênero flexibilizadas, conseguimos enxergar que o pertencimento a um ou a outro gênero é problemático quando certas características são valorizadas e outras desprezadas. bell hooks ⁶(2018) afirma ser esse o principal problema das relações sociais no tocante a gênero, pois as hierarquias sociais utilizam as características dos gêneros como base para os discursos e práticas de discriminação.

A discriminação com base nas características de gênero acontece principalmente com as mulheres, mas também os homens são vítimas das relações baseadas nas categorias de sexo. A autora bell hooks (2018, p.21) aponta no feminismo uma possibilidade para repensar as relações sociais e argumenta que o feminismo “é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão”. O conceito, definido pela autora como “simples”, abre a reflexão sobre a necessidade de disseminar socialmente os princípios feministas para

⁶ Esta autora escreve o pseudônimo com letras minúsculas, é uma postura política adotada por ela para sinalizar que o “maiúsculo” é o que ela escreve, não exatamente a autoria. Mesmo contrariando a norma culta da Língua Portuguesa, optamos em respeitar a preferência da autora.

propiciar à sociedade estruturas justas e horizontais, nas quais todas as pessoas se relacionem sem opressão.

Bell hooks explica na obra “O feminismo é para todo mundo” (2018) que uma visão deturpada do movimento feminista foi historicamente transmitida para a sociedade. Dessa forma, quem não teve um pouco de audácia para conhecer as bases teóricas do movimento e se contentou com o senso comum acabou absorvendo que o feminismo é um movimento anti-homens, que tem como bandeira tirar as mulheres da condição de dominada e colocá-la na posição de dominadora.

Mesmo com o avanço das possibilidades de conhecimento, essa visão ainda é comum atualmente e colabora para que o real sentido do movimento feminista permaneça longe da maioria da população. Na verdade, o objetivo do feminismo é acabar com as distinções feitas com base no sexo das pessoas. A luta é para que os direitos, oportunidades, espaços, brincadeiras, sentimentos (...) sejam universais e não em decorrência do sexo apresentado pela criança no nascimento.

A visão deturpada do feminismo, aquela em que as mulheres assumem os postos de comando e colocam os homens sob seu domínio, não reconhece o norte do movimento: mudar as estruturas para criar um mundo justo (HOOKS, 2018). Não se trata de substituir homens por mulheres, a luta é para que todas as pessoas sejam admitidas nos espaços sem que exista distinção ou cerceamento.

Até porque, como bem mostram as experiências vividas desde o início da luta pelos direitos das mulheres, para transformar a sociedade é insuficiente – ainda que necessário – incluir as mulheres nas esferas sociais. Se não há reestruturação no modelo social, as mesmas práticas continuam sendo perpetuadas e mulheres e homens seguem vivendo sob condições de mútua opressão.

No modelo de organização social vigente, como afirma Biroli (2018), é dominante a associação das mulheres com as instâncias de cuidado, na quais a participação dos homens é vista como uma colaboração e não como uma necessidade conjuntural da reprodução da vida cotidiana. Para a autora, essa forma de organização é um impeditivo para o desenvolvimento pleno da democracia, uma vez que produz desvantagens estruturais para as mulheres e ao mesmo tempo produz privilégios para os homens.

Nas relações assim estabelecidas, estão no polo do privilégio aqueles que têm maior presença na política institucional, e, como tal, maiores possibilidades de influenciar a agenda pública e a formulação de leis e políticas. Está no polo desvantagem e da opressão justamente quem tem menores possibilidades de ocupar espaços e exercer

influência no sistema político, isto é, as mulheres, em especial mulheres negras, pobres e imigrantes. (BIROLI, 2018, p. 46).

Com a divisão do trabalho balizada pelas marcações de gênero, numa relação em que as mulheres são responsabilizadas pela manutenção da vida cotidiana e os homens pelas decisões políticas, os dois universos são vistos como particularidades dos sexos. De acordo com o proposto pela autora, essa generificação de universos é a principal causa da desigualdade entre os sexos, que se expressa na representação política, no acesso à educação – praticamente todas as esferas que conferem poder e autonomia às pessoas.

Essas desigualdades de gênero são entrelaçadas com outras duas formas de diferenciação que conferem o poder de forma desproporcional: por de renda e por raça. Amalgamadas entre si e presentes nas instituições sociais, elas estabelecem para as pessoas lugares na estrutura social de acordo como o pertencimento a cada categoria. Numa interpretação do pensamento de Collins (2019), podemos dizer que homens brancos e ricos são tidos como naturais no espaço dos privilégios, ao mesmo tempo em que as mulheres negras e pobres são percebidas no espaço da abjeção dos direitos.

A opressão interseccional se faz presente nas estruturas sociais garantindo os privilégios de quem pertence à classe, à raça e ao gênero dominantes, ao mesmo tempo em que legitima as formas de segregar quem é marcado pela ausência das características de poder. Como afirma Collins (2019)

Os alicerces das opressões interseccionais se apóiam em conceitos interdependentes do pensamento binário, em diferenças formadas por oposição, na objetificação e na hierarquia social. Dado que a dominação baseada na diferença forma um substrato essencial para todo esse sistema de pensamento, esses conceitos implicam invariavelmente em relações de superioridade e inferioridade, vínculos hierárquicos que se misturam a economias políticas de opressão de raça, gênero e classe. (COLLINS, 2019, p. 139).

Cada um das camadas da opressão interseccional é marcada pelo binarismo que estabelece as noções por oposição, sendo a opressão por renda, por exemplo, é construída na oposição pobre x rico. As práticas da vida social são estruturadas por noções binárias (COLLINS, 2019) que, de acordo com as marcas de diferenciação dos sujeitos, organizam as relações de poder entre as pessoas.

Na estrutura social marcada pela distribuição poder a partir das marcas de raça, gênero e classe, as desigualdades impostas por estas condições são tidas como naturais. Conforme afirma Almeida (2018), concepções discriminatórias compõem as instituições sociais de tal forma que a ausência de certos sujeitos nos espaços de poder não causa espanto. O quadro de

representantes eleitos em que figuram predominante homens brancos – sendo que dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam mulheres e negros como maioria na população – ilustra como os marcadores sociais da diferença estruturam as instituições.

É neste cenário que apontamos a necessidade de observar as relações de gênero no jornalismo, uma vez que esta prática social é tanto uma instituição social, quanto uma ponte entre a sociedade e as outras instituições⁷. Considerando que o jornalismo perpassa várias camadas da sociedade, buscamos levantar quais são os padrões de gênero que marcam a atuação desta prática social.

⁷ Na teorização feita por Berguer e Luckman (2011), uma instituição é uma organização na qual as atividades cotidianas são transformadas e reproduzidas em padrões legitimados socialmente reconhecidos. Trata-se tanto de organizações como igrejas e escolas, quanto de organizações abstratas, como a linguagem, por exemplo.

2 PRÁTICA JORNALÍSTICA – UM LUGAR PARA AS REALIDADES

Ao menos duas hipóteses podem ser levantadas quando analisamos qual seria o papel do jornalismo nas discussões sobre gênero. É possível que a mídia opere com cerceamentos baseados em gênero, bem como é possível que a mídia apenas retrate objetivamente as relações existentes na sociedade.

No caso de operar fazendo restrições de ambientes conforme posições de gênero, qual a justificativa para isso? Existiria algum princípio filosófico orientando como devem ser as notícias de um ou de outro gênero? E no caso de apenas retratar o que verifica, estaria acaso falhando como sua premissa democrática de funcionar como a voz dos que não têm voz? A mítica objetividade jornalística não seria um mero despiste para negligenciar aos princípios jornalísticos?

Mesmo percebendo o grande valor de responder com clareza a todas essas questões, pois elas suscitam discussões sobre alguns cânones do jornalismo e sobre os valores da prática jornalística em si, reconhecemos que nosso esforço acadêmico talvez não tenha condições para obter tais respostas. Assim como também entendemos que conduzir o trabalho por esse caminho não seria profícuo para atingir nosso objetivo de mostrar como as relações de gênero são materializadas nas notícias do G1.

Dessa forma, propomos deslocar nossa análise e discussão para um ponto de articulação entre as duas hipóteses. Ponderando que ambas podem ser válidas, ou seja, tanto há um cerceamento balizado pelas premissas de gênero quanto há uma representação objetiva da sociedade, nos concentramos em apontar as condições em que as situações generificadas (imbricadas de características atribuídas aos homens e às mulheres) são produzidas no conteúdo jornalístico.

Entendemos que o jornalismo, através das matérias que produz e publica, elabora uma paisagem que reconstrói a realidade social. Por isso convém evidenciar quais são os mecanismos manipulados na prática jornalística para apresentar as pessoas conforme o sexo delas. Abordamos, no plano geral das práticas jornalísticas, as estruturas em que são elaborados os conteúdos produzidos rotineiramente. De modo específico, tratamos as características do jornalismo digital, posto que é nessa modalidade o foco da análise jornalística que fazemos nesta pesquisa.

2.1 O jornalismo e a construção social da realidade

Há na condição humana um princípio que conduz os indivíduos na direção da sociabilidade. Por nascer sem as habilidades inatas de sobrevivência e ainda imaturos para o contato direto com o mundo natural, a espécie humana se desenvolve pela relação que estabelece com os demais membros da espécie e com eles aprende habilidades para sobreviver. Obviamente, também nas outras espécies é importante o papel dos demais membros na sobrevivência dos bebês, porém, entre os humanos esse processo de cuidado leva mais tempo e é mais complexo em ensinamentos (BERGUER; LUCKMAN, 2011).

Assim sendo, a existência humana é forjada na relação com o outro, é a partir das noções ensinadas em sociedade que cada pessoa vai desenvolvendo uma forma de ser. Esse convívio em sociedade é regido por uma série de noções que são transmitidas para as pessoas desde o momento em que chegam ao mundo, é o que é passado para todos como “a realidade”, como o universo de formas de interações possíveis e compreensíveis nas relações com o mundo ao redor. É em torno da realidade que, desde cada particularidade, são estabelecidas relações de interação com o mundo em que cada indivíduo se encontra.

Recorrendo a uma simplificação para chegar mais diretamente ao núcleo de um conceito, definimos realidade como a “qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição” conforme propõem Berguer e Luckman (2011, p. 11), que se eximem de discutir as particularidades semânticas do termo “realidade” e assim o conceituam. A realidade, o conjunto de fenômenos percebido pelas pessoas, tem como marca ser algo exterior ao indivíduo, algo que não precisa da intenção desse para existir – acontece gerado por forças exteriores ao desejo particular.

Percebidos como “reais”, os mecanismos da vida em sociedade são incorporados pelas pessoas e se transformam em noções norteadoras das interações dos indivíduos com o mundo. É pela percepção da realidade que as pessoas sabem qual é a forma de aguardar em uma fila, a postura de sentar à mesa, o que dizer no balcão de atendimento, bem como sabem quais são os valores adequados do convívio social. Tais assimilações podem ser explícitas em leis ou normas ou simplesmente serem comunicadas por elementos implícitos nas práticas sociais.

Os autores explicam que a apreensão da realidade se dá por meio do conhecimento, definido como a “certeza de que os fenômenos são reais e possuem características específicas” (BERGUER; LUCKMAN, 2011, p. 11). Assim, ao notar que algo existe fora da

vontade pessoal e que esse algo tem particularidades visíveis, as pessoas articulam os conhecimentos sobre as especificidades e com isso percebem os fenômenos que geram a realidade.

Os fenômenos percebidos e que não dependem da vontade do indivíduo – a realidade – se sucedem historicamente e com isso criam os padrões de interação cotidiana com os demais indivíduos, com a natureza e demais espaços da existência. A consolidação dos padrões ocorre ao longo do tempo, de modo que dezenas de anos depois as pessoas repetem ações sem ter noção de como elas surgiram. Os hábitos gastronômicos de uma sociedade, por exemplo comer farinha, têm uma explicação lógica que nem sempre é evidente para o indivíduo que consome apenas porque tem na mesa. Da mesma forma, para trazer um exemplo da esfera dos valores, as funções domésticas são atribuídas sem que se discuta qual a lógica de estarem, na maioria das vezes, sob a responsabilidade das mulheres.

Considerando a história podemos observar que, num primeiro momento de estruturação social, os padrões de interação surgem do contato direto com o grupo de pertencimento, quando as pessoas repetem aquilo que vêm as demais fazerem, mas que, conforme vão se sucedendo as gerações, a experiência empírica vai deixando de ser preponderante e a ação cotidiana passa a acontecer sem ter relação direta com o fato que a gerou. Como afirmam Berguer e Luckman (2011, p. 51), “A realidade social da vida cotidiana é, portanto, apreendida num contínuo de tipificações, que vão se tornando progressivamente anônimas à medida que se distanciam do ‘aqui e agora’ da situação face a face”.

Pela transmissão de modelos de uma geração para outra, proporcionada pelas tipificações, é criada uma estabilidade na interação social, posto que as pessoas sabem o que esperar umas das outras, bem como o que se espera delas nas situações da vida cotidiana. Nesse conjunto de fenômenos estão tanto os hábitos necessários para o desenvolver do cotidiano, como, por exemplo, o modo de lidar com a higiene, quanto os modelos de comportamento. As etapas do convívio social foram e são tipificadas de maneira a assumirem características reconhecíveis para uma sociedade. Conforme hábitos e rotinas são compartilhados, eles reforçam, pelo mecanismo da repetição, a ideia de que são verdadeiros.

Na visão ressaltada pelos autores, a realidade social é construída baseada em três premissas essenciais: “A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social” (BERGUER; LUCKMAN, 2011, p. 85). Em outros termos, significa dizer que a sociedade e o homem /a mulher se constroem reciprocamente

pela transformação objetiva que fazem das experiências vividas. Partindo do entrelaçamento dessas premissas, os autores apontam conceitos que delimitam o mundo como uma realidade socialmente construída, no qual a ordem social pouco ou nada tem de natural.

Na perspectiva de análise desenvolvida neste trabalho, adepta da visão do mundo como uma construção humana e essa igualmente produto da construção social nas quais as experiências são objetivadas, destacamos os conceitos sociológicos propostos pelos autores que são aplicáveis à compreensão dos fenômenos das relações estabelecidas socialmente para as pessoas conforme o sexo. Mais adiante esses conceitos destacados serão úteis para analisar a manifestação desses fenômenos nas notícias jornalísticas.

Talvez o mais importante dos conceitos seja sobre institucionalização, que pode ser definido como a transformação das atividades em padrões reproduzíveis pela coletividade, ou, em outros termos, como o conjunto de tipificações construído socialmente que é reconhecido pelos indivíduos sob a condição de modelo a ser seguido. De acordo com os autores, mesmo que tenha origem na biografia das pessoas, é historicamente que a institucionalização se desenvolve imbricada nas relações cotidianas da vida social.

A história, compreendida como transcorrer do tempo necessário para a transformação da atividade rotineira em instituição, aperfeiçoa e reforça o processo de objetivação das ações humanas. Conforme conceituado pelos autores, a objetivação ocorre quando as situações vividas são tornadas compreensíveis também fora da situação em que acontecem. (BERGUER; LUCKMAN, 2011)

No processo de produção e assimilação de fenômenos como reais através da objetivação, a forma mais amplamente utilizada pelos humanos ocorre através da linguagem, que entrega à instituição um corpo de palavras capaz de reportá-la além do contexto original. A linguagem é o pilar da sedimentação da institucionalização, ou seja, da cristalização como verdadeiros fenômenos da vida cotidiana. A linguagem atua dando a base para que padrões institucionalizados sejam comuns em uma determinada sociedade. Para Berguer e Luckman (2011),

A linguagem objetiva as experiências partilhadas e torna-as acessíveis a todos dentro da comunidade linguística, passando a ser assim a base e o instrumento do acervo coletivo de conhecimento. Ainda mais, a linguagem fornece os meios para a objetivação de novas experiências, permitindo que sejam incorporados ao estoque já existente do conhecimento, e é o meio mais importante pelo qual as sedimentações objetivadas são transmitidas na tradição da coletividade em questão. (BERGER & LUCKMAN, 2011, p. 93).

A linguagem, uma modalidade de articulação dos conhecimentos, ao mesmo tempo em que possibilita a interação entre os usuários de uma mesma língua, funciona como uma forma de reforço dos padrões institucionalizados. Sua capacidade de objetivação, conforme afirmam Berguer e Luckman (2011), torna os fenômenos compreensíveis e assim podem ser experimentados sem ter vinculação estrita com as estruturas da situação original.

Sendo um importante modo de acesso aos mecanismos da vida social, a linguagem possibilita, dentro de um mesmo universo linguístico, a estabilidade dos padrões da interação social, posto que integra na comunicação fenômenos do passado e do presente. Dessa forma, encontra-se na linguagem uma importante forma de sedimentação das noções mobilizadas pelas pessoas para a convivência social. Sobre a integração possibilitada pela linguagem, Ponte (2005) explica que

Os campos semânticos construídos pela linguagem constituem esquemas de classificação que permitem a acumulação da experiência. A transmissão de esquemas de classificação para diferenciar os objetos constitui o *acervo social de conhecimentos*. Este diferencia a realidade por graus de familiaridade, com informação complexa e detalhada sobre sectores da vida diária com que se lida intensamente e uma informação mais difusa sobre sectores mais remotos. Grifo da autora. (PONTE, 2005, p. 98-99).

Conforme salientado por Ponte (2005), a integração favorecida pela linguagem cria o acervo social de conhecimentos, conceito de Berguer e Luckman (2011) para nomear o universo de possibilidades de conduta para as pessoas no convívio social. A linguagem entrelaça na subjetividade dos indivíduos as noções que são experimentadas na realidade social, criando dentro do universo particular de cada pessoa um reflexo das experiências do universo coletivo.

A institucionalização e sua principal forma de objetivação na sociedade, a linguagem, possibilitam a legitimação das ações desenvolvidas na manutenção e estabelecimento da ordem social. Por legitimação tratamos, conforme conceituam Berguer e Luckman (2011), da explicação colada às práticas instituídas para justificar porque as coisas são como são. Para os autores, a legitimação ocorre em quatro níveis, diferenciados de acordo com o grau de profundidade teórica com que são tratados os conhecimentos.

Para explicar os níveis de legitimação propostos pelos autores, vamos criar a hipotética situação de receber em casa alguém que vem de outro planeta e nada sabe sobre a ordem social da sociedade brasileira. Logo se teria que explicar para o Extra, o personagem criado, todos os conhecimentos que ele precisa para fluir no convívio social – temos com essa conduta exemplo do primeiro nível de legitimação, o *incipiente*, no qual são feitas

justificações para explicar os padrões básicos da estrutura social. (Sentamos à mesa para fazer refeições).

Nas explicações dadas ao Extra da estrutura social seriam usados provérbios, histórias e mitos como reforço para as sentenças simples utilizadas nas primeiras elucidações. Esse tipo de justificativa corresponde como ao segundo nível de legitimação, o *rudimentar*, realizado com explicações teóricas simples, em que a justificativa, a moral da história, está praticamente evidente como na legitimação “incipiente”. (É preciso comer sentando para a comida não ir para os pés).

Então, passados alguns anos, vários outros da espécie de Extra estariam morando no Brasil e ele, já bem experimentado em sociedade, é que daria as explicações aos colegas, pois é quem melhor entende de ser de fora e de aprender sobre sociedade brasileira. Por ter estudado bastante, além das justificativas *incipiente* e *rudimentar*, ele daria explicações com profundidade, talvez até tivesse uma escola para ensinar as razões e finalidades dos conhecimentos. Trata-se nesse caso do nível *teórico*, que trabalha produzindo conhecimentos diferenciados, especializados sobre os conhecimentos. Nesse nível, já há bastante complexidade, pois as explicações são dadas levando em consideração uma série de encadeamentos de conhecimentos. (Ele ensinaria a teoria da alimentação na relação com a postura dos membros).

Quando, por fim, muitas gerações de Extras estivessem vivendo na sociedade brasileira haveria toda uma tradição da presença deles, haveria livros sobre a vida dos Extras no Brasil e algumas outras representações baseadas nas imagens deles ou até uma cor que os lembrasse. Talvez eles se tornassem um tipo de excentricidade típica que movimentaria o turismo da região em que estivessem instalados. Essas situações são exemplos do quarto nível de legitimação, o *simbólico*, onde são geradas significações que dão sentidos diferentes para as experiências do cotidiano. É o nível mais elevado de legitimação, capaz de evocar uma série de instituições com apenas um símbolo, como, por exemplo, um boné vermelho.

Ao elencar os quatro níveis de legitimação, Berguer e Luckman (2011) evidenciam que elas ocorrem sobrepondo-se em camadas, criando nexos que dão coerência à estrutura social composta pelas instituições. No entanto, é no nível simbólico que são integradas com mais potência as explicações para a ordem social. Conforme os autores,

O universo simbólico fornece uma integração unificadora de todos os processos institucionais separados. A sociedade inteira agora ganha sentido. Instituições e papéis particulares são legitimados por sua localização em um mundo compreensivelmente dotado de significação. Por exemplo, a ordem política é

legitimada pela referência a uma ordem cósmica de poder e justiça e os papéis políticos são legitimados como representações desses princípios cósmicos (BERGUER; LUCKMAN, 2011, p. 135-136).

Dessa maneira, o universo simbólico recobre de significações as instâncias da vida social, que adquirem sentidos exteriores ao momento vivido. Os exemplos mais fáceis de apontar dessa forma de legitimação podem ser encontrados na esfera da religiosidade, porém há carga simbólica impregnada nas demais esferas da “aglomeração de instituições que chamamos sociedade”(BERGUER; LUCKMAN, 2011, p. 78). As artes, a economia, a política, as ciências, os esportes (...) são universos repletos de legitimações simbólicas.

Contudo, se quisermos uma área privilegiada para observar tanto as legitimações simbólicas quanto as demais, podemos voltar nossa atenção para a comunicação. Por ter uma forma de mediação baseada na linguagem, que, como já foi dito (PONTE, 2005), é a principal condutora da sedimentação das instituições sociais, na comunicação podemos verificar a manifestação das formas de explicar o lugar de cada coisa no mundo.

Como explicitado por Correia (2009), os conceitos e teorias da construção da realidade Berguer e Luckman (2011) explicam os processos realizados em sociedade para a construção da realidade. Mesmo que na obras os autores não façam referências diretas à comunicação, os conceitos são úteis para analisar o movimento de construção dos sentidos que acontece na área.

O problema da “construção da realidade” abrange uma nebulosa de conceitos e teorias, não sendo, pois, uma forma específica de abordagem mas antes um conjunto de temas e de problemas. O termo é aqui utilizado para designar um conjunto de elementos teóricos que parte de uma análise da noção de sentido e estuda a passagem do significado subjectivo ao significado objectivo. (CORREIA, 2009, p. 53).

Historicamente, as pessoas envolvidas no processo de construção da realidade social tendem a desenvolver modos para objetivamente materializar a relação de construção do mundo cotidiano. Para Veron (2014), é como se fosse natural da espécie humana, em virtude do sistema psíquico, gerar fenômenos para exteriorizar aspectos da subjetividade individual de cada ser. Assim, o surgimento dos sistemas de mídia, para o autor, decorre naturalmente dos processos históricos da espécie, sendo as tecnologias uma extensão da construção social da realidade elaborada pelos indivíduos.

Relevante aspecto no modo de vida em sociedade, posto que a organização social carece da mediação que a área oferece, a comunicação dispõe de uma série de práticas e metodologias que funcionam interligando pessoas e estruturas sociais sob os mais

diversificados propósitos. Dentre as práticas, destacamos uma que tem particular vinculação com a construção social da realidade: o jornalismo.

2.2 AS PREMISSAS DA RE(CONSTRUÇÃO) DA REALIDADE FEITA PELO JORNALISMO

O jornalismo pode, em decorrência do processo necessário para a execução do seu método, que é desenvolvido em relação direta com os acontecimentos da sociedade, funcionar como um “mostruário” da realidade. Algumas considerações de Berguer e Luckman (2011) sustentam a argumentação que Alsina (2009) faz sobre o processo de seleção e, antes disso de percepção dos acontecimentos que ocorre nas práticas jornalísticas.

Alsina (2009) propõe a existência de premissas norteadoras na apreensão dos acontecimentos que se transformam em notícias. Para o autor “1) Os acontecimentos são gerados através de fenômenos que são externos para o sujeito; 2) Os acontecimentos não fazem sentido longe dos sujeitos, pois são eles que lhes conferem sentido” (ALSINA, 2009, p. 114). Essas premissas se valem dos conceitos de realidade, conhecimento e institucionalização, já abordados neste trabalho.

A terceira premissa trazida por Alsina (2009) sintetiza que os acontecimentos possuem somente as formas conferidas pelos conhecimentos mobilizados pelo sujeito, de modo que a existência dos acontecimentos é dada pela ação humana. Assim constatamos que a prática jornalística se dá em processos já experimentados pelas pessoas no relacionamento com a realidade, em outras palavras, o modo como o jornalismo atua para perceber os acontecimentos é similar ao modo das pessoas de construir a realidade.

No entanto, mesmo captando os acontecimentos de forma comparável a forma das pessoas, o jornalismo processa a realidade de modo diferenciado. Enquanto as pessoas percebem os acontecimentos da vida cotidiana de acordo com o somatório das demais experiências que vive, o jornalismo processa os acontecimentos baseando-se, conforme proposto por Alsina (2009), no impacto do acontecimento no universo de referência em que é realizado, bem como nas possibilidades técnicas e discursivas de comunicar. Também tem relevância no processo de captação dos acontecimentos os sujeitos vinculados ou como destinatários da informação ou como envolvidos na origem do acontecimento.

No sistema de mídia, gera-se um nível de determinação do que serão os acontecimentos que merecem de fato a atenção para se tornarem notícia. Esses

acontecimentos terão determinadas características que serão consideradas tanto pelos produtores quanto pelos consumidores de notícia. (ALSINA, 2009, p. 161).

Conforme exposto, os diversos acontecimentos da vida em sociedade são tratados e se transformam em fatos que geram as notícias, essas o produto básico do jornalismo. Trazemos aqui, com base no proposto por Seixas (2009), a distinção entre fato e acontecimento. Para a autora, o acontecimento é processo complexo, um fenômeno com duração indeterminada na atualidade. Já o fato é algo ocorrido, finalizado, que pode ser compreendido mediante questões objetivas. Dessa forma, podemos aludir que o acontecimento seria algo como a seca no interior do Nordeste e o fato seria as perdas em alguma propriedade.

O jornalismo, com base em critérios que oportunamente serão discutidos, seleciona fatos a partir dos quais compõe uma realidade. Traquina afirma (2004, p. 21) que “poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de ‘estórias’, ‘estórias da vida’, ‘estória das estrelas’, ‘estória’ de triunfo e tragédia”. O autor ressalta que os jornalistas na sociedade contemporânea podem ser vistos como herdeiros autorizados a continuar a tradição de contar ‘estórias’ historicamente exercida pelos povos (TRAQUINA, 2004).

Ao usar o verbo *poder* no modo condicional, o autor deixa implícito que considerar o jornalismo como uma simples decorrência da tradição de narrar é uma possibilidade e deixa espaço para supor que existem outras formas de encarar a prática jornalística. Mais adiante, Traquina (2004) apresenta outra possibilidade para o que seria o jornalismo como conhecemos hoje nas sociedades democráticas: o produto decorrente da sociedade organizada em torno da produção de excedente econômico, marcada pelas condições tecnológicas e valores morais.

Seguindo a argumentação proposta pelo autor, é possível enxergar o jornalismo tanto como um reflexo da tradição de narrar quanto como uma necessidade das esferas de produção econômica. Ao articular essas possibilidades, Traquina (2004) recorre ao conceito de campo⁸,

⁸ “Um campo é um espaço social estruturado – um campo de forças, há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças” (BOUDIEU, 1997, p. 57).

proposto pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1997), para explicar que o jornalismo é moderado pela relação entre o polo intelectual – representado pela visão de mediação necessária para democracia - e o polo econômico – representado pela lógica que norteia a existência das instituições jornalísticas.

Assim, o campo jornalístico moderno, com os seus dois polos (Bourdieu), o “econômico” e o “intelectual” (onde as notícias são vistas como informação e não propaganda partidária) constitui-se nas sociedades democráticas numa fundação onde o jornalismo partilha como herança toda uma história contra a censura e em prol da liberdade (TRAQUINA, 2004, p. 42).

Dessa maneira, Traquina (2004) evidencia a existência de duas posições norteando ao mesmo tempo a prática jornalística – polo econômico e polo intelectual. Contudo, ao contar a história do jornalismo, o autor apresenta a influência dos mecanismos econômicos no desenvolvimento da prática e salienta que foram as condições do polo econômico as geradoras da atividade jornalística (TRAQUINA, 2004).

Posição semelhante é assumida por Genro Filho (1987), o autor admite existir na humanidade uma tendência a se interessar por histórias, porém este é mais enfático ao propor o sistema econômico como o responsável pelas condições de existência do jornalismo. Para o autor, o berço do jornalismo é a organização social imposta pelo capitalismo, na qual as ações de uma pessoa ou grupo influem diretamente nas ações de outros grupos.

A atualidade, de fato, sempre foi objeto de curiosidade para os homens. Mas com o desenvolvimento das forças produtivas e das relações capitalistas a atualidade amplia-se no espaço, ou seja, o mundo inteiro tornava-se, cada vez mais, um sistema integrado e interdependente. A imediatividade do mundo, através de seus efeitos, envolve então uma esfera cada vez maior e constitui um sistema que se torna progressivamente mais complexo e articulado (GENRO FILHO, 1987, p. 35-36).

Assim o jornalismo surge como uma necessidade de uma estrutura social onde se precisa ter conhecimento de acontecimentos que estão além da realidade imediata apreendida pelo contato direto. Por exemplo, produtor de café precisa saber qual o valor que seu concorrente está negociando para assim determinar também o valor de seu produto, bem como precisa saber quais impostos estão sendo cobrados (...).

Se considerarmos, como sugere Genro Filho (1987), que o polo econômico tem influência norteadora da prática jornalística, podemos então dizer que o destaque feito pelo jornalismo dos acontecimentos tende a seguir os mecanismos impostos pela estrutura econômica em que é desenvolvida. Contudo, da mesma forma que seria um exagero dizer que o jornalismo é totalmente regido pelos interesses econômicos, seria ingênuo dizer que a

prática é movida pelos ideais democráticos de oferecer ao povo as informações que essa precisa para o exercício da cidadania (TRAQUINA 2004).

Não é preciso estagnar a reflexão sobre o campo do jornalismo dicotomicamente em nenhuma dessas posições, pois, conforme a proposição de Genro Filho (1987), é possível pensar o jornalismo funcionando movido ao mesmo tempo pelo polo econômico e polo intelectual. Uma vez que a realidade social é construída a partir de uma gama de fatores, a prática jornalística que dela se alimenta funciona integrando os elementos que mobilizam a criação dessa realidade.

Tanto os interesses econômicos quanto os ideais democráticos atuam no processo de produção de notícias numa integração peculiar, sem que se perceba de forma cristalina de qual lado surge a substância que gera o produto jornalístico. Nesse sentido, Charron e Bonville (2016) abordam o jornalismo como um “Ponto de convergência e espaço de arbitragem das tensões sociais, ele [o jornalismo] é tanto atividade econômica quanto expressão cultural, tanto prática profissional quanto instituição política”(CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 123).

Convém salientar, conforme o pensamento de Charron e Bonville (2016), que além desses fatores outras variantes são influentes no modo de organização do somatório de processos que tem como produto as notícias. Para não entrar num terreno demasiado abrangente, ao invés de levantar os demais fatores mobilizantes da prática jornalística, optamos por abortar os aspectos presentes no seu desenvolvimento. Em outros termos, preferimos discorrer sobre as peças e engrenagens a discutir sobre o porquê da existência da máquina.

2.3 Dimensões da prática jornalística

As reflexões de Charron e Bonville (2016) apontam a evidência de uma evolução no modo como se organizou historicamente a prática jornalística. Para os autores, ao longo do tempo existiram diversos modelos de arranjo para as estruturas das empresas de mídia que produzem jornalismo. Elas foram mudando em paralelo com as mudanças pelas quais passou a sociedade a partir principalmente do século XIX, com o predomínio do modo urbano para a organização social. O jornalismo não possui uma forma padrão em todos os locais em que é

praticado. Segundo Charron e Bonville (2016), as particularidades regionais modelam o exercício da prática, porém, existem dimensões que são comuns a todos os meios. Os autores estabelecem 14 parâmetros, mecanismos relativamente estáveis, perceptíveis em todos os países.

A figura abaixo apresenta, conforme o paradigma estabelecido por Charron e Bonville (2016), os parâmetros que constituem a prática do jornalismo. Nessa perspectiva, a ordenação considera a influência de um parâmetro sobre os demais. De modo que o parâmetro central, texto jornalístico, é influenciado por todos os demais, porém, a influência que sofre do parâmetro economia é modalizada pelas dimensões que se encontram entre eles.

Figura Nº 1 – Dimensões da prática Jornalística



Fonte: Charron e Bonville (2016, p.137).

Uma vez que as terminologias apresentadas podem ser entendidas de formas distintas, passamos a explicitar a delimitação proposta pelos autores. Texto jornalístico (1) é o produto particular do jornalismo, a especificidade produzida pelos profissionais da área – são os conteúdos produzidos com a finalidade de informar o público, dentre eles as notícias. No contexto desta pesquisa, o texto jornalístico são os conteúdos publicados no Portal G1, as matérias, os vídeos e fotografias que se sucedem dinamicamente na página principal do Portal.

O conjunto dos textos jornalísticos de um determinado meio compõe o texto jornalístico (2). Conforme especificado pelos autores, a composição, considerados aqui todos

os elementos que dão forma ao meio, constitui em si um parâmetro, pois tem uma atuação no modo como a informação é trabalhada. São a tipografia, as cores e os demais elementos da programação visual combinados para dar forma ao produto coeso entregue na tela como o site de notícias.

Charron e Bonville (2016) apresentam também a distinção entre prática jornalística (3) – as rotinas de elaboração do texto jornalístico – e jornalistas (4), que são os indivíduos atuantes nas rotinas. Esses dois parâmetros estão relacionados com a organização jornalística (5), a instituição responsável pelo produto. A prática jornalística do G1, na maioria das vezes, gera textos curtos e objetivos, ilustrados com imagens cedidas pelas ou pelas fontes ou retiradas de banco de imagens. Os profissionais envolvidos nessa prática recorrem ainda às declarações e imagens publicadas nas redes sociais. Somente alguns conteúdos possuem fotografias produzidas pela equipe do Portal e textos maiores com aprofundamento.

Outra dimensão é a produção midiática (6), onde se considera o conjunto formado por programas, peças, formatos e demais mensagens geradas pelas empresas de comunicação. Tudo que é publicado forma um painel que o público reconhece como a produção midiática. Tais conteúdos são moldados pelas características dos meios de comunicação (7), as organizações que trabalham com mídias como atividade econômica.

Para o funcionamento dos meios de comunicação, os autores nomeiam o parâmetro fontes (8) para sinalizar os fornecedores de informações que alimentam os meios. Também são incluídas as fontes de financiamento (9), que são os anunciantes, leitores e assinantes que sustentam financeiramente os meios de comunicação.

Charron e Bonville (2016) destacam o público (10) com duplo papel, ao mesmo tempo em que são o destinatário das mensagens, são também financiadores dos meios. Porém é no papel de destinatário que aparece como mobilizador do parâmetro práticas culturais e valores (11), que são as perspectivas subjetivas pelas quais passam a percepção dos textos e produção dos mesmos. Esses valores geralmente são parte das instituições socioculturais (12), religião e sistema educativo, por exemplo, instituições que transversalmente influenciam a vida em sociedade.

O parâmetro direito e sistema político (13) se refere ao conjunto das estruturas de leis e modos de organização política vigentes em sociedade. Já o último parâmetro, economia (14), é proposto pelos autores englobando tanto as estruturas econômicas da sociedade quanto os procedimentos técnicos de produção dos conteúdos, uma vez que são as condições

da economia que possibilitam as alterações nas tecnologias e essas por sua vez condicionam a evolução das técnicas.

Na articulação desses parâmetros é organizada a prática jornalística na sociedade desde o século XIX até os dias atuais. Para nossa análise sobre a materialização das atribuições de gênero nas notícias, destacamos o parâmetro central texto jornalístico, que sofre influência de todos os demais. Apresentamos na sequência algumas características do elemento que, conforme salientam Charron e Bonville (2016), dá particularidade à prática jornalística, que seria a especificidade produzida pelo trabalho dos profissionais da área.

2.3.1 O fato no texto - Modos de discurso nas mídias

Como forma de caracterizar o texto jornalístico, apresentamos algumas considerações sobre o modo geral de organizar a informação utilizadas pelas organizações jornalísticas. Ainda que tenham sido elaboradas com base em diversas modalidades de prática midiática, as classificações de organização de discurso que trazemos podem ser aplicadas ao jornalismo digital, uma vez que essa modalidade segue a mesma lógica observada nas demais.

Os dispositivos de mídia, de acordo com Charaudeau (2018), possuem características comuns para transformar um acontecimento em notícia, sendo a construção midiática mobilizada para submeter o acontecimento aos modos discursivos empregados nos dispositivos de mídia. O autor expõe que os modos discursivos são os tratamentos dados à informação em cada situação comunicada. É o tom, o propósito de que quem comunica.

Dentro dos dispositivos de mídia, essa intenção possui três possibilidades gerais. A primeira delas é relatar o acontecimento, usar signos verbais, visuais e sonoros para tornar o acontecimento inteligível. Para o autor, o processo de relatar o acontecimento na notícia compreende uma etapa de descrição dos fatos que constroem o acontecimento, na qual a instância midiática, para cumprir o contrato de informação implícito à prática jornalística, precisa afastar-se ao máximo da ficção e aproximar-se o quanto for possível da realidade.

O modo como a informação é relatada inclui a etapa de utilizar discursos sobre o acontecimento. Ainda que caiba ao profissional do jornalismo montar a narrativa, é com os discursos em torno do acontecimento que ele o faz, pois utiliza os relatos de testemunhas, vítimas e outros sujeitos possíveis para relatar o fato tratado na notícia.

O acontecimento relatado compreende fatos e ditos. Fatos que têm relação, por um lado, com o comportamento dos indivíduos e com ações que estes empreendem (por exemplo, os casos de corrupção), por outro lado com as ‘forças da natureza’ que modificam o estado do mundo (por exemplo, as ‘catástrofes naturais’). Os ditos têm relação com pronunciamentos diversos, pronunciamentos que ora adquirem valor de testemunho, ora de decisão, ora de reação etc. (CHARAUDEAU, 2018, p. 152).

Outro modo discursivo empregado no trabalho jornalístico é a intenção de comentar o acontecimento, que equivale a explicar suas razões, entrelaçando causas e consequências para que o leitor possa compreender o entorno do acontecimento e suas implicações. O relato e o comentário são modos de discurso complementares, sendo que o comentário acrescenta à notícia relações que lhes são exteriores para explicar o fato.

O comentar o acontecimento é realizado por meio da problematização, feita quando o comunicador apresenta lógicas opostas. Essa apresentação pode ser feita implícita ou explicitamente. Inclui também a estratégia argumentativa de elucidar o acontecimento revelando encadeamentos possíveis que estão latentes no relato. No comentário é admitido ainda uma avaliação do fato em questão, que ocorre quando a problematização vai além da emissão de opinião. Ocorre, sobretudo, quando a notícia fornece informações sobre diversas perspectivas do acontecimento e assim contextualiza o fato e suas possibilidades de evolução.

Ainda segundo Charaudeau (2018), há um terceiro modo discursivo presente nas mídias, o provocar o acontecimento. Além de relatar e comentar, as mídias provocam acontecimentos ao organizar suas rotinas de comunicação. Por exemplo, ao entrevistar um agente político de uma visão X, a empresa acaba, por obrigação democrática ou por convite mesmo, tendo que entrevistar um agente político de visão Y e com isso surge o debate. Para autor,

As mídias de informação não se contentam em relatar as falas que circulam nesse espaço, elas contribuem de maneira muito mais ativa para a realização do debate social, dispondo num lugar particular – que é o delas, e que elas dominam – dispositivos que proporcionam o surgimento e o confronto de falas diversas (CHARAUDEAU, 2018, p. 188).

Diferentemente dos debates ocorridos no espaço público, quando geralmente as condições do debate dependem essencialmente da situação em que ele surge (na sala de aula, na tribuna, no transporte público), os acontecimentos provocados precisam de dispositivos de realização e encenação para acontecerem. Assim, um debate provocado acontece tendo como pilares a presença convocada de agentes com notoriedade em determinada esfera, a exposição de um tema relevante e a moderação de um representante da mídia.

As notícias, os editoriais, reportagens (...) são os espaços onde os modos discursivos (relatar o fato, comentar o fato e provocar o fato) ocorrem, essas estruturas de organização da informação permitem combinações de diversos modos discursivos. Assim, é possível que numa notícia com quatro parágrafos e uma imagem sejam usados os três modos.

Analisando a argumentação de Charaudeau sobre os modos discursivos e sua implicação no jornalismo, Benetti (2008) traz uma distinção que convém agregar ao nosso entendimento. Para a autora, é útil explicitar que o discurso jornalístico está inserido no horizonte maior do discurso midiático e nele se constitui como uma espécie de partícula de discurso. Assim, o jornalismo dentro do amplo campo midiático atua de modo específico a partir da estruturação particular que utiliza para construir a realidade.

2.3.2 A midiatização no século XXI: as notícias digitais

O jornalismo praticado na atualidade é marcado pelo uso das tecnologias digitais de informação em todas as etapas que compõem o ciclo informativo. Tanto as esferas de produção e publicação quanto as de consumo acontecem tendo os suportes digitais incorporados ao processo comunicativo.

Essa predominância do digital pode ser reflexo do atual modo de convivência em sociedade, caracterizado pela mediação dos dispositivos eletrônicos em praticamente todos os processos cotidianos, desde simples atividades, como comprar comida e estacionar o carro, até operações complexas, como procedimentos médicos (CASTELLS, 2005). Se a tecnologia está incorporada na prática social, naturalmente ela está no jornalismo, que é permeado pelas condições sociais em que é realizado. Na dinâmica do jornalismo permeado pelas tecnologias, como afirma Ebel (2015, p. 58) “É evidente que a mudança do modelo analógico (papel) para a estrutura digital (a tela do computador) é um processo irreversível, assim como a migração de estações fixas para plataformas móveis configura uma tendência”.

Com as possibilidades trazidas pelo digital, o jornalismo foi mudando de configuração. Nas mídias que se caracterizam pela exploração de um determinado suporte, como a impressa e a televisiva, as mudanças ocorrem com a inclusão das características do digital na composição dos conteúdos. Outra mudança no jornalismo diz respeito à forma de consumo, que se expandiu para além do suporte específico de cada mídia.

O jornalismo no ambiente digital ganha possibilidades e recursos à medida que evoluem as tecnologias. Nas discussões que se esforçam para conceituar as práticas jornalísticas, apontamos em Seixas (2009) a clássica divisão dos gêneros que considera o meio (impresso, radiofônico e televisivo, web) como critério de classificação. Porém, a autora argumenta que convém analisar os conteúdos pela ótica da finalidade: sempre que a intenção for informar, as classificações operam apenas para organizar o que é dito pelas instituições. A autora ressalta que os gêneros jornalísticos podem ser compreendidos como forma de organização do discurso e que elas vêm sendo redesenhadas no webjornalismo.

Já Bertocchi (2005) considera que os gêneros jornalísticos tradicionais ensinaram características nos modelos de jornalismo praticados no ciberespaço, mas que esse vem se diferenciando pela exploração das peculiaridades inatas e, com isso, passam a modificar o modo geral da prática do jornalismo: “Refletir sobre os gêneros digitais, pois, significa refletir sobre todo o Jornalismo e sobre os avanços e retrocessos que o mesmo vem sofrendo neste início de século XXI”. (BERTOCCHI, 2005, p. 1297).

Sobre as peculiaridades do jornalismo no campo digital, a autora aborda a existência de formatos novos originados de formatos de outros meios, como os infográficos interativos. Trata também da forma de disposição do conteúdo, ampliada em dimensões pelas possibilidades das mídias e, por fim, ressalta a participação do público na construção dos produtos. As ferramentas de interação mais rápidas possibilitaram uma maior comunicação entre quem produz e quem consome a notícia e, para a autora, essa possibilidade influencia no conteúdo produzido.

Os dois últimos apontamentos cabem dentro do proposto por Salaverría (2017) como hipertextualidade, multimidialidade e interatividade. No entanto, o autor se nega a incluir esses elementos como marcas de distinção para o webjornalismo, posto que o meio digital intensifica possibilidades que já existiam em menor escala nas outras modalidades.

Observamos que no Portal G1 a hipertextualidade e a multimidialidade são exploradas e criam camadas interdependentes de sentidos (MACHADO, 2013). Verificamos ainda que um dos diferenciais do jornalismo digital, o potencial de interatividade entre o público e as esferas de produção do conteúdo, é pouco explorado. Embora exista no Portal um espaço para o público fazer comentários em cada conteúdo, não é visível no G1 a participação da empresa numa mínima interação com os internautas nesse espaço.

Dentre as classificações e terminologias levantadas e caracterizações dos portais de notícias (BERTOCCHI, 2005); (SEIXAS,2009); (CANAVILHAS, 2014), optamos por classificar o Portal G1 conforme as categorias propostas por Salaverría (2017), pois, além de ser o esforço classificatório mais recente e por isso mais condizente com fenômenos do Portal visíveis na atualidade, se mostra como a mais ampla em tipologias do webjornalismo.

Para analisar como os as atribuições de gênero são materializadas no G1, julgamos importante entender as estruturas que modelam o jornalismo do Portal, por essa razão levantamos quais são as características do portal enquanto um cibermeio jornalístico. Embora reconheçamos o quanto as classificações, de um modo geral, podem ser ou arbitrárias ou insuficientes para enquadrar a prática jornalística, ainda mais no contexto do webjornalismo com suas constantes mudanças decorrentes do caráter fluído do que acontece em rede, entendemos como relevante adotar uma classificação e realizar o esforço de analisar o Portal G1 sob uma lógica teórica estruturada.

Tomando em conta as possibilidades amplas do digital, Salaverría (2017) considera importante estabelecer classificações para esses meios, uma vez que distinções em relações às outras mídias são insuficientes para explicar as práticas dos cibermeios, que são definidos como “aqueles emissores de conteúdos que tem vontade de realizar mediação entre os fatos e o público, utiliza critérios e técnicas jornalísticas, usa linguagem multimídia, é interativo e hipertextual, atualizado e publicado na internet” (LÓPEZ GARCÍA et al., 2005: 40 IN: SALAVERRÍA 2017, p. 22).

Compreendendo cibermeio como uma iniciativa de comunicação desenvolvida com as potencialidades digitais e da internet, Salaverría (2017) estabelece nove critérios para classificar os meios digitais de acordo com a diversidade de formas assumidas e possibilitadas pelas ferramentas presentes na atualidade. Conforme as tipologias propostas pelo autor, apresentamos o G1 com um desses meios, com as seguintes características:

- Do ponto de vista da **plataforma**, relativo ao suporte ou tecnologia empregada na produção e na publicação do conteúdo, é multiplataforma, o Portal está disponível para acesso tanto na web, quanto em tablets e celulares;

- Quanto a **temporalidade**, classificação segundo o intervalo de atualização dos conteúdos, o G1 é um cibermeio de atualização contínua, pois a inserção de conteúdos e a atualização dos mesmos não respeita intervalos periódicos. Contudo, ressaltamos que não seria equivocado dizer que é um cibermeio policrônico – mescla de atualização contínua e

periódica -, pois observamos no fluxo de atualização padrões para inserção de conteúdos recortados dos telejornais;

- No tocante à **temática** dominante, o Portal G1 é nitidamente de informação geral, dando cobertura para uma ampla gama de assuntos;

- Sobre o **alcance** territorial do Portal, categoria que demarca geograficamente os territórios onde o cibermeio é acessado, podemos dizer que o G1 é nacional na maior parte do tempo e global em situações excepcionais;

- Relativamente à **titularidade**, noção que distingue o caráter da propriedade como pública ou privada, encontramos nas informações sobre o Portal dados que explicitam o pertencimento ao Grupo Globo, uma empresa privada.

- O aspecto da **autoria**, que dispõe sobre a responsabilidade editorial do conteúdo publicado, o G1 apresenta as duas possibilidades – individual e coletiva, uma vez que há liberdade para que a pessoa responsável pelo conteúdo assine ou não a autoria. A maior parte dos conteúdos possui assinatura individual disposta abaixo do título / chamada, mas há também assinaturas genéricas (como G1 Tocantins, por exemplo);

- Salaverría (2017) propôs ainda a distinção por **enfoque**, útil para analisar o pertencimento ao campo jornalístico dos cibermeios. Aqui existe a categoria jornalístico – para aqueles cibermeios que têm como princípio fundador informar e não jornalísticos – para cibermeios voltados para a comunicação institucional e publicidade. Mesmo com as complexidades relativas à prática jornalística observadas no G1, podemos classificar o Portal como jornalístico;

- Quanto à **finalidade econômica**, categoria classificatória do fim econômico do cibermeio, não encontramos no Portal referência sobre o assunto. Porém, em se tratando de propriedade privada, não precisamos de muitas informações para deduzir que se trata de empresa com fins lucrativos;

- A última distinção tratada pelo autor é quanto ao **dinamismo**, categoria que classifica os cibermeios conforme o grau de utilização do potencial de hipertextualidade, multimídia e interatividade possível nos cibermeios. Desse ponto de vista, o G1 é dinâmico (faz uso regular dos recursos) e não estático (pouco uso dos recursos), sendo a hipertextualidade e a multimídia mais frequentes que a interatividade.

Quadro N° 01 - Síntese da classificação do portal G1 enquanto cibermeio

Factor tipológico	Tipos de cibermedios
Plataforma	Cibermedios solo para web Cibermedios solo para tabletas Cibermedios solo para móviles Cibermedios multiplataforma
Temporalidad	Cibermedios periódicos Cibermedios de actualización continua Cibermedios policrónicos
Tema	Cibermedios de información general Cibermedios de información especializada
Alcance	Cibermedios internacionales o globales Cibermedios nacionales Cibermedios locales Cibermedios de barrio o hiperlocales
Titularidad	Cibermedios de titularidad pública Cibermedios de titularidad privada
Autoría	Cibermedios de autoría individual Cibermedios de autoría colectiva
Enfoque	Cibermedios periodísticos Cibermedios no periodísticos
Finalidad económica	Cibermedios con fines de lucro Cibermedios sin fines de lucro
Dinamismo	Cibermedios estáticos Cibermedios dinámicos

Fonte: Construção da autora a partir de Salaverría - Tipología de los cibermedios periodísticos. Marcações sinalizam a classificação do Portal G1 nas tipologias propostas pelo autor. 2017. Disponível em SALAVERRÍA, Ramón. Tipología de los cibermedios periodísticos: bases teóricas para su clasificación. Revista Mediterránea de Comunicación/Mediterranean Journal of Communication, 8(1), 19-32, 2017.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para perceber a relevância de analisar como o Portal G1 materializa as atribuições de gênero é necessário compreender o que é esse cibermeio no quadro midiático brasileiro. O Portal pertence a um dos maiores grupos de mídia do país, o Grupo Globo, que tem emissoras de rádio e televisão com sinal que chega na maior parte do território nacional. Além desses meios, esta instituição possui revistas, edita dois jornais impressos e atua oferecendo produtos de entretenimento em diversas plataformas, conforme dados da página do grupo.

Desde 2000, como afirmado pela própria empresa numa página criada para contar a história do grupo⁹, os conteúdos da organização estão disponíveis também na internet, o que amplifica as possibilidades de penetração do grupo. Ainda que somente nos últimos anos o acesso a internet tenha sido massificado (PNAD, 2017), tornando possível o consumo pelas pessoas do conteúdo da televisão no Portal Globo.com, é relevante notar a dimensão de alcance que tem o Grupo Globo.

Quando o grupo cria, em 2006, dentro do Globo.com um portal de notícias, este cibermeio herda o lastro de penetração da empresa, o que está evidenciado na liderança de acessos: de acordo com o site Alexa, que contabiliza os acessos aos sites, o G1 é o cibermeio de notícias mais acessado no país. Como afirma Cavalcanti (2013),

Pode-se dizer que os portais têm dupla função empresarial. Por um lado oferecem conteúdo amplo para seus usuários –seja por meio de seus conteúdos próprios ou pela re-mediação –e, por outro, pelo fato de conseguir manter os internautas sob seus domínios. Ao oferecer notícias, serviços e conteúdos de parceiros, a permanência do internauta acaba aumentando o valor dos anúncios. (CAVALCANTI, 2013, p. 34).

Segundo informações da página da empresa, foi por necessidade de unificar em um único endereço os conteúdos produzidos pelos diversos meios que o G1 foi criado, pois o grupo percebia, no cenário midiático brasileiro, a carência um espaço que oferecesse acesso aos mais diversos produtos jornalísticos. Assim sendo, o Portal foi pensado para funcionar

⁹ Disponível em <http://historiagrupoglobo.globo.com/hgg/index.htm>

como uma primeira referência quando a necessidade fosse o consumo de jornalismo. A ideia da empresa foi criar um portal para oferecer notícias das mais diversas áreas – tanto política quanto esportes, tanto economia quanto cultura (...) de modo que na página principal qualquer pessoa encontre algum conteúdo que lhe pareça interessante.

O portal dá acesso, em um só endereço, ao conteúdo de jornalismo da Rede Globo, da Globo News, das rádios Globo e CBN, dos jornais O Globo e Extra, das revistas Época e Globo Rural, entre outras. Além de cinco redações nas emissoras Globo situadas em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte e Recife, o G1 tem equipes completas em todas as emissoras afiliadas. Conta também com as informações produzidas pelos jornais, rádios e revistas do Grupo Globo, além de serviços e agências de notícias nacionais e internacionais. (GLOBO, 2019)

Pelo exposto, percebemos que o Portal G1 tem as características propostas por Barbosa (2005) na definição deste tipo de cibermeio. A autora afirma que um portal é um “site que centraliza informações gerais e especializadas, serviços de e-mail, canais de chat e relacionamento, shoppings virtuais, mecanismos de busca, entre outros”. No mesmo sentido temos a contribuição de Ferrari (2012) ressaltando que para ser considerado um portal, o site precisa reunir num mesmo endereço possibilidade de acesso a diversos serviços e informações. Conforme observamos no período da coleta de notícias, todas estas características estão presentes no G1.

Observamos também que as demais mídias do Grupo Globo fornecem conteúdos para o Portal, sendo os telejornais das afiliadas de televisão as mais constantes fontes de conteúdo. De modo que o que aparece no Portal G1, muitas vezes já foi exibido ao vivo em alguma cidade brasileira. A esses recortes de telejornais somam-se os conteúdos elaborados especificamente para o G1, numa proporção que varia de acordo com o dia da semana: de terça à sexta cerca de 60% é de conteúdo original e o restante é de recortes dos diversos produtos, já de sábado à segunda esta relação se inverte.

Percebemos a origem do produto pela assinatura que consta nos conteúdos, pois abaixo do título da notícia, há uma indicação do meio que editou aquele conteúdo. Aqueles

que são produzidos especificamente para o cibermeio são assinalados¹⁰ o termo “G1””, ao passo que aqueles que foram recortados de outros produtos jornalísticos trazem o nome do jornal onde foi publicado originalmente. Barbosa (2005) explica que uma característica dos portais jornalísticos da internet é a construção do espaço midiático baseada numa dinâmica de combinação de formatos, conteúdos e plataformas.

3.1 COMO AS RELAÇÕES DE GÊNERO SÃO MATERIALIZADAS NAS NOTÍCIAS DO G1?

Partindo do princípio que o jornalismo colabora na construção do que a sociedade percebe como realidade, analisamos como essa prática atua na construção dos sentidos no tocante às relações de gênero. Como o modo de consumo e produção de notícias da atualidade é realizado em ambiente digital, escolhemos para nossa análise o Portal G1, o cibermeio jornalístico mais acessado no Brasil.

Uma vez que a proposta da pesquisa pretendeu analisar as notícias publicadas cotidianamente, elaboramos um calendário para coleta de material com amostras de vários dias da semana, em vários meses. Após uma semana coletando todos os conteúdos publicados, observamos que seria impossível prosseguir com essa forma de coleta, pois a quantidade de notícias era muito grande. Resolvemos então fazer a coleta com intervalo entre os dias, assim ainda poderíamos fazer a análise num intervalo de tempo considerável (dois meses).

Buscando coletar notícias para perceber como as relações de gênero são materializadas nas notícias do portal G1, elaboramos um calendário para distribuir a coleta nos vários dias da semana, nos meses de abril e maio. Verificamos que um intervalo de quatro dias seria o ideal

¹⁰ A assinatura da profissional responsável pela elaboração do conteúdo nem sempre é apresentada, não percebemos nenhum padrão que indique porque alguns conteúdos são assinados e outros não – parece tratar-se de uma decisão particular de quem elaborou o conteúdo.

tanto para compor uma amostra com dimensões adequadas quanto para ter diversidade de períodos de tempo.

O acesso ao Portal G1 para realizar a coleta foi feito na manhã do dia seguinte ao dia estipulado, para com isso poder coletar todos os conteúdos produzidos no período determinado. O procedimento de coleta consistiu em acessar os conteúdos produzidos e salvar cada notícia em um arquivo, por meio de capturas de tela. Essa opção de coleta permitiu que o material fosse analisado contendo a mesma disposição de quando foi publicado.

No período observado, foram publicadas entre 72 e 80 matérias por dia, sendo que cerca de 85% dessas matérias foram produzidas pelo Grupo Globo e o restante oriundo das agências de notícias. Essas quantidades não são fixas, porém a variação é pequena, ficando o percentual próximo aos acima indicados. Organizamos as matérias de acordo com a data de publicação em pastas de documentos no computador, que além das capturas de tela das matérias, possui uma planilha com os dados gerais da coleta.

3.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE NOTÍCIAS

A observação do conteúdo evidenciou que em algumas matérias seria pouco eficiente analisar a materialização das relações de gênero, pois nelas os sentidos são construídos sobre instituições ou fenômenos naturais. Assim, matérias que tratam de procedimentos administrativos dos governos, de acidentes e de condições climáticas tendem a produzir sentidos sobre essas dimensões, mobilizando os sujeitos em função do acontecimento e não em decorrência das condições de gênero.

Observamos também que em outras notícias o conteúdo tinha como foco a atuação de pessoas nos acontecimentos, ou seja, a narrativa era construída em torno das posições dos sujeitos em relação ao fato. Tal observação permitiu criar um protocolo para selecionar quais matérias serão analisadas e quais serão excluídas da amostra. Mesmo reconhecendo que em todos os conteúdos é possível verificar elementos que colocam os sujeitos em diferentes posições, optamos por fazer a análise naquelas notícias em que os processos de materialização se faziam mais aparentes.

Assim, estabelecemos como critério a posição do sujeito no conteúdo. Selecionamos as matérias em que a narrativa é construída em torno das ações e características de uma ou de várias pessoas. Normalmente esse tipo de conteúdo já apresenta no título a centralidade do

sujeito ao nomear sobre quem se fala naquela matéria. Também o lead, o primeiro parágrafo da matéria, fornece os elementos para verificar se o conteúdo é sobre pessoas ou sobre instituições. Como as matérias do G1 possuem uma imagem no início do conteúdo, outro critério de seleção foi a existência de imagens de pessoas na composição do primeiro parágrafo da notícia.

Por se tratar de um portal, que tem como característica ser um cibermeio com uma ampla gama de formatos de conteúdos apresentados, o G1 é composto tanto por material produzido especialmente para o portal quanto por conteúdos recortados de outros produtos jornalísticos do Grupo Globo e de agências de notícias, criando o volume de em média 80 notícias por dia. Essa característica torna o portal dinâmico, alimentado constantemente com conteúdos de várias plataformas.

Pela necessidade de delimitar para assim conseguir realizar a pesquisa, foi preciso fazer escolhas que viabilizassem a análise. Escolhemos analisar somente o conteúdo produzido pelo Grupo Globo, dispensando as notícias oriundas das agências de notícias, pois na etapa de aproximação com o objeto pudemos verificar que esse tipo constitui a maior parte dos conteúdos do portal, cerca de 85%.

Mais uma vez, como na ocasião da opção pelos períodos de análise, reconhecemos a importância do material não selecionado na resposta à pergunta de pesquisa [como no G1 são materializadas as relações de gênero?]. No entanto, acreditamos que a delimitação da amostra é representativa, pois analisa a maior quantidade do conteúdo publicado.

Figura Nº 02 – Período de coleta de notícias

Abril							Maio						
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
		2	3	4		6				1	2		4
7	8		10	11	12		5	6		8	9	10	
14	15	16		18	19	20	12	13	14		16	17	18
	22	23	24		26	27		20	21	22		24	25
28		30					26		28	29	30		

Fonte: Elaborado pela autora no www.infogram.com

No período de coleta, realizado conforme o calendário abaixo, registramos a publicação de cerca 1520 notícias, aí incluídos todos os conteúdos. Após realizarmos a

seleção, que conforme parâmetros acima descritos desconsidera conteúdos de agências e notícias em que o foco não são as pessoas, obtivemos o universo de 437 notícias.

Nessa amostra analisaremos as legitimações utilizadas nos textos para as pessoas, com o objetivo de investigar as atribuições de gênero que aparecem nas matérias publicadas pelo G1. O processo de análise será realizado em duas fases. A primeira tem a intenção de identificar quais são as legitimações, explicações para os sujeitos, utilizados na narrativa jornalística do G1. Já no segundo momento, realizado conforme os critérios da análise do discurso, pretendemos relacionar as legitimações às atribuições de gênero construídas para homens e às mulheres.

3.2 ANÁLISE PRAGMÁTICA DA NARRATIVA JORNALÍSTICA - FERRAMENTA DE INTERROGAÇÃO

Reunir matérias jornalísticas publicadas no intervalo de dois meses faz surgir uma nova forma de perceber as notícias. Se no momento primeiro da observação, ou seja, quando da coleta do material em cada um dos 16 dias indicados para esse fim, não era possível enxergar muitas conexões, no momento em que temos a coleção das matérias sistematizada, surgem algumas ligações entre as aparentemente desconectadas notícias.

Essa percepção provocada pela leitura do conjunto de matérias surge ancorada pelas visões de mundo que habitam na pesquisadora e norteadas pelos objetivos declarados para a pesquisa acadêmica (analisar como a prática jornalística atua na construção dos sentidos sobre as relações de gênero). Ou seja, as noções pessoais conjugadas com a objetividade analítica fazem surgir categorias que não eram visíveis para a pesquisadora.

No entanto, para ser válida cientificamente, a percepção necessita de uma regularidade balizada por modelos que possam ser reproduzidos. Uma vez que os padrões pessoais são insuficientes para estabelecer uma investigação científica, foi necessário buscarmos uma abordagem que pudesse sistematizar nos moldes científicos as percepções observadas.

Parte da sistematização é dada pelo suporte metodológico utilizado para realizar a análise desde o ponto de vista do conteúdo/teor das matérias, a Análise do Discurso (AD), que permite relacionar os conteúdos publicados com as teorias de gênero e, com isso, explicar os posicionamentos depositados nas notícias. Embora a Análise do Discurso seja suficiente para expor como as relações de gênero são materializadas nas notícias, o método não tem um

protocolo fixo para as análises e por isso admite combinação com outros métodos complementares. Na especificidade desta pesquisa, a AD oferece as premissas para investigar a temática, mas não impõe quais perguntas devem ser feitas.

Buscando um modelo para interrogar objetivamente as notícias coletadas, optamos por agregar à pesquisa a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, uma abordagem que aprecia as notícias como um conjunto de fatos integrados, na qual o sentido pode ser compreendido quando é feita a análise das diversas notícias publicadas sobre uma mesma temática. Motta (2008) sugere que cada texto sobre um determinado tema é uma parte de uma mesma narrativa, essa fragmentada pela rotina de produção jornalística.

Reunir as notícias isoladas em sequências ou histórias contínuas não é mero capricho nem uma justificativa metodológica. É assim que se move a mente do receptor. Ao ler/ver/ouvir as notícias de hoje as pessoas associam os fatos, causas e conseqüências, põem os episódios de hoje nas histórias de ontem, relacionam pontos, associam antecedentes e conseqüentes, demarcam começos e finais de histórias temáticas. (MOTTA, 2008, p. 146).

Diferentemente da maioria das pesquisas realizadas utilizando a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (APNJ), nas quais se estuda narrativas sobre acontecimentos específicos (NEVES, 2010; GOUVEIA, 2014), esta pesquisa utiliza o método para analisar uma dimensão dos acontecimentos: as relações de gênero. Em outros termos, nos interessa investigar a construção midiática sobre as pessoas, analisar como as notícias a respeito de fatos isolados publicadas na página principal do Portal G1 formam as ideias de mulher e homem.

A interpretação procura identificar padrões imagéticos, questões que sugerem modelos éticos e estéticos, valores míticos, recorrências, enfim, uma série de elementos que têm participação direta no enredo ou que funcionam como suporte ou pano de fundo para um tema específico, amplificando ou diluindo seus efeitos no processo. (MOTTA, 2004, p. 45)

O autor afirma que não há narrativa ingênua, há sempre uma intencionalidade nos relatos e essa pode ser apreendida com os procedimentos de análise pragmática da narrativa jornalística. Motta (2008) deixa claro que as etapas – procedimentos dos movimentos de análise – possibilitam observar a conexão existente entre notícias publicadas isoladamente. Para interligar os fatos e expor as estratégias comunicativas, bem como os personagens e dramas utilizados na produção jornalística para criar as narrativas, são propostos seis movimentos analíticos.

O movimento “recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico”, que consiste em ordenar as notícias isoladas em uma sequência coerente, serve para identificar

qual é a história que está sendo contada. Na pesquisa sobre as relações de gênero materializadas nas notícias do G1, esse movimento organiza em narrativas as notícias dispersas sobre a temática das relações de gênero.

É também em função das relações de gênero que utilizaremos o movimento “identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios”, responsável por apontar qual é o motor – o conflito – em torno do qual gravitam as notícias. Como afirma Motta (2008), o conflito é um elemento importante no jornalismo, dessa forma, ao fazer a identificação do conflito, a analista encontra a funcionalidade de cada episódio isolado.

Parte fundamental dos conflitos consiste nas ações das pessoas envolvidas nele, seja como autoras ou como atingidas pelas ações. Assim, o movimento “construção de personagens jornalísticas (discursivas)” colabora ressaltando qual o papel discursivo atribuído a cada pessoa envolvida. Embora o jornalismo conte histórias reais, é apenas o aspecto que a pessoa desempenha na história que é absorvido na narrativa. Não se trata de retratar a individualidade e sim de mostrar a atuação do sujeito para a narrativa.

Para ressaltar o modo como a linguagem é utilizada, o movimento “estratégias comunicativas” prevê uma análise nos elementos utilizados para fazer referências à realidade empírica narrada nos textos. É preciso observar quais são as referências objetivas (geralmente expostos nos quem, quando, onde ...) e quais são as referências subjetivas, referentes aos “recursos linguísticos e extralinguísticos que remetem os receptores a estados de espírito catárticos: surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, riso, deboche, ironia, etc” (MOTTA, 2008, p. 160).

O movimento “relação comunicativa e o contrato cognitivo” identifica qual é a situação em que ocorre a comunicação, observando tanto a materialidade (plataforma e veículo) em que ocorre, quanto a relação de estabilidade convencionalizada de que o jornalismo discorre sobre a verdade. Finalizando a explanação sobre os procedimentos de análise pragmática da narrativa jornalística, Motta (2008) expõe o movimento “metanarrativas – significados de fundo moral ou fábula da história”, que busca revelar qual é o significado simbólico da narrativa.

Esses seis movimentos foram utilizados para criar a estrutura de aproximação do material selecionado. Com base neles criamos as perguntas que orientaram a apreensão das informações contidas nas notícias. Cada movimento deu origem a uma interrogação norteadora, conforme exposto no quadro abaixo

Quadro N° 02 – Síntese dos movimentos analíticos

Movimento analítico	Pergunta objetiva
Recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico	Qual é a história contada?
Identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios	Qual o conflito?
Construção de personagens jornalísticas (discursivas)	Quem são as personagens envolvidas?
Estratégias comunicativas objetivas e subjetivas	Qual é o Lead? Quais são os recursos linguísticos (adjetivos e emoções)?
Relação comunicativa e o contrato cognitivo	Vínculo de realidade objetiva - Formato (Vídeo?) Texto? Citação?
Metanarrativas – significados de fundo moral ou fábula da história	Qual é o sentido construído? Moral da história

Fonte: Elaborado com base Motta (2008)

Com as questões objetivas surgidas dos procedimentos analíticos, elaboramos um instrumento de interrogação às notícias selecionadas para obter os dados a serem utilizados na Análise do Discurso. Conforme salientado anteriormente, a AD seria suficiente para analisar como se materializam as relações de gênero nas notícias. No entanto, optamos em combinar a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística para fazer interrogação dos textos.

A combinação dos métodos facilitou a sistematização dos dados. Com os procedimentos da Análise Pragmática foi possível elaborar planilhas com as informações contidas nas notícias. Com base na teoria de gênero, interrogamos cada conteúdo para levantar quais sentidos e os personagens são mobilizados nas notícias analisadas. Recorrendo à leitura de cada notícia, alimentamos uma planilha que facilitou a organização do conteúdo analisado.

3.3 APROXIMAÇÕES ENTRE A ANÁLISE DO DISCURSO E OS SENTIDOS DAS NOTÍCIAS DO G1

Se dispor a analisar um fenômeno em um portal jornalístico exige muitas decisões, isso porque a natureza do objeto admite diversos percursos metodológicos como ferramenta de pesquisa. Por essa razão, a fase de delimitação foi marcada por momentos de escolha órfãos de certezas, ao mesmo em tempo em que as decisões eram tomadas, surgiam dúvidas sobre a adequação do método ao objeto da pesquisa.

Como sugerem os manuais de pesquisa acadêmica, as necessidades do objeto orientaram a busca pelo método. Sabíamos que era preciso encontrar uma lupa para enxergar as minúcias das relações de gênero materializadas pelas notícias do Portal G1 e iniciamos a busca observando quais métodos eram utilizados em pesquisas que tinham objetos semelhantes.

A observação mostrou que estudar a linguagem utilizada no conteúdo jornalístico poderia ser útil para analisar as relações de gênero construídas pelo portal, uma vez que a linguagem - enquanto a mobilização do sistema de códigos de uma língua -, é um elemento central nos conteúdos jornalísticos.

Partindo das leituras sobre a linguagem propostas por Bakhtin (2012), chegamos ao entendimento de que as experiências e atividades humanas, dentre elas a prática jornalística, têm uma representação em palavras. Ainda que estas sejam incapazes de substituir aquilo que representam, são elas que acompanham a existência das situações vividas, dos objetos tocados, dos sons ouvidos (...). É com as palavras representando coisas que entre pessoas a realidade é criada e ao mesmo tempo percebida.

Discutindo sobre a relação entre as coisas e a representação das mesmas em palavras no processo orquestrado na consciência de cada pessoa, o autor ressalta o papel central da palavra enquanto ferramenta de materialização da realidade:

É preciso fazer uma análise profunda e aguda da palavra como signo social para compreender seu funcionamento como instrumento de consciência. É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for. (BAKHTIN, 2012, p. 38).

Em Bakhtin (2012) temos o raciocínio de que as palavras não são instrumentos ingênuos e puros com um significado independente das condições de uso da linguagem. Embora os sistemas linguísticos imprimam significações mais ou menos limitadas para cada termo, as palavras não têm vida por si só, elas adquirem sentido nos contextos histórico-sociais em que são materializadas.

Pêcheux (1995) incorpora no seu argumento a filosofia da linguagem pensada por Bakhtin e acrescenta a visão da língua como uma base comum para os usuários de um sistema linguístico que é adaptada conforme as situações vivenciadas por cada usuário. Em outros termos, a língua é a mesma para todos os usuários, é no funcionamento que emergem os sentidos. Para o autor,

O *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma preposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e preposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX 1995, p 160). (**Grifos do autor.**)

Assim observamos que no uso a língua é elástica, pode ser moldada para expressar as mais diversas situações e serve aos interesses de construção de sentido de quem as mobiliza. Essa característica sendo operada no contexto da produção jornalística, na elaboração dos textos, por exemplo, possibilita a materialização no conteúdo de diversos sentidos que circulam na sociedade.

Tendo a noção da linguagem como ambígua e fundamental na construção do produto jornalístico, a pesquisa demandou a escolha por um método que tivesse no centro o estudo das possibilidades da linguagem. Dessa maneira, procuramos por abordagens focadas no estudo da língua em funcionamento na construção de sentidos.

Dentre as diversas opções, demos preferência para aquela que nos exemplos vistos em outras pesquisas melhor aceitava a pluralidade da composição jornalística, a Análise do Discurso (AD) de filiação francesa, teorizada nas concepções de Pechêux (1995) e Orlandi (1997). Esse método se ocupa em estudar como a linguagem é utilizada para expressar as posições de quem opera os discursos presentes na sociedade.

A Análise do Discurso é uma metodologia consolidada pelo uso em pesquisas nos últimos 40 anos, sobretudo nas ciências humanas, como uma ferramenta de análise qualitativa de enunciados manifestos em tanto produtos de comunicação (notícias, reportagens, notas) e educativos (livros, cartilhas, manuais), quanto literários e/ou artísticos. Sua utilização como um método permite uma interpretação do texto orientada pelas teorias utilizadas para explicar uma realidade. Ou seja, o método possibilita às pesquisas a análise do modo como determinada teoria, a feminista, por exemplo, constrói os enunciados dispostos nos discursos.

Marcada pela intercessão de ao menos três áreas (linguística, psicanálise e ciências sociais), a Análise do Discurso de filiação francesa utiliza uma série de conceitos necessários para cercar os elementos do texto e assim possibilitar a análise. Embora boa parte desses conceitos já seja compreendida nas ciências sociais, preferimos traçar um breve painel das delimitações usadas para realizar nossa análise sobre as relações de gênero nas notícias do G1, somente para especificar o sentido exato em que usamos alguns termos.

A base da análise é o que foi dito por sujeitos em um determinado lugar histórico-social – o discurso. Uma das maiores referências em AD, a professora de linguística Eni

Orlandi afirma que o discurso é o resultado da relação dos sentidos mobilizados pelos locutores. “Vamos definir diretamente o discurso como efeito de sentido entre locutores. Essa é uma definição de discurso em seu sentido amplo e nos introduz em um campo disciplinar que trata da linguagem em seu funcionamento”. (ORLANDI, 1994, p.2).

Para Orlandi (1997), a noção de discurso extrapola a noção da comunicação em que a mensagem é transmitida por um emissor através de um código para um receptor. Percebido pela AD esse processo é mais complexo, pois nessa interpretação analítica, receptor e emissor não ocupam posições estáticas e são afetados mutuamente por modelos ideológicos que ao mesmo tempo compõem os sentidos e por eles são reforçados. Assim, entendemos o discurso como o lugar onde ideologias produzem sentidos utilizando a as possibilidades da linguagem.

Para Brandão (2008, p. 29) “O discurso é o espaço em que saber e poder se unem, se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito que lhe é reconhecido socialmente.” Compreendido pela AD, o discurso jornalístico, por exemplo, é elaborado com base nas noções que tanto o jornalista quanto o público têm um do outro: ao escrever uma matéria o jornalista se coloca em uma posição [apto a falar sobre um fato] que só é percebida como natural porque o público assim o admite. É a posição do público que institui a posição do jornalista e vice-versa.

São as relações da vida em sociedade que geram as diversas realidades e essas fornecem os padrões do que deve ser dito em cada situação, dando as condições para o surgimento dos discursos. As noções utilizadas na produção dos discursos, acessadas pelos sujeitos no momento da enunciação, são construídos historicamente e internalizados por cada indivíduo conforme as condições sociais do mesmo.

Os sentidos históricos estão relacionados e são compostos por posições ideológicas que determinam como a linguagem deve ser usada. Brandão (2008) ressalta que o estudo da linguagem na AD acontece quando são relacionados conhecimentos gramaticais e os aspectos sociais que envolvem a utilização da linguagem. Dessa forma, percebemos que a análise ocorre para demonstrar de que maneira os termos de uma língua são utilizados para abrigar os sentidos gerados pelas ideologias.

Convém ainda ressaltar que, mesmo parecendo abstrata a relação entre processos sociais e a enunciação visualizada no discurso, os sujeitos articulam seus textos com o material das experiências empíricas da vida em sociedade. Ou seja:

O discurso, bem menos que um ponto de vista, é uma organização de restrições que regulam uma atividade específica. A enunciação não é uma cena ilusória onde

seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas um dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem. (MAINGUENEAU, 1997, p. 50).

Da mesma maneira que Maingueneau (1997), entendemos o discurso não como um ponto de vista particular e criado unicamente pelo sujeito, mas sim como uma articulação proporcionada pelas esferas sociais e linguísticas. Nessa articulação, as experiências vividas pelos sujeitos fornecem os condicionantes do que deve ser dito, numa retroalimentação contínua: a experiência condiciona o dizer e este impõe na prática a ordem que o criou.

Considerando discurso desde a perspectiva de Orlandi (1997), como espaço de interação de sentidos mobilizados por interlocutores, necessitamos explicitar nessa argumentação quais são os balizamentos que geram as posições utilizadas pelos locutores. A primeira delas diz respeito a ideologia, entendida como o mecanismo inconsciente e, ao mesmo, tempo fruto de práticas, produzido nas relações entre humanos que orienta o modo de lidar com a realidade.

Um dos termos mais controversos e difíceis de conceituar, ideologia explicada pelo dicionário Aurélio (2001) significa “1 – Ciência da formação de ideias. 2 – Sistema de ideias”. Visto assim é simples, uma palavra para representar algo como o espírito das práticas, a complexidade surge quando o termo é relacionado com algumas ideias.

Ao atravessar o termo ideologia com o pensamento econômico necessário para a manutenção da sociedade de classes, (MARX *apud* BRANDÃO 2012) atribui à a ideologia um significado negativo, pois para o autor, a ideologia na sociedade burguesa é cunhada pela classe dominante e essa concebe as ideias sem considerar a relação objetiva com a materialidade. Por ter a finalidade de manter na sociedade o modelo econômico baseado na exploração do trabalho, a ideologia burguesa dissemina noções que limitam a percepção das pessoas da própria realidade.

Assim, é quando pensada como ideologia de manutenção de um sistema econômico que ideologia tem significado nocivo. Nesta pesquisa, ainda que entendamos o sistema econômico como determinante na relação imaginária das pessoas com as organizações sociais, quando falamos em ideologia estamos usando a perspectiva que admite o sentido mais amplo para o termo, aquele sobre um sistema de normas e ideias que modela o pensamento das pessoas em torno das instâncias da vida em sociedade.

O discurso só é possível porque a ideologia – o espírito das práticas em um determinado lugar histórico-social (PECHÊUX, 1995) – cria disposições a partir das quais os

indivíduos passam a atuar, ou seja, como propõe o autor, a ideologia transforma os indivíduos em sujeitos. Em decorrência das relações de forças atuantes na sociedade, a existência material de cada ser é tomada pelas posições ideológicas e estes são transformados em sujeitos. Por exemplo, o ser humano fêmea é interpelado pela ideologia familiar e posto na posição do sujeito “mãe”.

Convém mencionar que a posição de sujeito, básica na Análise de Discurso, é fundada na ideologia dos contextos sociais e históricos, que é ampla em situações. Cada contexto histórico ideológico têm sujeitos mobilizando os discursos, assim, o mesmo indivíduo é chamado para assumir diversas posições de sujeito [esposa, trabalhadora, dominadora, vítima...] nos diferentes contextos em que está inserido.

Outro conceito importante dentro da perspectiva da Análise do Discurso é sobre a enunciação. Reconhecemos que se trata de um campo com muitas teorizações dentro da linguística e, por isso, precisamos apontar com clareza sob qual ângulo admitimos o conceito na análise pretendida. Partimos do exposto por Brandão (2012, p. 106), que explica a enunciação dentro da AD como sendo a “emissão de um conjunto de signos que é produto da interação de indivíduos socialmente organizados. A enunciação se dá num aqui e agora, jamais se repetindo. Ela se marca pela singularidade”.

A enunciação é o momento em que o sistema linguístico é acionado pelo sujeito na expressão dos sentidos cabíveis para cada situação. É tida como singular porque depende sempre das condições impostas aos locutores pela vivência social. Essa, embora marcada pela historicidade muitas vezes cíclica que repete eventos, é sempre única, pois a quantidade de fatores envolvidos numa enunciação são tantos que se torna impossível repetir as condições que gerariam uma enunciação repetida.

Podemos dizer que o contexto cria as condições da enunciação. Como explicado por BAKHTIN (2012), o locutor extrai do inventário das palavras disponíveis aquelas com as quais pode se expressar para produzir seu discurso e reproduzir as condições sociais a que está submetido. Aqui é reafirmada a posição do autor sobre a elasticidade das palavras, que embora possuam uma quantidade estável de significações, admitem mais significados do que o catalogado pelos sistemas linguísticos.

Enquanto metodologia aplicada ao estudo dos fenômenos aparentes no jornalismo, a Análise do Discurso apresenta a possibilidade de análise da linguagem utilizada e sua articulação com as ideologias geradoras de sentido em uma sociedade. Uma vez que estuda

nos textos o modo como os sentidos são colados nas estruturas da linguagem, o método se mostra adequado para analisar como os textos jornalísticos retratam mulheres e homens. Na AD os textos, sejam verbais ou imagéticos, são compreendidos como a unidade específica nos quais são representados os discursos. Nesta pesquisa, as unidades do discurso analisadas são as notícias publicadas pelo Portal G1 no período entre março e maio de 2019. No material coletado buscamos analisar as relações de gênero presentes no discurso das notícias.

Os conteúdos jornalísticos, assim como os demais esquemas de comunicação, são propícios para analisar questões sociais, pois suas estruturas – notícias, reportagens, artigos – permitem a presença dos aspectos ideológicos que circulam na sociedade. Especificamente no meio estudado nesta pesquisa, um portal de notícias, as possibilidades de diversas mídias podem ser orquestradas para compor discursos sobre muitas temáticas, dentre elas a sobre as relações de gênero.

Em síntese, usamos os princípios da Análise do Discurso para destacar a camada de sentido construído sobre as relações de gênero nas notícias do Portal G1. Partindo da linguagem utilizada nos textos, analisamos os sentidos produzidos sobre as pessoas conforme o sexo. Com a intenção de perceber se no Portal há reprodução ou transformação das noções de gênero socialmente elaboradas, averiguamos como os enunciados narram os acontecimentos em que aparecem mulheres e homens.

4 ANÁLISES

Com a finalidade de analisar nos conteúdos jornalísticos a materialização de relações de gênero, pesquisamos nas matérias publicadas na página principal do G1, portal de notícias mais acessado no Brasil, como e em que situações mulheres e homens são representados. Conforme salientado por Charron e Bonville (2016), o texto jornalístico é o produto específico que surge das práticas jornalísticas, é o elemento que dá identidade para a área, que dá materialidade para os procedimentos de construção de uma realidade de que se ocupa a “tribo” dos jornalistas (TRAQUINA, 2004).

É nesta forma específica de organização de informações que são publicados os sentidos norteadores das notícias do Portal G1. Orlandi (1997) afirma que o emissor do discurso é capaz de modelar seu texto em virtude da pessoa para quem é escrito o conteúdo. O discurso jornalístico é elaborado com base na crença de que jornalistas se reportam a uma realidade e estão autorizados a narrar a vivência empírica que tiveram (ALSINA, 2009). Considerando essas premissas, examinamos os textos observando as formas de expressão do G1 para narrar a relação entre o sexo das pessoas e os contextos em que estão envolvidas.

Composto pelas imagens e construções verbais organizados numa sequência lógica construída em torno dos assuntos e fatos, o texto jornalístico é o parâmetro central (CHARRON E BONVILLE, 2016), para realizar as análises propostas nesta pesquisa. Analisamos os conteúdos publicados no Portal G1 nos meses de abril e maio de 2019, coletados a cada quatro dias. Neste período foram publicados 977 conteúdos, dos quais analisamos 437.

Na etapa de delimitação metodológica, optamos em fazer a análise exclusivamente nos conteúdos em que as pessoas apareciam como centrais na construção da narrativa. Para identificar estes conteúdos, verificamos no título e no lead de cada matéria se havia pessoas baseando a construção do conteúdo. De modo que foram incluídas na análise matérias sobre ações realizadas por pessoas ou sobre características delas e foram excluídas matérias com foco nos acontecimentos.

Figura Nº 03 – Exemplo de conteúdos selecionados /não selecionados

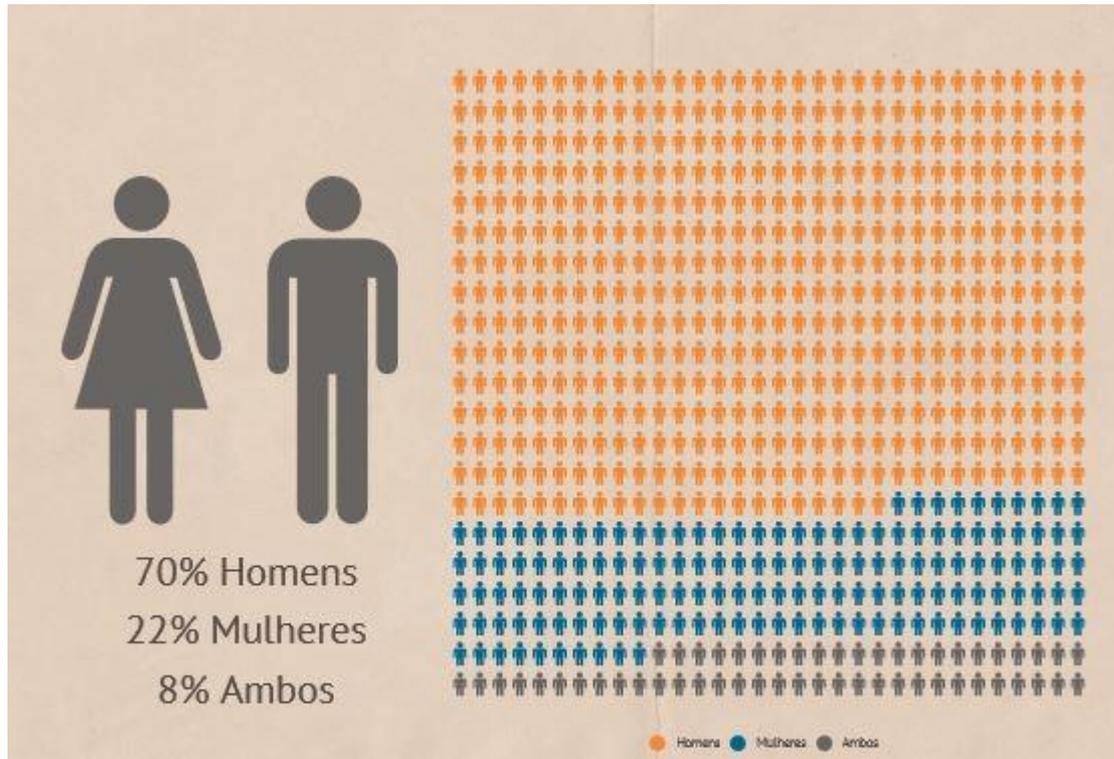
<p>'Não somos responsáveis pelo contingenciamento atual', diz ministro em sessão na Câmara</p> <p><small>Abraham Weintraub disse que prioridade é ensino básico, fundamental e técnico. Ele foi convocado no mesmo dia das manifestações de protestos contra o bloqueio de verbas no setor</small></p>	<p>Constituição prevê que ensino básico é prioridade de estados e municípios; entenda os gastos com educação</p> <p><small>Na média dos últimos 15 anos, universidades ficaram com R\$ 0,18 de cada R\$ 1 investido pela União, estados e municípios. Governo Bolsonaro prevê destinar 'recursos futuros' federais do ensino superior para a educação básica.</small></p>
<p>Na matéria da esquerda, o sujeito é central na notícia, é em torno da declaração dele que é organizado o texto jornalístico – conteúdos como este foram analisados. Já no conteúdo da direita não aparece nenhum sujeito – não são analisados conteúdos com essa característica.</p>	

As imagens funcionaram como um critério auxiliar na definição de quais conteúdos deveriam ser analisados. O Portal G1 tem por padrão dispor abaixo do título um elemento multimídia – foto, gráfico ou vídeo, todos os conteúdos coletados possuem ao menos um desses elementos. Observamos que nas matérias em que as pessoas davam sentido a construção do conteúdo, o primeiro conteúdo era foto ou vídeo do sujeito. Da mesma forma, quando a matéria não era centrada em pessoas, o conteúdo multimídia representava paisagens – imagem das casas legislativas, por exemplo, ou objetos.

Na etapa de organização do conteúdo, elaboramos uma planilha para classificar os dados obtidos na coleta. Assim, ao observar um conteúdo, categorizamos como “sem designação” aquelas notícias que não possuíam sujeitos como centro das narrativas. Quando o conteúdo era centrado em um ou em vários sujeitos, categorizamos de acordo com o sexo da pessoa envolvida: “mulher”, “homem” ou “ambos”.

A observação do conteúdo do Portal G1 revelou a existência de um padrão de representação das pessoas conforme o gênero. Como observado por Scott (1989), as atribuições de gênero geram posicionamentos hierárquicos em que, na maioria das vezes, o masculino aparece como mais relevante. Nas notícias do G1, essa hierarquia é expressa na diferença de visibilidade para homens e mulheres. A cada dez notícias, sete têm homens como o sujeito principal, duas têm mulheres e em uma aparecem os dois sexos.

Figura Nº 04 – Infográfico da participação por sexo nos conteúdos



Fonte: dados coletados no site e organizados pela pesquisadora no período observado.

Os conteúdos do G1 evidenciam ainda a existência de espaços “típicos” para mulheres e homens no modo de construir a realidade do Portal. É possível notar uma distribuição das pessoas por temática, sendo os homens a maioria dos personagens nas notícias sobre pop e arte, justiça e política. As mulheres só participam em proporção igual aos homens nas notícias da editoria Acidente, nas demais a quantidade de personagens masculinos é sempre maior.

4.1 ORGANIZAÇÃO POR EDITORIAS

Com os conteúdos centrados em pessoas delimitados, passamos a organizar em editorias as 437 notícias. Os conteúdos publicados no Portal G1 possuem basicamente duas marcas que permitem a percepção de editorias. Na parte superior das notícias, na aba vermelha no cabeçalho da notícia, a editoria jornalística é nomeada. Esta marcação aparece em cerca de 40% dos conteúdos.

Nos demais, o termo que aparece neste espaço é o nome de alguma cidade/ região ou o nome do produto jornalístico que gerou o conteúdo. Na parte inferior de alguns conteúdos há etiquetas indicando editorias, personagens, localidades e outros assuntos relacionados ao conteúdo jornalístico.

Figura Nº 05 – Marcas das editorias no Portal G1



Imagem da esquerda: exemplo de editoria sinalizada. Imagem da direita: palavras-chave utilizadas no fim dos conteúdos.

Fonte: Matéria publicada no G1 em 21 de agosto de 2019.

Na primeira etapa de tratamento dos dados, as notícias foram catalogadas de acordo com as marcações de editorias¹¹ e etiquetas utilizadas pelo Portal. Encontramos explícitas na parte superior de cada notícia sete categorias (ciência e tecnologia, economia, educação, natureza, política, pop e arte e saúde).

Nas notícias em que a marcação fazia referência ao local de publicação ou ao programa televisivo de origem do conteúdo, recorreremos às marcações dispostas no final dos conteúdos para agrupar por editorias. Com base nas palavras-chave, agrupamos as matérias de acordo com as relações percebidas entre elas. De acordo com o tema tratado, várias palavras são utilizadas para categorizar a notícia - por exemplo, quando a notícia é sobre a prisão de um político aparecem marcações do partido, da casa legislativa, do estado de origem.

Para classificar por editorias, observamos o contexto das palavras utilizadas no final das notícias (as *tags*). Quando estavam agrupados os termos “STJ”, “lava-jato”, “MPF”,

¹¹ Existem outras editorias no G1 - como “Agro” e “Carros” - elas não aparecem na relação de categorias em virtude do recorte que fizemos para selecionar as notícias.

“Sentença judicial”, o contexto da notícia era sobre ações do sistema de justiça. Como não existe explicitamente no Portal G1 uma editoria referente a essas questões, mas elas aparecem constantemente, usamos o termo *justiça* para classificar as matérias de localidades ou programas que tratam de decisões judiciais e investigações.

O mesmo procedimento foi adotado para a criação da editoria *violência*, que também não existe enquanto editoria, mas é um assunto bastante abordado no Portal G1. Uma vez que assaltos, atentados, bem com de outras formas de violência ocorridas no Brasil e no exterior aparecem frequentemente nas notícias que compõem a home do portal, utilizamos as palavras-chave “crime”, “assassinato”, “feminicídio”, para estruturar a editoria.

Identificamos, também nas notícias do Portal oriundas de telejornais/programas ou de localidades, a presença de conteúdos relativos a acidentes, desastres naturais e questões climáticas. Essas são caracterizadas por retratar fatos excepcionais, acidentes diversos (colisões, incêndios, traumas nas pessoas, resgates e etc). Nomeamos como Acidentais as notícias que tratavam de tais fatos.

Mesmo com esses procedimentos, ainda faltava editoria para enquadrar as notícias que tratavam de particularidades de personagens, como atitudes ou características específicas de algumas pessoas. Para esse caso foi elaborada a editoria *pessoa*, que agrupa as notícias que abordam situações exclusivas dos personagens em questão, como homenagens, títulos, mortes sem motivo violento.

Figura Nº 06 – Exemplo de notícia enquadrada na editoria *Pessoa*.



Fonte: matéria publicada no G1 em 11 de maio de 2019..Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/11/neta-de-escravos-danca-forro-faz-ginastica-e-ensina-como-passar-dos-100-anos-e-so-sorrir-bastante.ghtml>

Com essas sistematizações obtivemos as onze editorias em que agrupamos as 437 notícias da nossa amostra. É importante destacar que não consta no Portal G1 qual são os

critérios utilizados para organizar os conteúdos nas editorias, talvez exista uma norma interna, mas ela não está divulgada nos princípios editoriais disponíveis na página.¹²

Quadro Nº 03 – Classificação de editorias do G1 e os assuntos mais frequentes

Editoria	Assuntos comuns
Acidentais	Alagamentos, desabamentos, pessoas desaparecidas, afogamentos, colisões de veículos, quedas, resgates.
Ciência e saúde	Tratamentos de saúde, pesquisas científicas
Economia	Finanças (públicas e pessoais), mercado de valores, empresas
Educação	Programas de ensino e seleção de estudantes. Protestos. Financiamento para a área
Justiça	Decisões judiciais (sentenças, julgamentos), movimentações de processos, investigações.
Mundo	Política internacional, conflitos.
Natureza	Temporais e transtornos gerados pela chuva
Pessoa	Homenagens, características particulares da pessoa, biografia.
Política	Ações de agentes públicos e do governo
Pop e arte	Espetáculos, festivais, novelas, filmes, música, vida de pessoas envolvidas com artes
Violência	Assassinatos, feminicídios, mortes violentas, roubos, assaltos, operações policiais

Fonte: Organizado pela pesquisadora com dados do Portal G1 nos meses de abril e maio

4.2 Materializações jornalísticas de gênero

A classificação dos conteúdos nas onze editorias mostra quais foram os assuntos mais frequentes na página principal do G1 durante o período analisado. O maior grupo de notícias, com 81 conteúdos, é da editoria Pop e Arte, que trata de espetáculos e da vida de pessoas envolvida com artes. O fato da maior quantidade de notícias ser de Pop e Arte talvez tenha

¹² Alguns conteúdos sem identificação de editoria poderiam ser organizados em várias categorias ao mesmo tempo, em virtude dos assuntos tratados e dos personagens. Nestas situações, seguindo o exemplo das matérias categorizadas por editoria no Portal, consideramos o assunto dominante para enquadrar por editoria.

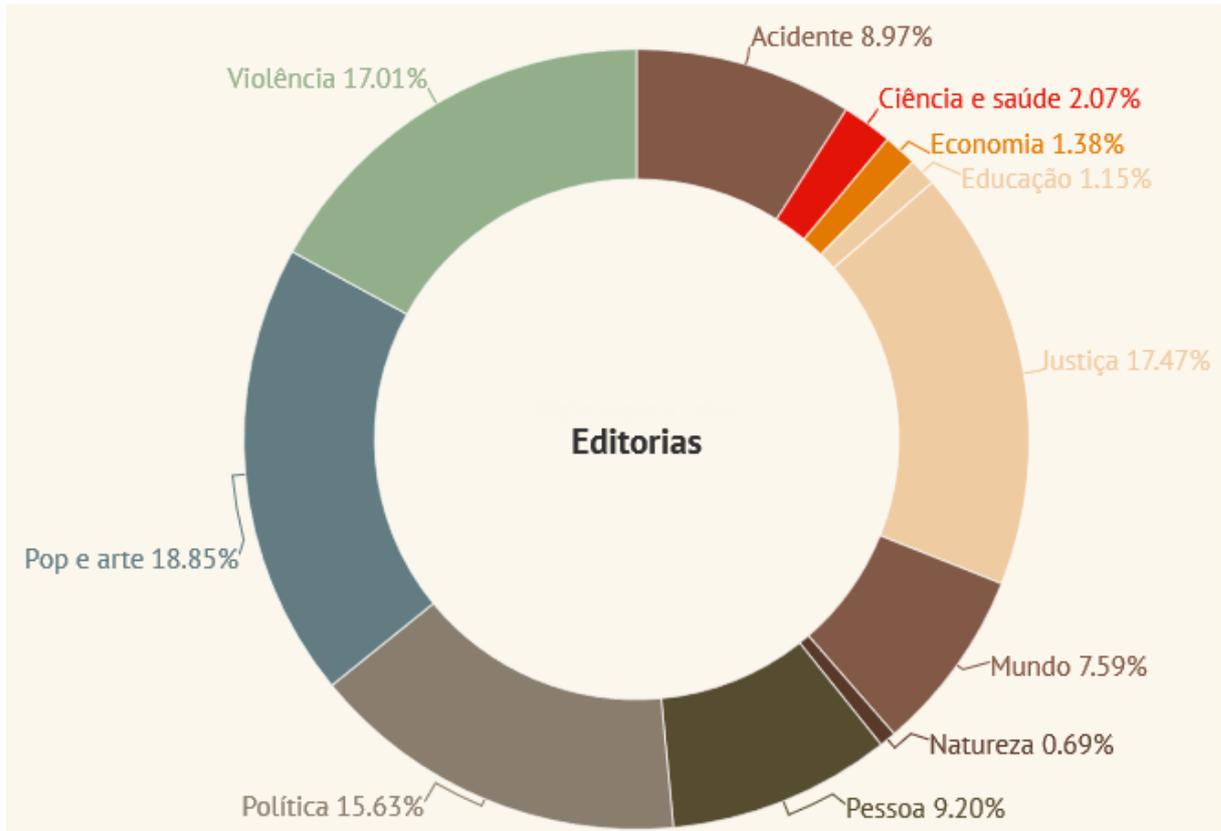
relação com o fato do Portal G1 pertencer ao grupo Globo, que tem o entretenimento como uma das suas principais atividades.

Em seguida aparece Violência - 77 conteúdos e Justiça – 76 conteúdos. Junto com Política, que tem 68 conteúdos, estas quatro editorias representam 71% do que foi publicado no Portal G1 nos dias analisados. Os dados revelam que a página principal do portal é composta na maior parte do tempo por notícias sobre entretenimento, violência e desdobramentos de ações de políticos.

Como argumentou Traquina (2014), discutindo sobre a dinâmica de influência do polo ideológico e do polo econômico no campo jornalístico (BOURDIEU, 2012), na rotina de transformação de fatos em notícias, não é a natureza autônoma da sucessão de acontecimentos que determina quais deles dão origem a notícias e quais são ignorados. O filtro é modelado pelo interesse das mídias.

Desse modo, na conjuntura em que o Portal G1 pertence a um conglomerado de comunicação, o Grupo Globo, em que o polo comercial é mais relevante que a noção do jornalismo como um serviço de fortalecimento da democracia (HERSCOVITIZ, 2009), a distribuição das editorias indica quais são os assuntos interessantes de acordo com a perspectiva da empresa.

Figura Nº 07 – Infográfico com a distribuição dos conteúdos por editoria



Fonte: elaborado pela pesquisadora com dados coletados no Portal G1 entre abril e maio de 2019.

A classificação das notícias por editorias foi uma etapa necessária para fazer a análise de acordo com a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (APNJ). Esta metodologia, proposta por Motta (2008), analisa as conexões entre os conteúdos jornalísticos publicados separadamente. Como salientado pelo autor, a análise pode ser feita em um conjunto de notícias sobre uma mesma temática, num intervalo de tempo escolhido a critério da analista.

A temática de nossa análise são as relações de gênero nas notícias do Portal G1, por isso interrogamos, através dos movimentos analíticos propostos por Motta (2008), o conjunto das notícias para levantar quais são as atribuições sociais de gênero para os sexos. Por ser central na pesquisa sobre atribuições de gênero nas notícias do G1 o papel das personagens, iniciamos a análise realizando o movimento analítico “Construção das personagens jornalísticas envolvidas” e em torno dos personagens organizamos os demais movimentos.

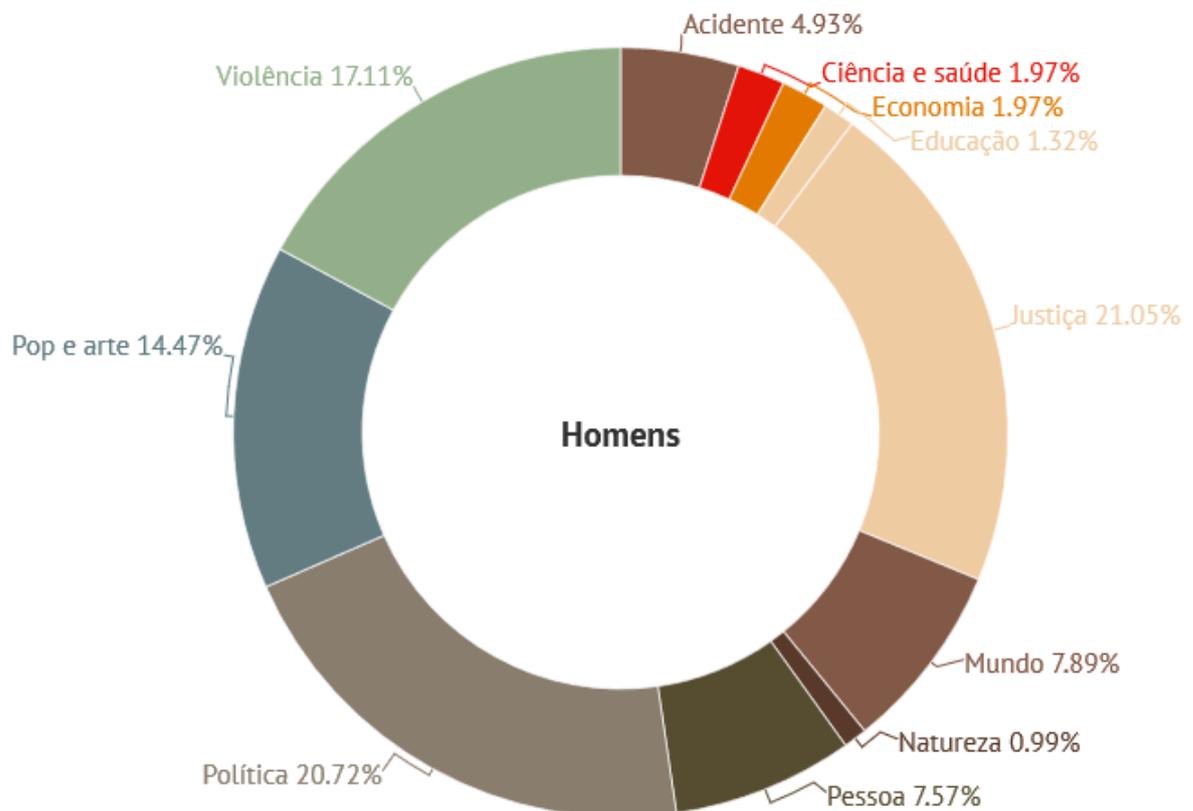
Analisando o conjunto das 437 notícias, podemos fazer dois recortes para sinalizar como se dá no Portal G1 a atribuição de espaços para as pessoas conforme o sexo. No

primeiro recorte, que chamaremos de ‘Sexo nas editorias’, observamos o conjunto das notícias considerando como é distribuição das mulheres e homens nas editorias.

Nesta perspectiva, verificamos que em todas as editorias existem homens como personagem central. O mesmo não se dá com as mulheres: nas editorias economia e natureza não há conteúdos que retratem personagens mulheres como centrais na narrativa. Também notamos que mulheres têm pouca representação nas editorias justiça e política, mas que aparecem em cerca de 1/3 das notícias de pop e arte.

O agrupamento por editoria (Figura N^a 07) mostra quais são as que mais fornecem notícias para o Portal G1 (pop e arte, violência, justiça e política). No gráfico em que ilustra apenas a participação dos homens nas editorias (Figura N^a 08), observamos que as temáticas dominantes no G1 também são as que eles aparecem com maior frequência.

Figura N^o 08 – Infográfico da distribuição dos sexos nas editorias – Homens

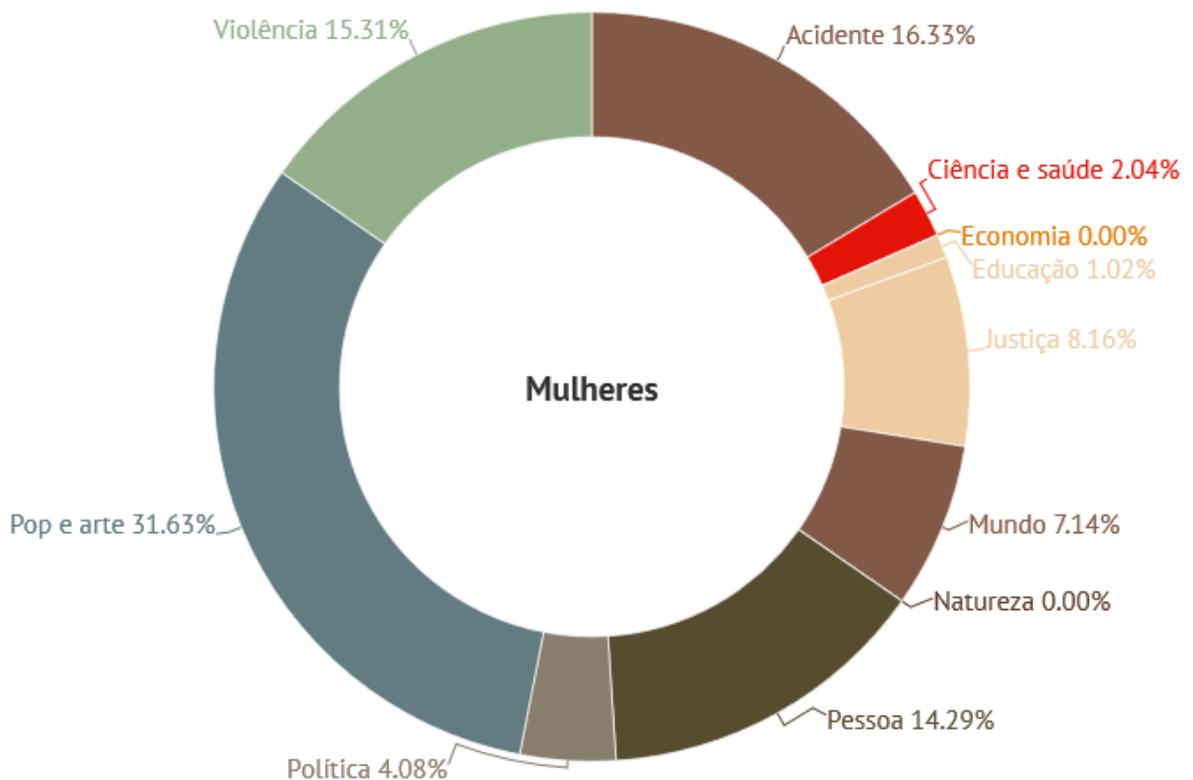


Fonte: elaborado pela pesquisadora com dados coletados no Portal G1 entre abril e maio de 2019.

No gráfico das mulheres (Figura N° 09) percebemos que este sexo tem participação relevante nas editorias ‘pessoa’, ‘pop e arte’ e ‘violência’. Nas demais editorias, o que se observa é uma participação discreta.

Nas notícias com mulheres, a editoria acidente ocupa três vezes mais espaço que nas notícias com homens. Essa prevalência se explica, em parte, pelo fato de que boa parte das vítimas de feminicídio são dadas primeiramente como desaparecidas, por isso são catalogadas nas as notícias que tratam desaparecimentos. Somente com a evolução das investigações é que surge o fato do crime.

Figura N° 09 – Infográfico da distribuição dos sexos nas editorias – Mulheres



Fonte: elaborado pela pesquisadora com dados coletados no Portal G1 entre abril e maio de 2019.

O segundo recorte observa como as pessoas aparecem, nas diferenciações por gênero, dentro dos agrupamentos de notícias – neste verificamos a quantidade de homens e mulheres em cada editoria, bem como as legitimações utilizadas para explicar os personagens. A análise

é orientada para perceber quais são os sentidos produzidos pelo Portal para mulheres e homens.

Para analisar como mulheres e homens são tratados nas notícias do Portal G1, realizamos o procedimento de observar quais sentidos eram mobilizados em cada editoria. Tal procedimento consistiu na leitura de cada conteúdo e elaboração de uma síntese da matéria para assim encontrar as regularidades no discurso (ORLANDI 1997; BRANDÃO 2012), ou seja, as formações discursivas (FD) presentes nas editorias.

Elaboramos um quadro com as formações discursivas encontradas em cada editoria. O agrupamento dos sentidos para nomeação das FD foi baseado nas particularidades das editorias. Por exemplo, em ‘Mundo’ agrupamos de acordo com os países e conflitos internacionais mobilizados nos conteúdos.

Depois de agrupar os sentidos e apontar as formações discursivas, passamos a analisar, com base nas teorias de gênero e do jornalismo apontadas nos capítulos 1 e 2, como no Portal G1 as pessoas são retratadas. Para ilustrar a análise, em cada editoria escolhemos aleatoriamente algumas matérias e apontamos nas sentenças destas as relações de sexo e gênero utilizadas.

Do conjunto de notícias coletadas, realizamos o procedimento acima citado em 87% da amostra. Considerando a dimensão dos dados coletados, optamos excluir da análise envolvendo formações discursivas as matérias das editorias Economia, Educação, Natureza e Pessoa¹³. Estas foram analisadas apenas no recorte 1, no qual verificamos a atribuição de espaços para os sexos.

¹³ As editorias Economia, Educação e Natureza possuíam apenas homens como personagens principais, como não era possível estabelecer relação entre sujeitos, julgamos interessante analisar apenas no primeiro recorte. Já editoria Pessoa não foi detalhada na análise do segundo recorte por apresentar os mesmos elementos percebidos nas demais análises, sem acrescentar incrementos aos sentidos apontados nas demais editorias (Acidentes, Ciência e saúde, Justiça, Mundo, Política, Por e arte, Violência).

4.2.1 Legitimações na editoria Acidentes

Nesta editoria a representação das pessoas foi a mais equilibrada. É a única em que a quantidade de mulheres é maior que a de homens e em que a quantidade de matérias com ambos os sexos ultrapassa 20%. Como este padrão somente foi verificado nesta editoria, ponderamos que o equilíbrio se dê em virtude da natureza dos fatos que geram as notícias. Uma vez que tragédias como desabamentos ou inundações atingem a vida das pessoas sem distinção de sexo, neste caso a prática jornalística para seleção de personagens não é baseada nos sexos e sim no impacto do fato que rompe a normalidade.

Figura Nº 10 – Infográfico da distribuição por sexo na editoria Acidentes



Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos dados coletado entre abril e maio de 2019 no site do Portal G1.

Duas notícias relatam acidentes sofridos por crianças, nestas a legitimação é sempre pela idade da envolvida [bebê, menina]. A família e pessoas envolvidas no resgate são as personagens mobilizadas. Há um conteúdo que trata de acidentes com crianças, porém a personagem central é uma mulher, a mãe da menina. Na notícia, a mulher é legitimada como mãe na maioria dos parágrafos e apenas no quarto é que ela é identificada.

Figura N °11 – Exemplo de legitimação “mulher como mãe”

O relato de uma mãe viralizou nas redes sociais nesta quarta-feira (22): a filha de 12 anos foi internada em um hospital na cidade de **São Paulo** devido à intensa brincadeira com "slime", uma massa colorida de aspecto gosmento, que teria a "envenenado".

Há pelo menos um ano, a "geleca", sucesso dos anos 1980 e 1990 foi "gourmetizada", ganhou o nome de "slime" (em tradução livre significa "baba" ou "gosma") e virou febre no mundo todo novamente. As crianças se interessaram pela alquimia da produção e, no Google, a expressão "slime receita" conta com 1,5 milhão de opções.

- **Slime com bórax pode provocar queimaduras e intoxicação; entenda riscos da ingestão e do contato**

Na quarta-feira, a mãe Cris Pagano relatou nas redes sociais que a filha está internada há mais de uma semana com um quadro de gastroenterite. Ela disse que os exames apresentavam resultados normais, exceto por uma inflamação nos gânglios linfáticos, que combatem infecções e sinalizam quando um paciente está doente.

Fonte: publicado no Portal G1 em 23/05/2019 – Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/23/mae-diz-que-filha-foi-internada-apos-brincar-com-slime-e-ficar-intoxicada.ghtml>

Três conteúdos são sobre mulheres que se envolveram em acidentes sem sérias implicações. Nestes, elas são legitimadas pelas atividades profissionais [professora, trapezista, funcionária]. Em um deles, tem a fala (citação direta) de um homem, o marido da vítima de um acidente de carro, contando detalhes do ocorrido. É ele também que relata o que teria acontecido a com a mulher que dirigia o veículo.

Encontramos quatro notícias sobre acidentes com vítimas fatais. As personagens mulheres nestas situações também foram legitimadas pelas atividades profissionais, porém, comparadas com o grupo de notícias sobre acidentes sem vítimas fatais, estas notícias apresentam mais detalhes sobre as personagens e muitas imagens das personagens.

Em duas notícias são as relações de familiaridade que são utilizadas para descrever quem são as personagens envolvidas [“Delegada diz que corpos de avó, neta e motorista” (QUEIROZ, SCHMIDT E SILVEIRA, 2019) e “mãe de brasileiros encontrados sem vida no Chile morreu” (G1, 2019)]. Nestes conteúdos, a identificação das personagens é dada no final, porém no restante do conteúdo as legitimações são pelo parentesco.

Encontramos ainda duas notícias sobre o desaparecimento de uma adolescente e de uma mulher adulta. As personagens são legitimadas como estudantes e os conteúdos

exploram as possibilidades de explicação para o desaparecimento das mulheres. Nas duas constam declarações das famílias.

Dois conteúdos têm crianças do sexo masculino como personagens. Um é sobre um bebê que sofreu um acidente e os atendimentos médicos que precisou. Já o outro narra a aventura de dois garotos que foram brincar num caminhão e acabaram saindo da cidade. Nestes conteúdos, as crianças são legitimadas pela idade/faixa etária. Assim como nas notícias similares que envolvem personagens femininas, não estão evidentes posicionamentos específicos de acordo com o sexo das pessoas envolvidas.

Sete notícias tratam de acidentes com homens como vítimas fatais, nos quais eles são legitimados como ‘adolescente’, ‘piloto’, ‘modelo’ e ‘vítima’. São conteúdos com várias informações como detalhes sobre a vida dos envolvidos e as possíveis explicações para os acidentes. As imagens que ilustram os conteúdos são dos lugares em que aconteceram os acidentes.

Dois conteúdos são sobre o trabalho de uma equipe de bombeiros brasileiros atuando em Moçambique. Os homens são retratados pela profissão e por ter atuado na tragédia da Vale, em Brumadinho. Os bombeiros aparecem nas imagens sorridentes entre crianças e nas ações de ajuda humanitária, distribuindo comida e suprimentos, por exemplo.

Conteúdo aponta um homem como possível proprietário de prédio que desabou e causou a morte de 19 pessoas. Mesmo dando vários dados que vinculam o homem como proprietário, a notícia o legitima o é legitima como morador da Muzema [local onde ocorreu o desabamento].

Há uma notícia sobre um homem, legitimado como campeão brasileiro de kart, que conta sobre o desaparecimento e reaparecimento do personagem. Numa trama elaborada com pouca clareza, são narrados eventos desconectados da vida dele como piloto e do desaparecimento.

Quadro N° 04 – Síntese dos sentidos encontrados na editoria Acidentais

Sentido	Enunciado (exemplo)	Pessoa
Crianças envolvidas em acidentes	“A pequena Luize, de 1 ano e 7 meses, voltou para casa, em Marialva, com alguns arranhões no rosto após três dias sob observação no hospital” (Portal G1, 2019).	Mulher
Mulher sofre acidente	“Corda arrebenta e trapezista cai durante espetáculo de circo em Belém” (G1, 2019).	Mulher
Mulher morre em acidente	“Morte da universitária Natália Costa foi acidental, conclui Polícia Civil do DF” (G1, 2019).	Mulher

Família vítima de acidente	“Delegada diz que corpos de avó, neta e motorista de táxi estavam em carro soterrado”	Mulher
Mulher desaparece	“Roupas e documentos de estudante desaparecida são” (Teles, 2019).	Mulher
Bebê sofre acidente	“Bebê de 1 mês tem braço amputado após telha da casa” (Portal G1, 2019)	Homem
Meninos se perdem	“Crianças sobem em caminhão para brincar, dormem, e viajam mais de 160 km na Bahia; meninos se perderam” (Portal G1, 2019)	Homem
Homem morre em acidente	“Corpo de piloto de avião que caiu sobre residência em Belém será enterrado em Marabá” (Portal G1, 2019)	Homem
Homens bombeiros em ajuda humanitária	“Bombeiros de Minas liberam estradas e montam tendas para atingidos por ciclone em Moçambique” (Portal G1, 2019)	Homem
Homem pode ser dono de prédio que desabou	“Polícia Civil investiga se morador da Muzema é responsável pela construção dos prédios que desabaram” (Portal G1, 2019)	Homem
Homem desaparecido é localizado	“Campeão brasileiro de kart que estava desaparecido é encontrado em ilha de Balneário Piçarras” (Portal G1, 2019)	Homem

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos dados coletado entre abril e maio de 2019 no site do Portal G1.

4.2.1.1 Aspectos de gênero suscitados pelos conteúdos

Percebemos materializados nas notícias sobre acidentes ocorridos com crianças o discurso da mulher no lugar de “mãe”, esta mobilizada em torno dos personagens infantis sempre com esse tratamento. O mesmo padrão não foi observado com os homens, que embora apareçam como “pai”, estes não estão exclusivamente neste lugar. Esta relação presente no G1 salienta como típico para a mulher o lugar da maternidade e, como explicado por Lauretis (1987), atua construindo a mulher como mãe na realidade sociocultural.

O lugar construído para os homens é mais diversificado. Na notícia sobre o atropelamento de uma mulher, é um homem que aparece relatando sobre o ocorrido, o estado de saúde da vítima e a versão da condutora para o incidente. Observamos que a reportagem pode ter optado em informar tendo um personagem masculino como narrador, um vez que tanto a vítima quanto a autora estavam em condições de relatar. Naturalmente, é possível também que as mulheres tenham optado em não dar declarações, contudo, a linguagem jornalística dispõe de recursos para dar a notícia sem precisar envolver exclusivamente um personagem secundário falando pelas protagonistas.

Figura Nº 12 – Exemplo legitimação personagens homens

Segundo o protético Luís Fernando Lopes, marido de Ingrid, a motorista do carro contou que perdeu o controle da direção. Ele seguia de bicicleta a poucos metros do local.

“Ela estava bem assustada, aparentemente estava fora de si. Diz ela que viu a morte de perto e que não lembra de nada. Ela achava que o carro ia capotar, ela perdeu o controle e não lembra. Foi o relato dela”, diz.

Fonte: publicado no Portal G1 em 23/05/2019 – Disponível <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2019/05/07/carro-desgovernado-atropela-professora-que-corria-na-calcada-em-ribeirao-preto-sp-video.ghhtml>

Verificamos nas situações em as mulheres foram vítimas fatais nos acidentes a utilização de imagens que expõem o corpo destas. Os quatro conteúdos que apresentam esta formação discursiva trazem imagens em que as mulheres aparecem em poses sensuais ou despojadas. Essa forma de ilustrar as matérias opta em chamar a atenção do público fazendo apelos baseados na estética da personagem feminina, uma vez que as formas da personagem não estão relacionadas aos acidentes de que foram vítimas. Personagens homens envolvidos em situações similares não tiveram suas imagens exploradas: as imagens utilizadas para ilustrar matérias com homens vítimas fatais de acidentes são do local e ou do funeral.

Um conteúdo em especial utiliza da estratégia de expor o corpo da personagem em detrimento do uso de imagens ilustrativas coerentes com o acidente: na matéria sobre a morte de Caroline Bittencourt (Portal G1, 2019), aparecem 11 imagens da mulher, algumas inclusive de um ensaio fotográfico sensual. Apenas no final do conteúdo é que aparecem dois infográficos ilustrando as condições que provocaram o acidente.

Figura Nº 13 – Fragmento do conteúdo que explora a imagem da mulher



Carol Bittencourt posou para o site Paparazzo, em 2015 — Foto: Marcos Serra Lima/G1

Modelo morre no litoral norte de SP

Caroline Bittencourt havia caído no mar no domingo, após vento de mais de 100 km/h atingir embarcação



Fonte: publicado no Portal G1 em 23/05/2019 – Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/04/29/caroline-bittencourt-era-estudante-de-nutricao-e-tinha-filha-de-17-anos.ghtml>

Ao recorrer às imagens que enfatizam os atributos estéticos da personagem, as notícias reforçam uma série de noções sexistas que circulam socialmente. Expor o corpo de uma mulher quando a notícia não tem relação nenhuma com as formas desta significa tratar a personagem não como pessoa e sim como mais um insumo entre os demais que compõem o produto notícia.

Conforme explica Collins (2019), esse processo de objetificação ignora as particularidades do elemento tratado, dando apenas uma característica para elementos complexos. O uso exaustivo de fotos da personagem Caroline Bittencourt apaga da narrativa,

por exemplo, o significado dela para a família, que certamente aprecia outras características que não são ilustradas com as fotos os sensuais da personagem.

O fenômeno de objetificar as pessoas, nesse caso as mulheres, pode ser percebido como típico do jornalismo, que, sendo um híbrido de atividade econômica e expressão cultural (CHARRON; BONVILLE 2016), produz mercadorias para a finalidade econômica com base no panorama cultural da sociedade. Em outros termos, quando o Portal G1 utiliza imagens do corpo de uma mulher, essa prática é coerente com os interesses da empresa de mídia para ter mais acessos e, conseqüentemente, retorno financeiro (SALAVERRÍA, 2017).

A estratégia adotada parte da percepção sociocultural de que o corpo das mulheres pode ser usado como ‘coisa’, como um elemento para atrair atenção. Trata-se de uma estratégia perversa e notícias produzidas dentro dela trazem conseqüências graves para a vida das mulheres. Isso porque colaboram reforçando as práticas sociais que geram, por exemplo, a violência contra as mulheres.

O jornalismo do Portal G1, que em alguns conteúdos propaga uma das lógicas que baseia o fenômeno social da violência contra a mulher, parece reconhecer a situação de risco das mulheres. Observamos na editoria Acidentes o lugar destinado aos personagens masculinos nas notícias sobre a morte de personagens mulheres. Nas quatro ocorrências há informações sobre a participação destes nos acidentes, nas quais são fornecidos elementos para que o público compreenda a ausência de culpa/responsabilidade dos homens.

Há o sentido de que ‘não, eles não mataram estas mulheres’, como exemplificado na matéria “A Polícia Civil do Distrito Federal concluiu o inquérito que investigava a morte da estudante Natália Costa, 19 anos. Segundo as apurações, a jovem se afogou acidentalmente. “Não houve homicídio”” (ALVES, 2019). Quando o personagem desaparecido foi um homem, não houve vinculação com personagens mulheres.

Tal associação do homem com o desaparecimento das mulheres pode ter uma explicação estatística: dados presentes no Atlas da Violência (2019) demonstram que homens estão envolvidos diretamente na morte de 1/3 das mulheres. As notícias que tratam do desaparecimento de mulheres se relacionam com a realidade de homens como agressores, logo tratam de explicar que tal desaparecimento não se encaixa no padrão de violência contra a mulher.

Como já salientado, esta editoria é a com uma maior proporção de notícias com ambos os sexos no lugar de personagens. Contudo, verificamos que a linguagem utilizada na maioria

das vezes trata as pessoas com termos no gênero masculino, mesmo existindo formas no feminino ou no neutro. Esta forma de tratamento segue a lógica do masculino como sexo dominante, como salientado por Beauvoir (2016), na qual as mulheres são percebidas em segundo plano e que os homens representam o “todo mundo”.

Exemplo da lógica de desconsiderar a presença das mulheres e salientar a presença dos homens no tratamento é visível, por exemplo, na matéria “Bailarinos são hospitalizados após levarem choque durante encenação da Paixão de Cristo em Salto”, de Oliveira (2019), que usa o termo bailarinos para falar do grupo de artistas e, no entanto, ilustra matéria com uma imagem que mostra mais mulheres que homens.

Figura Nº 14 - Exemplo de conteúdo com termos no masculino



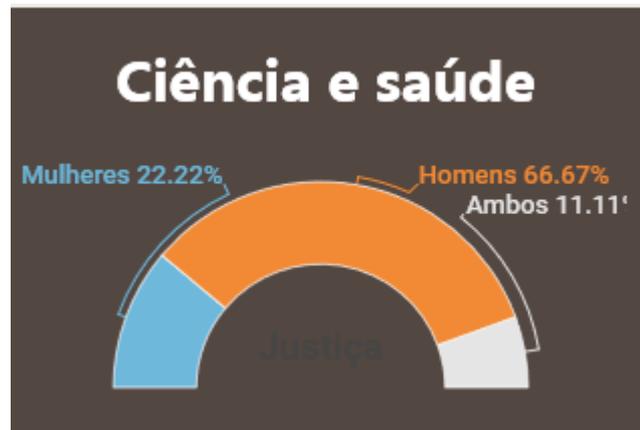
Atores e bailarinos reclamam que tomaram choque durante encenação da Paixão de Cristo em Salto — Foto: Zeka Carvalho/Arquivo pessoal

Fonte: publicado no Portal G1 em 17/04/2019 – Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/04/17/bailarinos-sao-hospitalizados-apos-levarem-choque-durante-encenacao-da-paixao-de-cristo-em-salto.ghtml>

4.2.2 Legitimações na editoria Ciência e Saúde

No contexto de Ciência e Saúde foram catalogadas nove notícias, o que representa pouco mais que 2% da amostra. Referente ao sexo das personagens, são duas matérias sobre mulheres, seis sobre homens e uma em que ambos são centrais na narrativa.

Figura Nº 15 - Infográfico da distribuição por sexo na editoria Ciência e saúde



Fonte: elaborado pela pesquisadora com dados coletados no Portal G1 entre abril e maio de 2019.

Nesta editoria, temos duas matérias em que os personagens masculinos são legitimados como cientistas e inovadores e duas em que os homens são legitimados como pais de crianças em atendimento hospitalar. Uma em que o personagem masculino é explicado como vítima das condições insalubres do sistema prisional. E uma sobre um menino legitimado como inteligente, sensível e perseverante.

As duas matérias com personagens do sexo feminino são sobre a participação delas enquanto mulheres na missão espacial da NASA e no histórico registro da fotografia do buraco negro. As legitimações são ‘astronauta’ e ‘astrônoma’.

Quando os personagens são masculinos, encontramos apenas flexões léxico verbais de designação por gênero, não constam legitimações que salientem os personagens pelo sexo. No entanto, quando as personagens são mulheres, a condição de gênero é salientada. A matéria que retrata Christina Koch é sobre o recorde que ela baterá, relativo tempo de sua permanência no espaço em comparação com astronautas homens: *“A missão de Koch será apenas um pouco mais curta que o vôo espacial mais longo de um astronauta da Nasa (340 dias)”* (PORTAL G1, 2019).

A matéria que retrata a participação de Lia Medeiros no projeto da primeira fotografia do buraco negro, uma entrevista, explicita que a divulgação do projeto foi enfática na participação das mulheres no feito. Há uma citação direta em que a personagem fala sobre o

fato de, por ser mulher, enfrentar obstáculos nas ciências. Ela fala ainda que divulgar a participação das mulheres no projeto pode servir como inspiração para outras mulheres:

Na matéria em que ambos sexos aparecem como protagonistas, há flexões de gênero para cada personagem. As legitimações são de acordo com as doenças e necessidades especiais que possuem e no contexto da falta de medicamentos de fornecimento obrigatório pelo governo.

Quadro Nº 05 – Síntese dos sentidos encontrados na editoria Ciência e saúde

Sentido	Enunciado (exemplo)	Pessoa
Cientistas e inovadores	“Arthur Eddington, um jovem astrofísico inglês, decidiu que iria fazer isso. Ele foi um dos primeiros cientistas a abraçar a relatividade”, Barbosa (2019).	Homem
Pai	“Pais que aguardavam atendimento para os filhos”, Doyle (2019).	Homem
Vítima do sistema prisional	“Um preso que cumpria pena na Penitenciária do Distrito Federal (PDF I), no Complexo da Papuda, morreu no domingo”, Ferreira (2019).	Homem
Menino inteligente, sensível e perseverante	“Artur é muito inteligente, sabe que tem um problema de saúde e que precisa cuidar disso. Apesar de todos os sustos, ele é uma criança alegre”, Tenente (2019).	Homen
Mulheres cientistas batem recordes e inspiram	“Lia Medeiros, astrônoma e física de 28 anos, explicou sua colaboração no projeto. Para ela, reconhecimento do trabalho das mulheres na iniciativa ajuda a mudar estereótipo do cientista”, Moreno (2019).	Mulher
Transplantados desassistidos	Pacientes transplantados sofrem com a falta de remédios	Mulher/homem

Fonte: quadro organizado pela pesquisadora com matérias do Portal G1

4.2.2.1 Aspectos de gênero suscitados pelos conteúdos

Em conteúdos de Ciência e tecnologia, as duas notícias encontradas retratam o ineditismo das mulheres nos papéis que desempenham. A sentença “primeira mulher a” foi utilizada para narrar a presença de mulheres no contexto da ciência (missões espaciais e projeto para captura de imagem do buraco negro). Essa forma de legitimação, ressaltando o ineditismo da mulher, pode ser interpretada como uma sinalização de que o contexto ciência não é o natural para as mulheres.

Como salientado por Beauvoir (2016) os homens são reconhecidos socialmente como naturais na maioria dos lugares, como se a presença masculina fosse a presença elementar

para as situações. Assim, quando é uma mulher que aparece no espaço da ciência, é preciso justificar tal presença, uma vez que, para a concepção dominante, ela é exótica.

Na matéria sobre a 1ª fotografia do buraco negro, que ressalta a participação de uma mulher como relevante como inspiração para outras mulheres, percebemos duas camadas de sentido na perspectiva de gênero. Numa delas, o texto valoriza a atuação da mulher, deixando explícita a importância do feito tanto para a sociedade como um todo, quanto para as mulheres. O texto estabelece, em cinco sentenças diferentes, a relação entre a divulgação da pesquisa e a participação feminina no projeto.

Contudo, ao destacar a cientista em virtude do sexo como importante para desconstruir estereótipos, a matéria atua justamente na direção oposta.

Figura Nº 16 – Fragmentos de notícia com mulher personagem central

Lia Medeiros, astrônoma e física de 28 anos, explicou sua colaboração no projeto. Para ela, reconhecimento do trabalho das mulheres na iniciativa ajuda a mudar estereótipo do cientista.

Segundo a pesquisadora, embora os resultados do projeto EHT tenham sido obtidos graças ao trabalho de mais de 200 pessoas, o foco que as mulheres participantes do projeto receberam é positivo para mudar o estereótipo de quem pode e deve ser cientista.

No processo de divulgação dos resultados pelo projeto, pelas instituições e pelos meios de comunicação, muito do foco foi dado às colaboradoras mulheres. Qual é a sua opinião sobre isso?

Fonte: Publicado no Portal G1 em 17/04/2019 – Disponível em <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/04/17/resultados-como-esse-podem-inspirar-a-proxima-geracao-de-cientistas-diz-brasileira-envolvida-na-1a-foto-de-um-buraco-negro.ghtml>

Uma vez que o sexo da cientista está evidenciado em diversos elementos [no nome, na imagem que aparece no início do conteúdo, na linguagem flexionada no feminino], já seria suficiente uma sentença para ressaltar a cientista como inspiração. O texto de Moreno (2019) salientando em cinco sentenças a associação entre o sexo da pessoa com a atuação profissional dela, ao mesmo tempo em que valoriza a participação, sinaliza que não é comum a presença de mulheres em projetos de ciência.

De acordo com o “esquecimento enunciativo”, proposto em Orlandi (1997, p. 35), a composição de textos é orientada pela noção de que as palavras utilizadas em uma sentença são exatamente aquelas que correspondem à realidade, de modo que as outras possibilidades de palavras são desconsideradas por não estar de acordo com o sentido da enunciação. Assim

o texto de Moreno (2019) opta em salientar o sexo da pessoa por, inconscientemente, estar preso ao sentido de que mulheres precisam ser explicadas no contexto da ciência.

A matéria “Entenda como um eclipse solar no Brasil ajudou a confirmar a Teoria da Relatividade de Einstein” (BARBOSA, 2019, Portal G1), é semelhante a matéria sobre a 1ª fotografia de um buraco negro, posto que ambas fazem alusão a um experimento científico considerado importante. No entanto, na matéria de Barbosa (2019) os personagens centrais são homens e, neste caso, não há nenhuma menção ao sexo dos envolvidos no experimento. Os conteúdos são relativamente equivalentes em espaço ocupado no Portal, mas quando os personagens são masculinos, não são utilizados recursos de identificação das pessoas conforme o sexo.

Destacamos ainda as características das mídias utilizadas nos dois conteúdos. Na matéria em que os personagens são homens, as fotos mostram a equipe e os experimentos. Já na matéria em que a personagem é mulher, é utilizada a imagem do experimento, contudo, mesmo citando que a equipe tinha outras mulheres, nenhuma imagem da equipe é apresentada. A personagem central, Lia Medeiros, aparece em duas imagens: logo abaixo do título sorrindo numa foto de perfil e depois em foto de corpo inteiro, com uma praia ao fundo. Esta última, que na legenda é identificada “arquivo pessoal”, provavelmente foi cedida pela própria entrevista, porém a utilização dela - e não de uma foto da equipe¹⁴ - indica que a opção de quem fez a edição foi valorizar os atributos da personagem.

4.2.3 Legitimações na editoria Justiça

¹⁴ No site da universidade do Arizona, citado na notícia é possível encontrar uma imagem que expressa a participação das mulheres na equipe: <https://www.as.arizona.edu/featured-articles/first-results-event-horizon-telescope>

Na editoria Justiça foram catalogadas 76 notícias, é a segunda maior editoria, representando 17,34 % da amostra. Quanto ao sexo da personagem central das narrativas, verificamos uma ampla maioria de personagens masculinos, que são representados em 64 conteúdos. Personagens mulheres aparecem em oito notícias e ambos são representados quatro oportunidades.

Figura Nº 17 – Infográfico da distribuição por sexo na editoria justiça



Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos dados coletado entre abril e maio de 2019 no site do Portal G1

Na editoria “Justiça” as mulheres aparecem como personagens principais em oito conteúdos. Em duas matérias a mulher é retratada atuando nas ações de investigação de corrupção [ações da procuradora geral da república Raquel Dodge] e uma retrata a atuação no legislativo do Rio de Janeiro [deputada Renata Souza]. Nestas notícias as legitimações são do trabalho que desenvolvem [procuradora e deputada].

Em dois conteúdos as mulheres aparecem como vítimas [racismo e erro médico] e são legitimadas pelo sexo ‘mulher’. Dois conteúdos mostram mulheres em rotinas de cuidado [dona de animal de estimação e mãe]. Em um conteúdo a mulher é retratada como ‘condenada’ por assassinar o companheiro, no qual é legitimada no título como ‘cantora gospel’.

Já os homens aparecerem como protagonistas em 64 conteúdos. Destes, 24 são notícias sobre pessoas da vida política do Brasil acusados de crimes – Lula e Sérgio Cabral, por exemplo. Nestes conteúdos os personagens são legitimados pelo cargo que ocuparam ou ocupam. Também são personagens recorrentes juízes do Supremo Tribunal de Justiça e de outros tribunais regionais, que aparecem em 16 conteúdos. Nestes conteúdos as legitimações são ‘ministro do STF’ e ‘juiz’.

Personagens homens envolvidos em crimes de corrupção, erro médico e operações policiais são retratados em 14 conteúdos. As legitimações dos homens que atuam como profissionais liberais são ‘executivo’, ‘empresário’, ‘militar’ e ‘médico’. Já os homens sem essas designações profissionais são legitimados como ‘suspeito’, ‘criminoso’, ‘jovem’.

Os dois sexos aparecem juntos como o ‘quem’ da notícia em quatro conteúdos. Em dois deles as mulheres são legitimadas como ‘esposa dele’. Em um conteúdo o homem é legitimado como ‘marido de’. E em um conteúdo a legitimação é no masculino, mesmo existindo homens e mulheres no grupo.

Quadro N° 06 – Síntese dos sentidos encontrados na editoria Justiça

Sentido	Enunciado (exemplo)	Pessoa
Juíza e deputada atuação nos casos de corrupção	“Procuradora-geral afirma que não foi possível localizar provas para avançar nas investigações”, Oliveira (2019).	Mulher
Vítimas de racismo/erro médico	“Mulher faz denúncia por racismo”, Portal G1 (2019).	Mulher
Mulheres em rotinas de cuidado	“É outra vida’, diz mãe que obteve na Justiça o direito de plantar maconha medicinal para filha de 9 anos”, Truda (2019)	Mulher
Criminosa	“Cantora gospel é condenada a 21 anos de prisão por matar o marido” Portal G1 (2019).	Mulher
Agentes públicos acusados de cometer crimes	“Tribunal considerou que Pezão cometeu abuso de poder nas eleições de 2014”, Oliveira (2019).	Homem
Magistrados proferindo sentenças	“Fachin envia inquérito sobre Romero Jucá para Justiça do DF”, Leitão (2019).	Homem
Profissionais liberais envolvidos em crimes	“O executivo Carlos Ghosn, ex-presidente da aliança Renault-Nissan-Mitsubishi, foi libertado”, Portal G1 (2019).	Homem
Homens em crimes violentos	“Motoristas de caminhão usuários de drogas”, Portal G1 (2019).	Homem
Ação de cônjuges	“Quadro Negro: Beto Richa, mulher e outros cinco viram réus por obstrução de investigação”, Hising e Moroni (2019).	Mulher e homem

Fonte: quadro organizado pela pesquisadora com matérias do Portal G1

4.2.3.1 Aspectos de gênero suscitados pelos conteúdos

As notícias do contexto justiça podem ser analisadas como uma representação no Portal G1 das relações de poder vividas em sociedade. Scott (1989) explica que gênero compõe as relações sociais e possui um elemento formal que se manifesta, entre outros lugares, no código jurídico-normativo de uma sociedade. Assim, quando neste contexto a maioria dos personagens representados é homem, aparece o indício de qual é o sexo que o jornalismo do Portal entende como natural quando a temática é justiça.

Pela lógica numérica [a maioria das notícias tem homens porque eles são a maioria dos envolvidos nas ações], a representação dos homens neste contexto parece uma mera representação da realidade, contudo, tal lógica oculta a seleção de fatos que o jornalismo opera para compor o noticiário. Como exposto por Traquina (2004) e Genro Filho (1987), a prática jornalística é orientada pela estrutura social em que está inserida, de modo que a seleção que realiza dos fatos cotidianos é marcada pelos interesses dessa estrutura.

Importante destacar que cerca de 17% das notícias do Portal é de fatos judiciais protagonizados por homens. Dessa forma, optando em compor o noticiário com notícias dessa natureza, o G1 demonstra em que medida esta configuração é relevante para o Portal. Por outro lado, ao fazer das sentenças judiciais protagonizadas por homens uma grande fonte de notícias, o Portal sinaliza que prioriza o sexo masculino para informar sobre o código jurídico-normativo (SCOTT, 1989) e assim o coloca como dominante neste elemento que compõe a organização da sociedade modelada pela hierarquia social baseada em gênero.

O modo como os elementos informativos são elaborados na prática jornalística ajudam construir a percepção social do que é a realidade (BERGUER; LUCKMAN, 2011). No modo em que são produzidas no G1, as notícias elaboram a realidade da vida pública como sendo composta por homens que mesmo na posição de criminosos, se forem de classes sociais privilegiadas, devem ser mencionados em virtude da função/cargo público/profissão.

As pessoas e suas respectivas legitimações reforçam o indício de que as notícias atuam no sentido de colocar o sexo masculino como dominante na temática justiça. 2/3 dos homens que são personagens centrais ocupou ou ocupa cargo público e, mesmo na condição de réus/condenados, são apresentados na notícia em virtude dos cargos. Tal relação pode significar que na construção jornalística do Portal G1, mais que as condenações e processos, deve ser importante a função pública que eles ocupam/ocuparam.

Personagens que não têm ligação com cargos públicos e aparecem nas notícias em decorrência de condenações por assassinatos e assaltos, são legitimados por termos como ‘suspeitos’, ‘criminosos’ e afins. Já aqueles que aparecem em decorrência de condenações por corrupção, erro médico e operações policiais são explicados nas notícias por termos sobre as profissões [‘executivo’, ‘médico’, militar].

Nesta relação, em que os homens ligados a posições de poder são representadas não de acordo com os crimes cometidos, há reforço da figura masculina pelo aspecto positivo. Ao apresentar homens que cometeram crimes conforme a atividade profissional que exercem, as

notícias do G1 atuam mantendo-os na mesma posição hierárquica que as profissões lhes conferem. Assim sendo, a relação de sentidos que surge nas notícias para o gênero masculino (SCOTT, 1989) coloca os homens na posição de profissionais e despreza a atuação dos homens como transgressores no sistema jurídico-normativo.

Conforme Charaudeau (2005), os dispositivos de mídia utilizam três modos de discurso para transformar os acontecimentos em notícia: relatar, comentar e debater o acontecimento. É justificável pela necessidade de dar sentido ao acontecimento que Portal G1 dê a notícia informando o cargo/ a profissão do envolvido, pois ao relatar o acontecimento dando importância a este dado, o Portal estabelece vínculo com outras informações já disponíveis.

Contudo, considerando as características de jornalismo digital (SALAVERRÍA, 2017), o G1 tem condições para articular outros modos de discurso e poderia comentar o acontecimento - a explicar suas razões e entrelaçamentos. Ao colocar informações também para caracterizar o personagem não só pela profissão/cargo público, o G1 seria capaz de construir os personagens masculinos de modo mais complexo, colaborando deste modo para que nas noções em torno do código jurídico-normativo os homens sejam elaborados não somente pelo aspecto positivo.

Na elaboração percebida com a análise das matérias coletadas para esta pesquisa, as mulheres, quando são juízas e deputadas, são tratadas com o mesmo modo de discurso percebido nas notícias com personagens homens – justifica pela profissão e não oferece informações aprofundadas sobre a pessoa. Esta unidade no modo de tratamento, ao mesmo tempo em que absorve com naturalidade a presença das mulheres na editoria justiça, acaba diluindo a participação das mulheres. Como as notícias com mulheres juízas e deputadas é menor que a de homens nas mesmas posições (64 com homens – 3 mulheres), o tratamento uniforme apaga a presença delas.

Observamos no discurso do Portal G1 a presença das mulheres explicadas como ‘dona de gata’, ‘mãe’ e ‘esposa’, o que reforça a vinculação da mulher ao ambiente do cuidado. Esses discursos, de acordo com o proposto por Rago (1998), remetem à ideia de o ambiente doméstico é o típico para pessoas do sexo feminino. Materializados nas notícias, estes discursos compõem um quadro midiático em que a mulher aparece, mais uma vez, no universo doméstico, o que reforça a vinculação do feminino com as tarefas de cuidado.

Outra forma de legitimizar as mulheres não ligadas a cargos públicos que observamos foi como ‘uma gari de 35 anos’ e ‘mulher’. Nestes conteúdos, em que as mulheres são explicadas como vítimas de erro médico e racismo, encontramos o termo ‘mulher’ em algumas sentenças – o que não foi verificado nas notícias sobre a procuradora-geral da república, por exemplo. A seleção das palavras é orientada para a composição do discurso, não é aleatória (BAKHTIN, 2012), assim sendo, o uso do termo ‘mulher’ pelo Portal G1 somente quando estas aparecem na condição de vítima pode expressar que nesta posição é pertinente caracterizar pelo sexo, já quando não se trata de mulheres de classes populares é desnecessária a associação com o sexo.

Figura Nº 18 – Fragmento de notícia com o termo mulher

a cliente fez a cirurgia não por questões estéticas, mas porque a mulher sofria de gigantomastia bilateral, uma condição que deixa os seios muito grandes e causa dores nas costas.

Fonte: Publicado no Portal G1 em 03/05/2019 – Disponível em <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2019/05/03/juiza-manda-medico-pagar-r-50-mil-a-gari-que-ficou-sem-mamilos-apos-cirurgia-de-reducao-das-mamas.ghtml>

A notícia “Juíza manda médico pagar R\$ 50 mil a gari que ficou sem mamilos após cirurgia de redução das mamas”, Martins (2019), exemplifica o sentido da mulher como vítima observado na construção midiática feita pelo Portal G1. Já no título percebemos uma valorização para a personagem, que é legitimada pela profissão que ocupa [gari] e não pela peculiaridade que a faz ser personagem da notícia [pessoa vítima de erro médico]. Como elaborado anteriormente, o opção por um termo e não por outro denota a mobilização de um discurso (ORLANDI, 1997) – neste caso, é mobilizado o discurso da mulher atuando em uma profissão de pouco prestígio social.

Notamos que há apelo ao sensacionalismo no tratamento da personagem. Ao citar em termos literais a forma da mutilação sofrida pela pessoa [“ficou sem os mamilos e teve os seios deformados após passar por uma cirurgia de redução das mamas”, Martins (2019)], a notícia usa termos sensacionalistas para atrair o público. Embora a personagem não seja identificada, o apelo sensacionalista tem força em virtude dos termos utilizados [“Quando eu vi que tinha ficado sem o bico dos peitos, eu queria chorar. Ficou com uma parte mais escura, parecendo que ficou queimado, e a cicatriz muito grossa”, Martins (2019)].

As referências a partes do corpo da personagem, encontradas em diversas sentenças, configuram uma associação simbólica que, de acordo com Bourdieu (2012), historicamente foi utilizada para determinar o espaço ‘típico’ de cada sexo, sendo o feminino geralmente atrelado a espaços subalternos. Na notícia, é por causa da forma que o corpo adquire que a vida da personagem se transforma:

A mulher conta que desde que fez a cirurgia a vida nunca mais foi a mesma. Ela disse que cinco meses após a operação o marido a deixou por causa de como os seios dela ficaram. Por isso, entrou em depressão e precisou tomar medicamentos para controlar a doença. A gari lembra ainda que ganhou cerca de 30 kg desde então, porque mal saía de casa. (MARTINS, 2019).

Enfatizando as alterações no corpo na personagem, a notícia sumariamente se reporta ao discurso relatado (CHARAUDEUAU, 2005), no qual apenas reproduz o que a personagem falou. Dessa maneira, se omite de contextualizar as informações e deixa de dar elementos que levem o público a compreender, por exemplo, qual a incidência de erro médico no procedimento cirúrgico que realizou a personagem ou como proceder em caso de ser vítima de erro semelhante.

A narrativa desta notícia tem ainda um componente que provoca discussão sobre a forma como a personagem é retratada. Há referências explícitas à classe social da mulher, entre elas uma citação direta da advogada da personagem dizendo que a cliente não tinha condições de pagar pelos custos e que, portanto, o pagamento pela atuação da advogada somente ocorreria se houvesse sucesso para a cliente na ação indenizatória. Esta informação suscita a seguinte questão: se a vítima fosse de uma classe social privilegiada, será que a notícia teria o mesmo detalhamento das mutilações? Conforme verificado nos conteúdos da editoria justiça que envolviam homens¹⁵, a condição social da personagem influi no modo como ela é tratada.

¹⁵ Nesta mesma secção, quando analisamos as notícias sobre personagens homens, verificamos que enquanto profissionais liberais atuando em posições com status social elevado [médico, por exemplo] envolvidos em crimes eram tratados pelas profissões, homens de fora dessa esfera eram tratados pela condição no fato [suspeito, por exemplo]

4.2.4 Legitimações na editoria Mundo

No contexto ‘Mundo’ foram categorizadas 33 notícias. Sete têm mulheres como personagem principal, sendo que em duas a pessoa é Theresa May, uma representante da política do Reino Unido. 24 notícias têm homens como personagem, a maioria delas trata de governantes dos EUA e Coréia do Norte. Em dois conteúdos aparecem homens e mulheres juntos.

Figura Nº 19 – Infográfico da distribuição por sexo na editoria Mundo



Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos dados coletado entre abril e maio de 2019 no site do Portal G1

Entre as mulheres, as inglesas são as que mais aparecem. Duas notícias são sobre a situação política da então premiê britânica e a retratam como uma mulher pressionada fazendo articulações políticas. Uma notícia é sobre a Rainha Elizabeth II, na qual ela é retratada como uma mulher longeva no posto de rainha.

São também do Reino Unido as notícias em que ambos os sexos aparecem como personagens centrais. Trata-se de duas notícias sobre um casal da realeza britânica, nas quais são reportados o casamento e o filho do príncipe e da princesa. São feitas referências a outras pessoas da realeza, numa espécie analogia entre este casal e outro da mesma família.

De Moçambique, há uma notícia sobre um parto que aconteceu durante a passagem de um ciclone, em que a mulher pariu em cima de uma árvore. A notícia tem uma citação direta da mulher, que é legitimada como mãe e aparece com a filha nos braços e amamentando.

Há uma notícia sobre uma mulher alemã que foi julgada e pode ser condenada pela morte de uma criança. Embora o título da matéria deixe explícito que a mulher foi

responsável por deixar a criança sob o sol até a morte, no prosseguimento há a informação que o castigo foi dado pelo marido da personagem, que esta tardou em interferir no castigo.

Dos EUA encontramos uma notícia sobre a governadora do Alabama, que sancionou uma lei que restringe o direito ao aborto, procedimento admitido pela constituição dos EUA. Legitimada pelo cargo [governadora] a mulher aparece somente no primeiro parágrafo, nos demais a notícia informa sobre as divergências e similaridades da lei aprovada pela governadora e as leis de outros estados americanos.

Entre os homens, governantes da França, da Venezuela, da Coreia do Norte e dos EUA são os personagens centrais em doze dos 21 conteúdos protagonizados por homens, destes, o personagem mais frequente é Donald Trump. Eles aparecem fazendo declarações sobre decisões políticas dos países que representam e em situações sociais. Processos eleitorais também são assuntos tratados.

A situação política da Venezuela fornece dois conteúdos: um deles conta detalhes do pedido de cooperação feito aos EUA pelo político que se proclamou presidente; no outro, manifestantes favoráveis ao auto-proclamado narram a violência de um dos protestos. Outras duas notícias são sobre o ex-presidente do Peru, que acusado de corrupção [desdobramento da Operação Lava-jato] cometeu suicídio.

Conflitos nos países árabes, em que aparecem os EUA, a Síria, a Turquia e o Iraque, são temática em cinco conteúdos. Um retrata a trajetória do homem legitimado como “Talibã americano” (G1, 2019) e conta em detalhes as posições políticas e religiosas dele. Um conteúdo explica quem é o líder do Estado Islâmico e sobre a relação deste com atentados. Um narra como um homem, legitimado pela profissão [músico], resgatou os netos que estavam numa região de conflito na Síria. Tem ainda duas notícias sobre um homem turco detido no Brasil em virtude de sua vinculação a um grupo de oposição.

Há ainda um conteúdo que noticia o Papa Francisco sendo presenteado pela família de Airton Senna, no qual o sujeito é legitimado pela posição religiosa. Um conteúdo sobre um homem que sobreviveu a um acidente de avião no EUA. Por fim, a matéria que mostra bombeiros brasileiros que trabalham nos resgates de vítimas na tragédia da Vale e a atuação destes numa região de Moçambique atingida por um ciclone.

Quadro N° 07 – Síntese dos sentidos encontrados na editoria Mundo

Sentido	Enunciado (exemplo)	Pessoa
---------	---------------------	--------

Mulher governadora contra aborto	“Hoje eu sancionei o Ato de Proteção da Vida Humana do Alabama. Para os muitos apoiadores do projeto, essa legislação é um poderoso testemunho da crença” (Pinheiro, 2019)	Mulher
Mulher premiê em situação política desfavorável	“Isolada e sem chances de aprovar seu acordo para o Brexit, premiê deve deixar o cargo antes do prazo acertado com conservadores” (Portal G1, 2019).	Mulher
Mulher em parto inusitado	“Uma mãe deu à luz um bebê em cima de uma árvore no centro de Moçambique, país mais afetado pelos estragos da tempestade” (Portal G1, 2019).	Mulher
Mulher em julgamento por tortura	“Alemã do Estado Islâmico é julgada por deixar menina yazidi morrer de sede” (Portal G1, 2019).	Mulher
Rainha faz aniversário	“A rainha Elizabeth II, do Reino Unido, celebra seu 93º aniversário neste domingo (21)” ((Portal G1, 2019)	Mulher
Casal da realeza britânica constitui família	“5 fatos que chamam atenção no nascimento do filho de Meghan e Harry”, Portal G1 (2019).	Mulher/homem
Governante estrangeiro declara/afirma	“Trump diz que não vai deixar China se tornar maior economia do mundo” (Portal G1, 2019)	Homem
Homem americano sai da prisão	“John Walker Lindh, condenado em 2002, ficou conhecido como o 'talibã americano”	Homem
Avô resgata netos de conflito	“Avô consegue resgatar os 7 netos da Síria e levá-los de volta à Suécia” (Portal G1, 2019)	Homem
Líder do Estado Islâmico divulga mensagem	“O líder do grupo Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi, apareceu pela primeira vez em cinco anos em um vídeo de propaganda” (Portal G1, 2019).	Homem
Estrangeiro detido no Brasil	Turco ligado a movimento de oposição é preso em SP a pedido do governo de Erdogan (Gutierrez, 2019)	Homem
Bombeiros brasileiros atuam em moçambique	“Bombeiros de MG atuam em vila afetada por cólera em Moçambique” (Barcellos, 2019)	Homem
Papa recebe presente da família de brasileiro (Senna)	“Papa recebe busto e capacete de Senna” (Portal G1, 2019)	Homem

Fonte: quadro organizado pela pesquisadora com matérias do Portal G1, publicadas em abril e maio de 2019

4.2.4.1 Aspectos de gênero suscitados pelos conteúdos

Na análise das notícias da editoria ‘Mundo’ sobressai a presença de mulheres do Reino Unido, que aparecem retratadas em três das sete notícias. As demais mulheres retratadas são de quatro nacionalidades diferentes. As duas personagens inglesas, Theresa May e Elizabeth II, são retratadas de modos bem distintos no Portal G1.

Enquanto a primeira-ministra aparece apenas na função pública que desempenha, a rainha é apresentada tanto no exercício como monarca, quanto em ações familiares. Reconhecendo que o jornalismo pode julgar como mais interessante a vida da monarca e por isso dá mais detalhes sobre a vida desta, argumentamos que a forma de tratamento das personagens é coerente com a lógica que atribui às mulheres ao ambiente familiar (BIROLI, 2018).

Salientar as relações familiares de Elizabeth e tratar Theresa May em decorrência de suas atividades políticas, seguindo o mesmo padrão de tratamento percebido nas notícias de homens da editoria ‘Política’ e ‘Justiça’, incorre na lógica de dissolver a participação das mulheres no universo das atividades públicas. Uma vez que os homens são dominantes na temática, é pelas características atribuídas a estes que as mulheres são tomadas. (LAURENTIS, 1987; RAGO, 1998).

A notícia sobre a mulher julgada pela morte de uma criança exemplifica como muitas vezes as mulheres aparecem na visão da sociedade e, por consequência, do jornalismo. No conteúdo, fica explícito que foi o homem quem impôs o castigo à criança e que a mulher não interferiu a favor da criança. É desnecessário fazer julgamentos sobre a postura do casal, porém é possível analisar o discurso da notícia, que é enfático em condenar a mulher no título.

Mesmo quando pondera brevemente sobre as possibilidades da mulher julgada, o texto, que relata e comenta o acontecimento (CHARAUDEUAU, 2005) dando informações sobre a operação que capturou a personagem, não relativiza a participação da julgada. Assim, ao deixar de contextualizar a posição da mulher, a notícia implicitamente constrói a ideia de ela deveria ter atuado de forma decisiva.

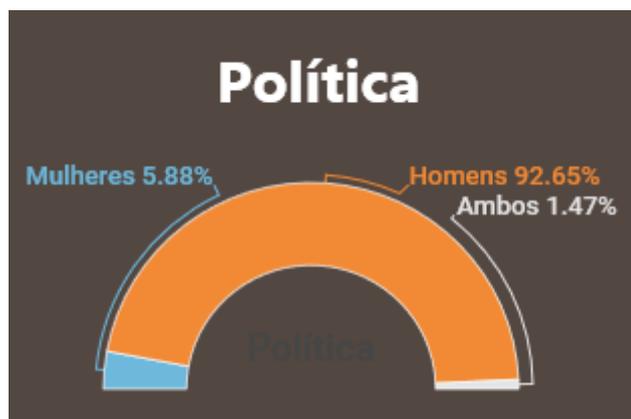
Dois terços dos conteúdos da editoria trazem homens fazendo declarações em nome dos países de origem. Essas notícias constroem os homens como representantes tomando decisões sobre instâncias importantes da sociedade (economia e política, por exemplo). Ao compor o noticiário internacional com homens na posição de governantes, o G1 atua na categorização do sexo masculino como relacionado ao ambiente de poder. Assim, o Portal reitera pessoas do sexo masculino como as fontes de informação e, por consequência, elabora os homens como a presença essencial para a construção da realidade (BEAUVOIR, 2016).

Com base na argumentação de Scott (1989), lembramos que as atribuições de gênero produzem sentidos que posicionam as pessoas em lugares específicos. Assim, quando a maioria das notícias desta editoria dá voz às decisões de homens, o Portal G1 atua reforçando as conotações que colocam os homens como as figuras preponderantes também neste contexto.

4.2.5 Legitimações na editoria Política

Na editoria política é predominantemente composta por personagens do sexo masculino - das 68 notícias, 63 têm homens como personagem principal. Quatro notícias trazem mulheres como personagem principal, sendo que duas são referentes às ações do governo. Há ainda uma notícia em que ambos os sexos aparecem.

Figura Nº 20 – Infográfico da distribuição por sexo na editoria Política



Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos dados coletados entre abril e maio de 2019, no site do Portal G1

Entre os personagens masculinos, 30 são do universo da política do atual governo. Eles são legitimados pelos cargos que ocupam [ministro, deputado, secretário] e as notícias são sobre as decisões que tomam no governo. O presidente é personagem principal em 18 conteúdos, porém outros três conteúdos trazem pessoas envolvidas em investigações de irregularidades pessoas ligadas a ele [filhos, autor de atentado, assessores do filhos]. Ainda no contexto do governo, tem um conteúdo sobre a implantação de escritório de negócios na Palestina, uma vontade política do presidente.

A esfera dos estados também fornece notícias para a página principal do G1, encontramos 16 conteúdos que envolvem decisões de governos dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Cinco conteúdos são sobre processos e ações do Superior Tribunal Justiça que envolvem políticos desses estado. Um conteúdo é uma entrevista em que Rodrigo Janot é legitimado como “Mais destacado procurador-geral da República da história do Brasil”.

Na matéria em que aparecem mulheres e homens, embora seja utilizado termos neutros para designação de gênero, a concordância é feita no masculino. São retratadas quatro personagens, uma mulher e três homens, que aparecem na matéria de acordo com o valor da dívida pública que possuem.

Nos conteúdos em que as mulheres são o personagem principal, duas trazem as personagens em ações do governo. Em uma matéria, resumo de uma entrevista realizada num programa jornalístico, a personagem é retratada como uma pessoa disposta a colaborar e são citados personagens homens como alvo da colaboração da deputada personagem. O outro conteúdo traz uma afirmação da ministra sobre o meio ambiente.

Um conteúdo narra a participação da personagem na CPI que investiga a tragédia da Vale (janeiro de 2019), ela é retratada pela atuação profissional como engenheira responsável pela análise de risco rompimento da Barragem de Brumadinho. Há ainda uma matéria sobre a nomeação de uma mulher como reitora da UFRJ, na qual é ressaltado o gênero da professora, que é legitimada como “primeira mulher como reitora da UFRJ”.

Quadro Nº 08 – Síntese dos sentidos encontrados na editoria Política

Sentido	Enunciado (exemplo)	Pessoa
Homens tomam decisões governamentais	“Relator da Previdência quer negociar texto com líderes para aumentar chance de aprovação”, Calgara (2019).	Homem
Relações do presidente	“MP conclui parecer sobre estado mental de autor da facada em Bolsonaro”, Bomfim (2019).	Homem
Agentes públicos envolvidos com corrupção	“STF nega anular pena de lavagem de dinheiro imposta a Eduardo Cunha” Barbieri e Oliveira (2019)	Homem
Procurador notável ¹⁶	“Mais destacado procurador-geral da República da história do Brasil, Rodrigo Janot teve sua aposentadoria do Ministério Público Federal oficializada”, Leitão (2019)	Homem
Mulheres do governo	“Joice Hasselmann disse estar à disposição do governo para trabalhar ao lado do ministro”, Sadi (2019)	Mulher
Profissional liberal envolvida em crime	“CPI de Brumadinho: análise técnica não indicou que barragem poderia romper, diz engenheira”, Travia (2019)	Mulher

Fonte: quadro organizado pela pesquisadora com matérias do Portal G1

¹⁶ Notícia que pelas características seria agrupada na editoria “justiça”, mas foi analisada na editoria “política” em virtude da identificação disposta no Portal.

4.2.5.1 Aspectos de gênero suscitados pelos conteúdos

O primeiro aspecto relativo a gênero percebido na análise das personagens da editoria política é a grande prevalência dos homens como dominantes nos conteúdos. A parte as editorias que não retratam mulheres [economia e natureza], esta é a editoria em que a diferença de representação dos sexos é mais acentuada, apenas em 5% dos conteúdos as personagens são mulheres.

Por um lado, esta configuração remete ao modo como se dá a participação política na sociedade marcada pelas desigualdades de gênero, em que as mulheres geralmente são minoria nos cargos representativos. Conforme argumenta Biroli (2018), as mulheres enfrentam obstáculos reais para ter condições de concorrer aos cargos políticos e esta é uma das razões para a baixa representatividade destas nas bancadas eleitas. Uma vez que socialmente cabe às mulheres as tarefas de manutenção da vida cotidiana, falta tempo para que elas se dediquem às atividades que conduzem ao exercício da vida pública.

Assim sendo, a organização social propicia que a representatividade eleitoral seja desigual. Laurentis (1987) estabelece que as construções elaboradas socialmente para as pessoas conforme o sexo são representações simbólicas, porém elas têm implicações concretas para a vida de mulheres e homens. Considerando apenas a divisão por sexo na sociedade, quando observamos que metade da população é mulher, podemos supor que a prevalência de homens nos cargos públicos é uma das implicações concretas dos modelos construídos simbolicamente para os sexos.

Estas posições são típicas da sociedade dominada pela ideia da superioridade masculina, na qual a misoginia é um elemento base na manutenção da relação de poder patriarcal. Faz parte da estrutura da dominação masculina (BOURDIEU, 2012) demarcar os espaços de atuação de cada sexo - privado para um e público para o outro. É possível que, em decorrência dessa forma de estruturação da sociedade, a cobertura do G1 desconsidere a representação política das mulheres, pois a proporção em que elas aparecem no Portal é inferior à proporção em que aparecem nas bancadas – em 2018, a bancada de mulheres é de cerca de 15% na câmara e de 12% no senado.

Contudo, há outro aspecto no dado de que as mulheres aparecem como personagens centrais em apenas 5% dos conteúdos da editoria política. A mesma estrutura social que responsabiliza as mulheres pelas tarefas cotidianas de cuidado (BIROLI, 2018) engendra

ideais de como devem ser como as pessoas de cada sexo. Saffioti (2015) ressalta que socialmente as mulheres não são incentivadas a ocupar-se da vida política, sendo historicamente estabelecido que este lugar cabe aos homens.

As características atribuídas às mulheres, entre elas um comportamento marcado pela delicadeza e passividade (BEAUVOIR, 2016), refletem materialmente na constituição das pessoas, que ou assumem essas características e assim se reconhecem como pertencentes ao sexo feminino, ou ignoram a orientação de gênero e com isso são tidas como não femininas, dotadas de comportamento masculino (LAURENTIS, 1987).

A vinculação de comportamentos a um ou a outro sexo provoca o estabelecimento de ‘coisas de homem’ e ‘coisas de mulher’. Nessa relação, a política é tida como do universo masculino. Dessa maneira, raramente a figura feminina é associada ao ambiente político, posto que este espaço exige uma atuação assertiva, e até agressiva, que não corresponde à ideia dominante de como são/devem ser as mulheres. Tal pensamento circula socialmente entre os dois sexos, de modo que ambos se relacionam tendo a mesma visão de gênero para a participação política.

Uma evidência de que determinações simbólicas produzem implicações materiais (LAURENTIS, 1987) é discrepância entre a participação de mulheres e homens nas organizações político-partidárias. Envolvidas em outras tarefas e atreladas ao paradigma sexista de pertencimento ao ambiente político, as mulheres são minoria nos quadros dos partidos. Assim, os partidos fazem manobras lícitas e ilícitas para atender à legislação eleitoral brasileira, que determina 30% dos registros de candidatura deve ser preenchido por mulheres.

Uma vez que as legendas partidárias, geralmente dirigidas por homens, se omitem de formar quadros de mulheres, se ocupando da questão unicamente na emergência de preencher a cota mínima determinada na lei, a taxa de sucesso nos pleitos não é igual a taxa de candidaturas. Este cenário favorece a manutenção das desigualdades de gênero, posto que não existem medidas de incentivo para a participação das mulheres.

Quando o Portal G1 opta em compor seu noticiário majoritariamente com personagens homens, ele atua enfatizando as relações de poder baseadas nas desigualdades entre as pessoas conforme o sexo. A reconstrução midiática da sociedade (VERÓN, 2014) reafirma para o público do Portal que o espaço dos homens é a política, no qual as mulheres só participam minimamente.

Na observação dos conteúdos feita para esta pesquisa, verificamos que, assim como os pleitos, as notícias são evidências das implicações práticas das determinações simbólicas construídas sobre os sexos. Além da disparidade explícita, notamos que as mulheres, quando retratadas em virtude das ações do governo, aparecem caracterizadas pela passividade ou pelo envolvimento na ação de um personagem masculino. Estes na mesma situação aparecem como protagonistas das ações, sem que lhes seja atribuída função de auxiliar na ação de outros.

Como exemplo da forma de legitimação da personagem mulher na editoria política, analisamos a matéria “Articulação política é responsabilidade do 'governo todo', diz líder” (SADI, 2019). O conteúdo tem como personagem central a deputada Joice Hasselmann, então líder do governo no Congresso Nacional. As menções feitas à deputada a relacionam com outros personagens masculinos, o que parece coerente com a composição do governo. Porém, percebemos valoração de gênero na narrativa, na qual Joice é construída no papel de auxiliar dos personagens masculinos.

Figura Nº 21 – Fragmento da notícia “Articulação política é responsabilidade do 'governo todo', diz líder” (Sadi, 2019)

Joice Hasselmann disse estar à disposição do governo para trabalhar ao lado do ministro.

"Se alguém falar para mim assim: 'Você vai ter de fazer alguma coisa ao lado do ministro Onyx', [faço] o que ele quiser. Se for: 'Você vai ter de fazer alguma coisa que é o ministro Onyx que faz', eu não faço, a não ser que ele peça", enfatizou.

Fonte: Publicado no Portal G1 em 02/04/2019 – Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/andreaia-sadi/post/2019/04/02/articulacao-politica-e-responsabilidade-do-governo-todo-diz-lider.ghtml>>

Na narrativa, a deputada é mobilizada como uma defensora de outros dois homens do governo citados na matéria. Os enunciados usam os termos “defendeu o ministro” e “disse estar à disposição do governo” (SADI, 2019), sinalizando que no contexto desta notícia a personagem da mulher atua como auxiliar nas ações de outros agentes. Até quando é feita uma referência particular à atuação da deputada, a narrativa da notícia insiste em ressaltar um elemento que desprestigia a posição política ocupada por ela.

Joice tem sido elogiada nos bastidores por parlamentares pela forma como conduz a articulação política. Questionada sobre o porquê de não ter sido escolhida ministra,

respondeu: "Porque o cargo não é meu. Quem decide isso é o presidente (SADI, 2019).¹⁷

Para fins de comparação entre o tratamento dado a pessoas conforme o sexo, traçamos um paralelo entre o modo de tratamento da deputada e a forma de tratamento de um personagem masculino em uma posição similar, o deputado Rodrigo Maia. Mesmo ponderando as diferenças políticas e partidárias – enquanto Joice Hasselmann é líder da bancado governista, Rodrigo Maia é presidente da Câmara dos deputados – é notável verificar algumas diferenças no tratamento quando consideramos o sexo das pessoas envolvidas.

Na notícia da amostra em que o deputado aparece como personagem principal, ele aparece em virtude da atuação política. Não há referências a cargos que poderia ocupar, mas não ocupa, nem referências ao esforço político realizado por ele para articular o apoio ao presidente da república.

Figura N° 22 – Fragmento da notícia “Maia diz que Previdência pode ser aprovada no primeiro semestre” (Portal G1, 2019)

(DEM-RJ), e o relator da reforma, Samuel Moreira. Rodrigo Maia, perguntado sobre como está a relação com o presidente Jair Bolsonaro, disse que prefere um namoro longo.

“Namoro muito rápido nunca termina bem, né? Namoro que leva mais tempo acaba terminando num casamento sólido. Na Câmara, o meu trabalho é para que a gente consiga aprovar essa matéria no primeiro semestre”, disse Maia.

Fonte: Publicado no Portal G1 em 29/04/2019 – Disponível em:< <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/04/29/maia-diz-que-previdencia-pode-ser-aprovada-no-primeiro-semester.ghhtml>>

Quando outras pessoas são citadas no conteúdo, diferentemente da notícia sobre Joice Hasselmann, o deputado não é tratado em função dos citados. A relação estabelecida entre o sujeito da notícia e as pessoas citadas é a de trabalho em conjunto, na qual o deputado é

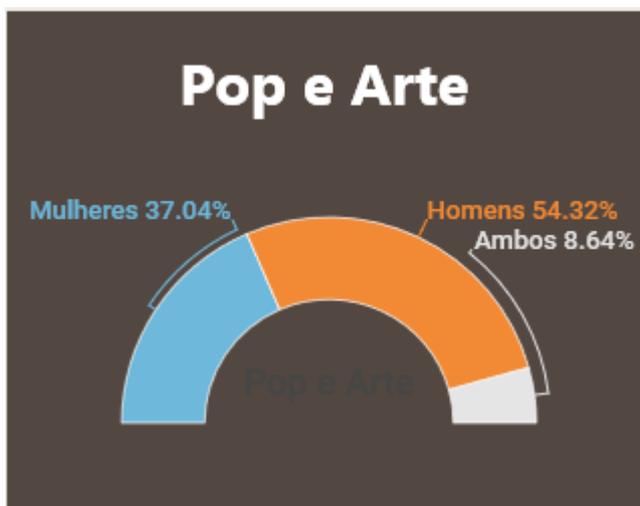
¹⁷Conteúdo publicado no Portal G1 em 02/04/2019 – Disponível em:<<https://g1.globo.com/politica/blog/andrea-sadi/post/2019/04/02/articulacao-politica-e-responsabilidade-do-governo-todo-diz-lider.ghhtml>>

colocado no mesmo patamar. No exemplo acima, verificamos o uso da metáfora de namoro, que passa a impressão de que os personagens homens estão se aproximando, estreitando laços políticos e não que um servirá ao outro.

4.2.6 Legitimações na editoria Pop e arte

Esta é a editoria que possui mais conteúdos na amostra, 81 notícias. Os mais comuns são notícias sobre espetáculos, programas de entretenimento e lançamentos musicais. Também aparecem notícias sobre acontecimentos da vida de artistas. No tocante a distribuição de pessoas nos conteúdos, essa editoria segue o padrão de maior representação de personagens masculinos, porém em Pop e Arte a representação de personagens femininos é maior em relação à editorias como política e justiça.

Figura Nº 23 – Infográfico da distribuição por sexo na editoria Pop e arte



Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos dados coletado entre abril e maio de 2019 no site do Portal G1

Centrais em 30 conteúdos, a maioria das mulheres é retratada em notícias sobre shows, novelas e seriados. Apenas um conteúdo, sobre a uma escritora falecida, retrata uma mulher de fora desse universo. As mulheres aparecem legitimadas como “atriz” em dez conteúdos e falam sobre suas personagens e a relação destas na vida pessoal de cada uma.

Em outro conteúdo uma atriz fala sobre o papel de vilã que desempenhará em novela, afirmando que está “pronta para ser odiada, apedrejada”. Estes dois conteúdos são

relacionados ao lançamento de uma novela, nos quais uma atriz fala do papel de mãe e da relação com a família e a outra se reporta ao papel de vilã e das mudanças que fez na aparência. Nestas notícias, a mulher é retratada num contexto em que o trabalho como atriz, desempenhado papéis de mãe e vilã, a faz refletir sobre aspectos da vida particular.

Outro conteúdo aborda a vida de Gabriela Duarte. Além de tratar do papel dela na peça ‘Perfume de mulher’, quando destaca a importância da personagem feminina, trata também da divergência política que tem com a mãe, outra atriz conhecida. A personagem aparece em virtude do trabalho como atriz, contudo boa parte do conteúdo é sobre as relações familiares dela – como filha, mãe e esposa.

Encontramos dois conteúdos em que as personagens mulheres ressaltam questões sociais. Um em que a atriz Sophie Turner fala sobre protagonismo feminino nos filmes de heróis baseados em histórias em quadrinhos. No outro, a mulher, legitimada como negra e atriz, fala sobre seu papel em série de TV, aborda problemas como o racismo e desigualdade social. Nestes conteúdos as mulheres são retratadas como exemplos de personagens femininas atuando num contexto novo – no universo das histórias de heróis e como mulher negra como personagem de destaque em seriado televisivo.

Seriados americanos são tema em dois conteúdos. Um retrata da atriz Kaley Cuoco (nome) que se emociona no fim de série – reprodução de imagem da atriz chorando emocionada ao ler o último episódio da série. No outro a atriz comenta que precisou se convencer que a personagem dela na série realizaria um grande feito, pois acreditava que o público não gostaria do desenrolar da trama e se mostra surpresa ao perceber a aceitação. Estes conteúdos retratam as mulheres como sensíveis, pois se emocionam com os acontecimentos da série, e também como inseguras, pois desconfiam da aceitação das ações da personagem.

Encontramos três matérias sobre o falecimento de pessoas famosas, são conteúdos com registros biográficos das mulheres retratadas. Um deles trata retrata a mulher, a atriz Lady Francisco pela sua carreira profissional e mostra os trabalhos em que atuou. Nos demais as mulheres aparecem em virtude de trabalhos artísticos que envolveram homens. No conteúdo sobre a morte da atriz Tania Mallet, ela é legitimada como "primeira personagem feminina realmente forte a aparecer na tela com Bond". Na matéria sobre Bibi Ferreira, legitimada como “sábua e com conhecimento extraordinário”, é destaque o álbum com canções do cantor Frank Sinatra gravado por ela.

Nos conteúdos sobre mulheres legitimadas como cantoras, três personagens se repetem: Anitta, Lady Gaga e Paula Fernandes. É sobre estas ¼ das notícias com mulheres na categoria Pop e arte. As representações aqui são como mulheres empreendedoras e criativas no mercado da música pop. São destacados os trabalhos artísticos, as parcerias com outras artistas e o modo como se vestem nas apresentações.

Legitimada como “mulher empoderada, vinda orgulhosamente de Honório Gurgel”, Anitta aparece como personagem central em três conteúdos, que tratam da carreira e dão informações sobre o trabalho mais recente dela. Já Paula Fernandes parece em virtude da composição de uma versão de uma popular na época, num conteúdo ela fala do processo de criação da música e no outro o destaque é para a repercussão. Nos dois casos ela é representada como uma mulher ativa e segura, o texto traz uma declaração dela relatando não se importar com os ‘memes’ produzidos em decorrência dos versos criados por ela.

A outra mulher cantora com mais uma aparição nos conteúdos é Lady Gaga, esta é representada como uma mulher escolhida em votação como destaque pelos trajes que usou em uma premiação e como autora de uma canção que ganharia uma versão em português. Como nas demais matérias sobre cantoras, as mídias são fotos da personagem ocupando cerca de metade do espaço destinado a cada conteúdo.

Outras quatro mulheres aparecem legitimadas como cantoras. Ana Carolina, num conteúdo em que ela é entrevistada e questionada sobre as canções de amor que compôs. Já no conteúdo sobre Maria Rita o foco é o entusiasmo do público em show que ela deu em São Paulo. Madonna e Roberta Sá aparecem em conteúdos sobre lançamentos de novos trabalhos artísticos, que tratam também da carreira destas.

As mulheres também são centrais em dois conteúdos do Portal G1 sobre paradas de sucesso – resenha de canções mais tocadas e de um álbum novo. Aqui as mulheres são representadas em virtude das características pessoais que apresentam: “popstar que menos se leva a sério” (St. Vicent), “um discurso já batido de que ela é uma rebelde, uma encenqueira de bom coração” (Cardi B). Neste subgrupo de notícias há valorização para os trabalhos musicais [“não está entre os melhores dos 20 anos de carreira da cantora americana” (Portal G1, 2019)] (Madonna), o que não foi encontrado nas demais notícias de Pop e arte sobre mulheres.

Ainda nas notícias sobre mulheres legitimadas como cantoras, encontramos um conteúdo sobre a homenagem prestada à Beth Carvalho, cantora falecida em abril de 2019. A

matéria mostra imagens de uma roda de samba em que parceiros, familiares e admiradores da cantora realizaram um ‘samba de sétimo dia’ para homenagear a mulher retratada como ‘madrinha do samba’.

A representação de mulheres se deu em quatro conteúdos em virtude de um festival de música realizado em abril de 2019. Um deles, uma entrevista, relata os momentos da carreira e o momento atual de uma cantora escalada para participar do festival. Ela é legitimada pela idade e pelas origens ‘cantora goiana de 23 anos’. Há um conteúdo relatando a primeira vez que uma artista (Sorja Smith) escuta Bossa Nova por uma artista nos camarins do festival e outro que comenta a apresentação de uma artista ‘uma mulher só (e empoderada)’ (cantora Pink). Tem ainda uma matéria em que uma mulher, legitimada com ‘ex-BBB’, comenta o figurino de pessoas presentes como público do festival.

Os personagens masculinos aparecem como centrais em 44 conteúdos. No contexto da interpretação (cinema, teatro, novelas), homens aparecem retratados em cinco conteúdos, enquanto entre as mulheres esse é o contexto dominante: a maior parte das mulheres é representada como ‘atriz’. Os homens são destaque na maior parte dos conteúdos em funções como cineasta e diretor de teatro.

A novela lançada no período da pesquisa – abril e maio de 2019 – foi motivo de um conteúdo. Neste o personagem (Reynaldo Gianecchini) é legitimado como ‘galã’ e a narrativa enfatiza que ele deveria se afastar desse perfil para desempenhar o papel de um mau caráter na novela. Destacamos que, embora a vida deste ator tenha muitos fatos conhecidos do público, o conteúdo não faz referências à vida pessoal dele, como foi verificado quando a notícia sobre atrizes.

Dois conteúdos tratam de atores estrangeiros atuando em filmes e seriados americanos. Nas matérias os homens aparecem citando as dificuldades do trabalho como atores, seja em contracenar com o vazio ou em atuar por 14 anos em um seriado. Contudo, a palavra insegurança não é utilizada em nenhuma sentença, diferentemente das situações similares em que aparecem mulheres.

Também encontramos conteúdos noticiando o suicídio de dois atores (Pua Magasiva e Isaac Kappy), nos quais constam informações sobre os trabalhos realizados e sobre a família deles. Uma das matérias informa, entre outros eventos da vida do ator, que ele já havia sido acusado de tentar asfixiar uma mulher que, no entanto, mesmo com medo, mantinha contato

com ele. A menção parece ter sido colocada em virtude da pessoa vítima – a filha de um cantor famoso.

Como cineasta, encontramos homens retratados em seis matérias. Uma notícia é sobre a posse de Cacá Diegues na Academia Brasileira de Letras. O conteúdo relaciona as obras do cineasta tratado como ‘o mais novo imortal’ e, embora cite a família do diretor, o maior destaque é para as influências e parcerias do cineasta com outros homens.

Uma matéria retrata o personagem masculino Samuel Galli como um cineasta dedicado e esforçado na execução de seu trabalho. Narra as dificuldades financeiras e técnicas das etapas de produção e divulgação de um filme de terror. Sobre a aceitação do filme no Brasil, é apresentada a fala do cineasta argumentando que a crítica, quando negativa, é em virtude da má interpretação de uma cena em de tortura de uma mulher.

Figura Nº 24 – Fragmento do conteúdo sobre o cineasta Samuel Galli

Galli diz que as críticas negativas são por conta da violência e da tortura praticada contra mulheres por um personagem do filme. Ele esclarece que as cenas não são gratuitas e estão inseridas de maneira coerente dentro da narrativa. Por isso, não concorda com os críticos, apesar de respeitá-los.

“Tem uma crítica que o cara fala que o horror é machista”, diz. “A gente está vivendo uma época um pouco chata em que as pessoas estão levando certas ideologias para lugares desnecessários. [...] A violência que o filme retrata é o que acontece nos dias de hoje, e quem pratica essa violência no filme paga caro por isso”, justifica.

Fonte: publicado no Portal G1 em 21/04/2019 – Disponível em <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2019/04/21/premiado-no-externo-cineasta-brasileiro-precisou-vender-carro-para-produzir-o-terror-mal-nosso.ghtml>

Ainda sobre cineastas, encontramos uma notícia sobre Tim Burton. Legitimado como “cineasta americano”, ele é retratado como uma figura simpática e solícita aos fãs que o reconheceram circulando nas ruas de Brasília. Destacamos que as três imagens que ilustram as matérias são reproduções de conteúdos de redes sociais, nas quais o cineasta aparece ao lado de mulheres.

Legitimados como cantores, os homens são centrais em 21 conteúdos. Quando as notícias são sobre o estado de saúde do personagem – quatro conteúdos – eles são retratados

no contexto dos procedimentos hospitalares, sem nenhuma referência à vida particular e família. Outros dois conteúdos tratam de mortes de cantores e apresentam os personagens pela relevância deles no universo da música.

Nove conteúdos são sobre shows, álbuns novos ou canções. Nestas as legitimações tratam de aspectos subjetivos dos personagens homens. Insegurança, falta de identidade pessoal e musical, ansiedade e busca por saúde mental são temáticas nas quais três cantores aparecem. Um conteúdo retrata o cantor como ‘apaixonado’ ao citar que a declaração dele sobre o álbum novo que estava lançando, uma espécie de ‘crônica do relacionamento’, conforme consta na matéria. Há ainda conteúdos relatando as performances de duas bandas e escolha de repertório.

Encontramos conteúdos com referência ao visual de cantores, tratando de corte de cabelo e trajes. Numa matéria sobre a gravação de álbum acústico, interessante observar que também foi feito comentário sobre os trajes de uma convidada, mas que os demais convidados não foram destacados por este aspecto.

Um festival de música realizado em abril deu origem a sete notícias. Estas tratavam das performances dos homens e os apresentava como artistas envolvidos em discussões sobre sexualidade e sobre a participação de estilos musicais como o funk e rap em festivais. No contexto do festival, observamos que quando os conteúdos trazem homens como personagens principais, são suscitados assuntos que não aparecem quando os personagens são mulheres.

Encontramos duas notícias sobre a morte de o diretor de teatro Antunes Filho, legitimado pela sua importância para o teatro brasileiro. Uma notícia sobre a morte de um artista, legitimado como ‘trineto de Bento Gonçalves, pintor, gravador, desenhista e professor’. Uma notícia sobre um homem fotógrafo, na qual são apresentados os trabalhos mais relevantes dele. E uma notícia sobre um DJ morto em 2018, na qual o histórico da enfermidade que causou a morte é apresentado em detalhes.

Encontramos ainda outros relatos. Sobre um casal de artistas que protestou contra medidas de censura retirando as próprias obras de um centro cultural em Fortaleza; sobre dois comediantes que discutiram nas redes sociais; sobre um *youtuber* condenado por dar biscoito com pasta de dentes a uma pessoa; sobre jovens instrumentistas divulgando campanha de financiamento coletivo pagamento de viagem. Nestes conteúdos, as pessoas foram legitimadas pelas atividades artísticas que desempenham.

Quadro Nº 09 – Síntese dos sentidos encontrados na editoria Pop e Arte

Sentido	Enunciado (exemplo)	Pessoa
A atriz, seus trabalhos e vida pessoal	“Juliana Paes fala de insegurança com papel em 'A dona do pedaço': 'Ainda me chamam de Bibi'”, Matos (2019)	Mulher
Cantora e a música/ performance	“Maria Rita coloca público da Virada Cultural em 'roda de samba' com repertório de ícones”, Putini e Tito (2019)	Mulher
Escritora falecida	“Escritora Judith Kerr morre aos 95 anos”, Portal G1 (2019), Portal G1 (2019).	Mulher
Atriz falecida	“Corpo da atriz Lady Francisco é cremado”, Portal G1 (2019).	Mulher
Cantora falecida - homenagem	“Tania Mallet, de '007 contra Goldfinger', morre aos 77 anos”, Portal G1 (2019)	Mulher
Cantoras do Lollapalozza - performance/ carreira	“Cantora goiana BRVNKS abre palco principal do Lollapalozza com indie pop rock”, Sarmento (2019).	Mulher
O ator e seu trabalho	“Reynaldo Gianecchini se distancia da fama de galã ao viver mau caráter em 'A Dona do Pedaço’”, Texeira (2019).	Homem
Ator comete suicídio	Isaac Kappy comete suicídio aos 42 anos e deixa carta: 'Não tenho sido um bom homem', Portal G1(2019)	Homem
Cineastas e seus trabalhos	“Premiado no exterior, cineasta brasileiro precisou vender carro para produzir o terror 'Mal Nosso’”, Martins (2019)	Homem
Estado de saúde artistas	“Internado em UTI na Bahia, Agnaldo Timóteo sai do coma induzido e já respira sem ajuda de aparelhos”, Portal G1(2019).	Homem
Cantores e as emoções na música	“Lulu Santos lança disco inspirado na relação com Clebson Teixeira: 'É um álbum de casamento’”, Brito (2019).	Homem
Cantor falecido	Gabriel Diniz, cantor de 'Jenifer', morre aos 28 anos em queda de avião em Sergipe, França (2019)	Homem
Cantores estilo - cabelo e figurino	“Wesley Safadão muda cabelo e grava funk com MC Kekel: 'Respeito muito, quero levantar a bandeira’”, Matos (2019).	Homem
Cantores - performance/ carreira/ sexualidade/	Troye Sivan é o boy magia do Lolla 2019 com pop redondinho e orgulho gay alto-astral, Ortega (2019).	Homem
Diretor de teatro falecido	“Antunes Filho: veja frases do diretor de teatro, morto aos 89 anos”, Portal G1 (2019).	Homem
Artista falece	“Artista plástico Danúbio Gonçalves morre em Porto Alegre aos 94 anos”, Portal G1 (2019).	Homem
Artistas protestam	“Artistas retiram exposição do Banco do Nordeste após retirada de faixa sobre casamento gay”, Gurgel (2019).	Homem
Comediantes discutem	“Carlinhos Maia desativa conta no Instagram após discussão com Whindersson Nunes”, Portal G1 (2019).	Homem
Youtuber condenado	“Youtuber é condenado a 15 meses de prisão após dar biscoito recheado com pasta de dente para morador de rua”, Portal G1 (2019).	Homem
Jovens músicos em campanha de financiamento coletivo	“Jovens violinistas do Rio sonham em participar de festival nos EUA”, Portal G1 (2019).	Homem

Fonte: quadro organizado pela pesquisadora com matérias do Portal G1

4.2.6.1 Aspectos de gênero suscitados pelos conteúdos

Ressaltamos uma diferença no tratamento de homens e mulheres no contexto de Pop e Arte: é verdade que o universo da música pop, do cinema e de seriados é o contexto da maioria dos conteúdos tanto para um sexo quanto para o outro. Porém, os personagens

homens aparecem retratados em outros universos, como a pintura e a dança, o que só aconteceu com personagens mulheres em dois conteúdos sobre literatura.

Interessante destacar que mesmo como personagem principal, legitimada pelas suas qualidades, a mulher aparece relacionada com algum personagem homem em alguns conteúdos. Este modo de representar a mulher foi percebido, por exemplo, na matéria em que a mulher é personagem por ter participado de clipe musical de um cantor falecido em um acidente – nesta a personagem feminina é central, são as declarações dela que compõem o texto, mas sua representação é em virtude da importância que ela teve para o cantor.

Uma vez que não encontramos nenhum conteúdo em que personagens homens tenham tido sua presença validada por mulheres, argumentamos que esta forma de narrativa parte do princípio que os homens são os sujeitos base em que se concebe a estrutura social (BEUAVOIR, 2016), na qual o Portal atua construindo nos textos sentidos (PÊCHEUX, 1995) em que as mulheres são uma espécie de pessoa secundária.

Tal percepção é visível também na escolha dos personagens escolhidos para compor o noticiário. Enquanto as mulheres aparecem como atrizes, seja atuando em novelas, teatro ou cinema, os homens aparecem na maior parte como os diretores destas linguagens. Sabendo que existem pessoas de todos os sexos atuando com direção de peças, novelas e filmes, a conduta de reprodução com notícias da divisão sexual do trabalho (BIROLI 2018), percebida na análise das matérias do Portal G1, naturaliza os homens nas posições de poder e as mulheres como suas subalternas.

Em matérias sobre mulheres legitimadas como ‘atriz’, a mídia utilizada são fotos das mulheres tanto nos trabalhos artísticos quanto em situações pessoais, algumas vezes reproduzidas das redes sociais das personagens. Já quando são matérias sobre atores, a quantidade de imagens é menor. Mostrar mais imagens de mulheres que de homens parece seguir a lógica da objetificação (COLLINS, 2019) que percebe os corpos de mulheres como aptos a ilustrar os conteúdos.

Ao observar as imagens das matérias da editoria Pop e Arte, verificamos que quando a personagem central da notícia é mulher a quantidade imagens é maior em relação as matérias com personagens homens. Essa forma de ilustrar os conteúdos demonstra que o padrão do Portal G1 para falar de mulheres tem como um dos fundamentos a exploração das imagens destas, posto que em outras editorias observamos o mesmo padrão.

Explorando a imagem das mulheres, o G1 insiste em (re)construir a realidade dando como fato que corpo de mulher é decorativo, sendo seu uso interessante para chamar a atenção do público. Esta manipulação da imagem tem na lógica de objetificação (COLLINS, 2019) o apelo estético e reforça a aparência física como um critério relevante para percepção das mulheres.

A valorização da aparência das mulheres, que aparece na forma de tratamento das mulheres no Portal G1, é uma forma de promover a assimetria de poder entre os sexos, uma vez que a ênfase em atributos físicos condiciona as mulheres a diversas situações de desigualdade. Quando o jornalismo do G1 mobiliza as personagens femininas enfatizando a beleza delas, o Portal incentiva as mulheres a participar de uma rotina que compromete o tempo e o capital destas pessoas (WOLF, 2018).

Como salientado por Genro Filho (1987) e Traquina (2004), o jornalismo é uma forma de narrar a realidade. Sendo assim, quando o Portal G1 associa mulheres à estética, ele informa que esta associação é relevante para a sociedade e elabora para o público a noção de que a beleza é uma qualidade atrelada às pessoas do sexo feminino.

Figura Nº25 – Utilização das imagens das mulheres e homens

"Estou preparada para ser odiada", diz Agatha Moreira sobre vilã da novela 'A dona do pedaço'

15 de maio de 2019, 10h30. Última atualização: 15 de maio de 2019, 10h30. Compartilhe esta notícia.



Agatha Moreira se prepara para ser odiada por interpretar a vilã da novela 'A dona do pedaço'. Ela diz que não se importa com a opinião dos fãs e que quer apenas fazer um bom trabalho.

"Estou preparada para ser odiada", diz Agatha

Agatha Moreira se prepara para ser odiada por interpretar a vilã da novela 'A dona do pedaço'. Ela diz que não se importa com a opinião dos fãs e que quer apenas fazer um bom trabalho.



Agatha Moreira se prepara para ser odiada por interpretar a vilã da novela 'A dona do pedaço'. Ela diz que não se importa com a opinião dos fãs e que quer apenas fazer um bom trabalho.

É muito legal viral emagular esse um sistema

completamente diferente, variabilizando o dia-a-dia do dia. Lógico que não imagina que existe, porque de pessoas que não têm imagina que não podem mais, e não há nada que não possa ser perdoado.

Mulheres no visual

Agatha Moreira se prepara para ser odiada por interpretar a vilã da novela 'A dona do pedaço'. Ela diz que não se importa com a opinião dos fãs e que quer apenas fazer um bom trabalho.



Reynaldo Gianecchini se distancia da fama de galã ao viver mau caráter em 'A Dona do Pedaço'

15 de maio de 2019, 10h30. Última atualização: 15 de maio de 2019, 10h30. Compartilhe esta notícia.



Reynaldo Gianecchini se distancia da fama de galã ao viver mau caráter em 'A Dona do Pedaço'. Ele diz que não se importa com a opinião dos fãs e que quer apenas fazer um bom trabalho.

Reynaldo se distancia da fama de galã

Reynaldo Gianecchini se distancia da fama de galã ao viver mau caráter em 'A Dona do Pedaço'. Ele diz que não se importa com a opinião dos fãs e que quer apenas fazer um bom trabalho.



Reynaldo Gianecchini se distancia da fama de galã ao viver mau caráter em 'A Dona do Pedaço'. Ele diz que não se importa com a opinião dos fãs e que quer apenas fazer um bom trabalho.

É uma pena que não seja mais de moda

Reynaldo Gianecchini se distancia da fama de galã ao viver mau caráter em 'A Dona do Pedaço'. Ele diz que não se importa com a opinião dos fãs e que quer apenas fazer um bom trabalho.

Fonte: reprodução de conteúdos publicados no Portal G1 em 21/04/2019 – Disponível em <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/05/15/estou-preparada-para-ser-odiada-diz-agatha-moreira-sobre-vila-da-novela-a-dona-do-pedaco.ghtml> e <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/05/27/reynaldo-gianecchini-se-distancia-da-fama-de-gala-ao-viver-mau-carater-em-a-dona-do-pedaco.ghtml> e

Salientamos que o Portal G1, ao menos no período analisado, dá indícios de que privilegia tratar mulheres, nas notícias da categoria Pop e Arte, que correspondem ao padrão estético aceito socialmente. Uma evidência dessa observação é grande quantidade de conteúdos sobre atrizes e a total ausência de mulheres com constituições não aceitas socialmente - mulheres idosas, por exemplo.

Outro aspecto observado é que a vida pessoal das mulheres atrizes é mobilizada nos conteúdos. Como exemplo, citamos a matéria com Juliana Paes, na qual ela fala da

insegurança de atuar como protagonista em nova novela, sobre os personagens que viveu e sobre a influência das experiências das personagens no exercício pessoal da maternidade.

Figura Nº 26 – Intertítulo da notícia “Juliana Paes fala de insegurança com papel em 'A dona do pedaço': 'Ainda me chamam de Bibi'”

A atriz, a mãe e o medo

Ao conhecer esse lado da relação entre mães e filhos, a atriz admite um pouco de medo do que pode se tornar o relacionamento com seus dois pequenos, Pedro, de oito anos, e Antônio, de cinco.

"Me dá muito medo. Educar é uma tarefa muito difícil. Para a gente que trabalha muito tempo fora, é uma angústia, porque você não está o tempo todo ao lado do filho para vigiar.

Fonte: publicado no Portal G1 em 03/05/2019 – Disponível em <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/05/03/juliana-paes-fala-de-inseguranca-com-papel-em-a-dona-do-pedaco-ainda-me-chamam-de-bibi.ghtml>

A relação do trabalho com a vida pessoal somente foi percebida nas matérias em que a personagem era uma mulher. Por exemplo, no contexto do lançamento de uma novela, encontramos notícias com personagens dos dois sexos. No entanto, quando os personagens são homens o foco é na carreira e no trabalho em questão, como verificamos na matéria sobre o ator Reynaldo Gianecchine, não há menção no conteúdo sobre outro assunto que não o trabalho.

Ao construir a narrativa com personagens mulheres relatando também a vida pessoal, as notícias parecem continuar vinculando a figura feminina ao ambiente da família, realçando a estrutura social que hierarquicamente posiciona as mulheres como inferiores (BIROLI, 2018; BOURDIEU, 2012). Esse realce se torna mais evidente quando observamos que o padrão de narrativa para os personagens homens os vincula exclusivamente ao trabalho.

As narrativas sobre as mulheres também são marcadas pela expressão de emoções e sentimentos, algo que não foi percebido nas narrativas com homens. Encontramos alguns conteúdos que retratam as mulheres em situações de expressão da emotividade e também falas explícitas em que estas se mostram inseguras em relação ao sucesso no trabalho. Como tais aspectos não aparecem nas notícias com homens, o Portal G1 acaba construindo as mulheres como emotivas, reforçando outro estereótipo social (SAFIOTTI, 2015).

Quando a notícia é sobre a morte de pessoas famosas, as relações familiares são assuntos abordados nas notícias de ambos os sexos. Contudo, quando os personagens são

homens, as referências às famílias são marcadas pela objetividade – citando procedimento médico, por exemplo. Comparando com a notícia sobre a morte de uma atriz, verificamos que nesta a marca é a subjetividade.

Figura Nº 27 – Fragmentos de notícias sobre mortes de homens e mulheres

<p>"John morreu pacificamente, cercado por sua família e amigos. Queremos agradecer aos surpreendentes médicos do Hospital Cedars-Sinai por seu cuidado e gentileza e, mais uma vez, queremos agradecer a todos os fãs, amigos e colegas de John por todo o amor e apoio que mostraram a ele durante este período difícil", disse a família de Singleton em nota.</p> <p>Após o diretor passar 12 dias em coma, a família decidiu, nesta manhã, desligar os aparelhos que o mantinham vivo.</p>	<p>Oscar Francisco, filho da atriz, recebeu colegas e fãs no teatro onde os dois trabalharam juntos.</p> <p>Ele falou com carinho e emoção sobre o trabalho da mãe na TV, cinema e teatro.</p> <p>"Minha mãe era uma guerreira. Ela deixa uma história linda para todo mundo, de alegria e felicidade. Vamos continuar lutado e tentar trazer essa felicidade que ela tinha. Uma felicidade genuína. Tive o privilégio de ser filho, colega e dirigi-la. Ela está agora no céu. O céu ganhou uma grande estrela", disse.</p>
<p>Fonte: publicado no Portal G1 em 29/04/2019 – Disponível em https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2019/04/29/john-singleton-diretor-de-velozes-furiosos-morre-nos-eua.ghtml</p>	<p>Fonte: publicado no Portal G1 em 27/04/2019 – Disponível em https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/27/corpo-da-atriz-lady-francisco-e-cremado.ghtml</p>

Essa diferença no tratamento de homens e mulheres, conteúdo com objetividade para falar deles e conteúdos subjetivos para falar delas, reproduz a ideia generificada de que a racionalidade é típica do sexo masculino, aqui enfatizada pela informação de que a atriz atuou sob direção. Conforme ressalta Bourdieu (2012), esse tipo de associação geralmente impõe para as mulheres uma posição inferior aos homens, que sendo assim naturalmente dotados dos conhecimentos ‘úteis’, estão aptos a ocupar as posições consideradas importantes.

Por outro lado, a narrativa é diferente quando o contexto das notícias é a música. Percebemos que nessas o tratamento dado as pessoas é, em parte, diversificado no tocante às atribuições de gênero – as mesmas características são utilizadas para os sexos. A cobertura dos eventos musicais retrata as pessoas sem isolar em duas categorias fixas os comportamentos esperados de um de outro sexo, sinalizando o que Butler (2013) chama de performance de gênero, num entendimento que enxerga os comportamentos como separados das características biológicas. Dessa maneira encontramos notícias em que homens falam dos sentimentos que motivaram as obras, bem como expressam suas inseguranças.

Em comum com a lógica percebida em outras editorias, é que o conjunto de notícias que tem homens como personagens principais aborda assuntos de outros âmbitos. Por exemplo, numa matéria sobre um cantor de funk se discute o uso político do estilo musical,

dessa maneira, o personagem é retratado de uma maneira complexa, tanto como um cantor, quanto como um agente político.

Esta associação não foi verificada nas narrativas sobre mulheres. Interessante ressaltar que a personagem feminina que mais aparece é uma cantora de funk, no entanto, as notícias sobre ela não discutem o uso político do estilo, focam exclusivamente nas escolhas dela como artista e empresária. E, como verificado em outras editorias, exploram a imagem da personagem expondo diversas fotos da personagem.

Percebemos ainda na editoria uma vinculação entre personagens que coloca as mulheres numa posição desfavorável. Ao noticiar sobre o suicídio de um ator, o Portal informa que “Isaac foi acusado de tentar asfixiar Paris Jackson em 2018, o que fez a filha do cantor Michael Jackson reforçar sua segurança na época. Apesar de dizer ter medo do ator, Paris seguiu respondendo os contatos de Isaac” (Portal G1, 2019) Tal informação, além de criar uma relação em que a vítima pode ser responsabilizada pela conduta do agressor, parece desnecessária no contexto, pois não tem relação com os demais fatos apresentados.

4.2.7 Legitimações na editoria Violência

Como nas demais editorias, personagens masculinos aparecem na maioria das notícias. São 52 matérias sobre personagens do sexo masculino, 16 sobre personagens do sexo feminino e sete em que ambos aparecem. Nesta categoria, na maioria das vezes, as mulheres são retratadas como vítimas, seja quando são personagens centrais ou não.

Figura Nº 28 – Infográfico da distribuição por sexo na editoria violência



Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos dados coletado entre abril e maio de 2019 no site do Portal G1

Quando os personagens masculinos são centrais na narrativa, 18 notícias são sobre crimes como assalto, roubos e ataques, nas quais os personagens masculinos aparecem como autores de crimes e são legitimados no contexto dos crimes [“suspeito”, “bandido”, “preso”]. Oito notícias são sobre assassinatos violentos, nas quais as vítimas são legitimadas pela profissão [“caminhoneiro”, “comerciante”] ou como “jovens”. Estes conteúdos possuem poucas informações das personagens, as notícias são similares aos registros policiais.

Violência policial e abusos de poder cometidos por agentes de segurança são tema de 18 notícias, aqui os agressores, quando protagonistas das matérias, são legitimados como “policiais”, sem que seja identificado o nome da pessoa em nenhuma das ocorrências. Quando o foco são as vítimas, as pessoas são legitimadas como “jovens”, “homens” e “músico”. Há também três notícias sobre atentados no Brasil e no exterior, nas quais os personagens são legitimados como “homem” e “jovem”.

Encontramos quatro notícias sobre assédio sexual, em duas as vítimas são crianças e em duas são mulheres. As legitimações das vítimas são “criança”, “menores” e “mulher”. Os agressores são legitimados pela profissão ou como “acusado”. Em uma destas quatro matérias é possível a identificação do agressor e da vítima, pois além do texto a matéria tem um vídeo do momento da prisão. Nos demais casos não constam identificação dos agressores, nem das vítimas.

A violência doméstica é tema em duas notícias, nas quais os homens agressores são legitimados de acordo com a profissão “militar” e as mulheres legitimadas pelo vínculo “esposa”. Lógica similar acontece quando as notícias são sobre feminicídio: as vítimas são legitimadas como “mulher”, “namorada” e “jovem” enquanto os agressores são legitimados como “pai”, “suspeito” e “homem”.

Quando a personagem principal da notícia é uma mulher – em 16 conteúdos – é como vítima que mulher é retratada em dez conteúdos. São notícias sobre assassinatos, sequestros e agressões de policiais/agentes de segurança. As legitimações são “menina”, “jovem”, “mulher” e “vítima”, que são utilizadas para retratar as personagens femininas em situações de agredidas, de vítimas das violências cometidas pelos personagens masculinos.

Em quatro conteúdos as mulheres aparecem como autoras de crimes (tortura, prática ilegal da medicina e assassinato). Metade dessas notícias é sobre duas pessoas que aplicaram implante de silicone em uma mulher que morreu. Nessas notícias as personagens são

retratadas como “cabeleireiros suspeitos de injetar silicone”, que são legitimadas no início do texto com termos no masculino “suspeitos”. Depois que são legitimadas como transexuais o tratamento passa a ser no feminino “cabeleireiras”.

Figura Nº 29 – Fragmentos de notícia com o termo mulher

De acordo com o delegado Ernani Braga, os suspeitos, que são transexuais e usam identidades femininas, **foram encontrados em uma casa no Jardim Paraíso**, em Jacareí (SP).

Elas atuavam como cabeleireiras e, após serem detidas, foram levadas para a delegacia de Lorena, onde prestaram depoimento. Elas estão presas cela isolada.

À polícia, as duas contaram que já fizeram o mesmo procedimento em outras pessoas, mas não souberam informar a quantidade de atendimento. Elas não eram habilitadas a fazer o procedimento e não informaram para a polícia onde conseguiram o material injetado em Dayane.

Fonte: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2019/04/25/dupla-diz-a-policia-que-aplicou-silicone-industrial-em-jovem-morta-em-lorena-sp.ghtml>

Encontramos um conteúdo sobre o ataque ocorrido numa escola de São Paulo, em que as mulheres são retratadas no lugar “mãe” das vítimas. Há ainda um conteúdo sobre uma mulher que conteve um homem numa tentativa de assalto, neste é salientado o sofrimento do homem decorrente do golpe aplicado pela mulher.

Na editoria violência, quando o assunto não é sobre assaltos, roubos, atentados e violência policial, a representação dos homens está vinculada à representação das mulheres, sendo que eles aparecerem como agressores e elas como vítimas. Este padrão é visível também nos conteúdos e que os dois sexos são centrais na narrativa: dos sete conteúdos em que aparecem mulheres e homens, quatro tratam de violência contra a mulher.

Quadro N° 10 – Síntese dos sentidos encontrados na editoria Violência

Sentido	Enunciado (exemplo)	Pessoa
Homens autores de crimes	“Assaltante mantém passageiro do metrô refém após roubar loja em Copacabana, Rio” (Alves, 2019).	Homem
Homens vítimas de crimes violentos	“PM é morto no portão de casa em Itaboraí, na Região Metropolitana do RJ” (Castro, 2019)	Homem
Vítimas de violência de agentes de segurança	“Mulher afirma ter sido agredida por 5 seguranças na casa noturna Villa Mix, em São Paulo” (Portal G1, 2019).	Homem
Vítimas de assédio sexual	“Mais mulheres procuram a polícia para denunciar tatuador em BH” (Amaral, 2019)	Homem
Homem autor violência doméstica	“Militar do Exército se rende e liberta família na Zona Norte do Rio” (Portal G1, 2019)	Homem
Homem assassina mulher	“Foragido acusado de matar e esartejar mulher em SP é preso em Paraty”	Homem
Mulher vítima de violência doméstica	“Mulher é mantida refém por ex-namorado e se joga de carro em movimento para fugir; vídeo” (Portal G1, 2019)	Mulher
Mulher autora de crime	“Jovem é presa suspeita de torturar e matar o irmão de 5 anos em São Roque”, Ribeiro e Schafer (2019).	Mulher

Fonte: quadro organizado pela pesquisadora com matérias do Portal G1

4.2.7.1 Aspectos de gênero suscitados pelos conteúdos

Observando todas as personagens envolvidas nas notícias, verificamos que esta é editoria com a maior participação de mulheres. Embora elas apareçam como personagem principal em 20% dos conteúdos, as mulheres aparecem também como personagem vítima de cerca de 1/3 dos fatos narrados. Excetuando-se Pop e Arte, que em alguns conteúdos relaciona personagens mulheres com homens, essa relação aparece com menor frequência nas demais editorias – em Justiça, por exemplo, homens aparecem proferindo sentenças judiciais para outros homens.

Tanto como personagens secundários, quanto na condição de personagens principais, as mulheres são legitimadas pelo sexo [mulher]. Já os homens são explicados ou pela atividade de trabalho que desenvolvem ou pela relação como o ato violento - apenas em dois conteúdos eles são legitimados pelo sexo.

As notícias do Portal G1, ao utilizar o termo ‘mulher’ como principal forma de explicar as pessoas do sexo feminino e termos diversos para os homens, reduzem todas as particularidades delas a uma só condição – mulher. Tal conduta estabelece um discurso de simplificação dos sujeitos femininos e o apagamento destes nas narrativas. A simplificação é possível porque ideologicamente foram construídas noções (PECHÊUX, 1995) em que as mulheres são tomadas como hierarquicamente inferiores (SCOTT, 1989; SAFFIOTI, 2011).

Esta forma de articulação dos sentidos para os sujeitos, na qual as mulheres são postas em lugares subalternos, são marcadas pelo modo discursivo de relatar o fato (CHARAUDEAU, 2018), que utiliza signos verbais, visuais e sonoros para transformar o acontecimento em um fato notícia. Como sublinhado na descrição das notícias, na editoria Violência as notícias são pouco elaboradas, lembram boletins policiais. Assim sendo, estas notícias deixam de apresentar o contexto em que os atos violentos acontecem, o que prejudica a compreensão das pessoas sobre os aspectos sociais que engendram as situações relatadas.

O tratamento raso sobre a violência, ou o que Charaudeau (2018) aborda como a ausência no discurso midiático de comentar e debater os fatos, exclui dos conteúdos as estruturas que produzem a própria violência e até a caracterizam como algo específico de certas situações. Uma vez que mesmo falando bastante de violência o G1 não tem notícias sobre outras formas de violência que não a física e sexual, o Portal pode criar a impressão que estas são as únicas situações de violência a que estão submetidas as mulheres.

Quando as notícias, como verificado em algumas do Portal G1, não personificam as mulheres e as reduzem à condição de vítima há a reprodução de noções fundamentadas na dominação masculina (BOURDIEU, 2012). Nesta postura, percebemos indícios de que a luta das feministas, que tem no horizonte a construção na sociedade de práticas baseadas no respeito à dignidade de todas as pessoas (HOOKS, 2018), não surtiu efeitos na forma de produzir notícias, posto que estas ainda reproduzem noções anacrônicas em que a mulher aparece como indigna de valorização.

Quando analisamos as notícias sobre casos de violência contra a mulher, percebemos que os termos para tratar os agressores e as vítimas giram em torno das relações amorosas como “namorado” e “marido”, por exemplo. As legitimações utilizadas para explicar quem é o personagem são, na maioria das vezes, as mesmas utilizadas para tratar dos relacionamentos.

Figura Nº 30 – Fragmentos de notícia que utiliza termo de relacionamento para tratar de violência contra a mulher

Homem é preso após atropelar e arrastar namorada por 50 metros em Vargem Grande do Sul

Segundo delegado, suspeito estava embriagado e responderá por tentativa de feminicídio. Vítima foi internada em estado grave com ferimentos na cabeça e fratura na perna.

Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2019/05/19/homem-e-presos-apos-atropelar-e-arrastar-namorada-por-50-metros-em-vargem-grande-do-sul.ghtml>

Desta maneira, as notícias elaboram a narrativa sobre a violência contra a mulher priorizando a informação do sujeito agressor como “o parceiro” da vítima. É verdade que a maior parte das mulheres é agredida por uma pessoa com quem mantém relacionamento amoroso (Atlas da violência, 2019), contudo, o uso dos termos românticos não funciona como um alerta para este fato. Ao contrário, o uso do termo “marido”, por exemplo, da maneira como aparece, salienta que é um personagem autorizado socialmente quem comete a agressão.

Tratando o homem como “marido” – pessoa com quem a pessoa escolheu viver e há registros sociais e civis que comprovam esta aceitação – as notícias justificam, ainda de que modo implícito, a violência cometida por este. Como explicado por Safiotti (2015), é recente do ponto de vista histórico, o reconhecimento legal da igualdade entre as pessoas, somente em 2002 o Código civil brasileiro reconheceu a igualdade entre os sexos proposta na Constituição Federal de 1988.

5 PONDERAÇÕES

Na investigação das notícias rotineiramente publicadas no Portal G1, percebemos que nas narrativas sobre as ações das pessoas, os homens são a maioria dos sujeitos. Do conjunto de 437 notícias, apenas 22% das matérias tem mulheres no papel central, o que demonstra qual é o sexo considerado pelo Portal como a fonte mais relevante. Essa evidência de dominação masculina (BOURDIEU, 2012) aparece também quando observamos que os homens são citados em cerca de 1/3 das notícias em que as mulheres são o personagem central – algo que não acontece na situação inversa.

Destacamos que o modo de retratar as mulheres no G1, na maioria das vezes, exclui as mulheres dos assuntos associados aos espaços de poder, economia, por exemplo. Contudo, aparecem como personagens centrais em função de relações familiares, sendo os lugares de mãe e esposa os mais comuns.

Percebemos que as legitimações, os termos utilizados nas notícias para explicar e justificar as pessoas (BERGER e LUCKMANN, 2011), possuem características diferentes de acordo com o sexo. Nas notícias sobre pessoas do sexo feminino, a legitimação mais comum foi “mulher” e “mãe”. Mesmo nas situações em que o conteúdo abordava a atuação profissional da personagem, o que representa a menor parte da amostra, a condição feminina e a maternidade foram aspectos salientados.

Figura Nº 31 – Exemplo de personagem mulher legitimada como “mãe”

Mãe de trigêmeas tem R\$ 2 bilhões depositados em sua conta por engano e devolve dinheiro, em Anápolis

Mãe de trigêmeas e desempregada, Leizimar Silva estava com saldo negativo na sua conta quando foi surpreendida e logo procurou o banco. 'A gente não perde nunca quando é honesto'.

Por Rodrigo Gonçalves, G1 GO
07/05/2019 09h01 - Atualizado há 6 meses



Fonte: Publicada no Portal G1, em 07 de maio de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2019/05/07/moradora-de-anapolis-tem-r-2-bilhoes-depositados-em-sua-conta-por-engano.ghtml>.

Nas notícias do Portal G1 que compõem amostra desta pesquisa, verificamos a construção da narrativa a partir de características que a pessoa responsável pela elaboração do conteúdo percebe como central nas personagens. A narrativa que tem uma mulher é legitimada como “mãe”, por exemplo, é elaborada com sentidos que remetem à maternidade, de modo que as demais informações da notícia são influenciadas pela marca da personagem central – na notícia acima exposta, o fato é que uma pessoa devolveu um dinheiro que recebeu indevidamente, ainda assim, a personagem é explicada como mãe na maioria das sentenças. O sentido norteador desta notícia é que “uma mãe devolveu dinheiro”, quando bem que poderia ser que “a pessoa Leizimar agiu com honestidade”.

Observamos também que personagens mulheres na maioria das vezes têm o pertencimento ao sexo feminino salientado quando protagonizam fatos de fora do contexto familiar. É o que ilustra esta matéria da editoria Pessoa, sobre uma mulher assumindo o comando de uma corporação militar:

Figura N° 32 – Fragmento de conteúdo sobre personagem mulher

Primeira mulher a comandar Guarda Civil de SP em 33 anos assume o cargo nesta sexta-feira

Elza Paulina Souza tem 52 anos e é formada em filosofia e fisioterapia. Ela defende que a sociedade 'rasgue a venda' ao falar sobre drogas e diz que pretende aumentar e valorizar efetivo da corporação.

Fonte: publicado no Portal G1 em 05/04/2019 – Disponível: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/04/05/primeira-mulher-a-comandar-guarda-civil-de-sp-em-33-anos-assume-o-cargo-nesta-sexta-feira.ghtml>>

Naturalmente, entendemos que o jornalismo seleciona fatos incomuns para compor as matérias, logo seria comum da prática jornalística destacar quando uma mulher aparece pela primeira vez num contexto. Contudo, ao focar no ineditismo da mulher sem destacar os condicionantes da ausência destas nos espaços de exercício público de poder, o jornalismo do Portal encobre as condições que provocam as desigualdades entre os gêneros.

Tal modo de retratar as pessoas é uma expressão do sistema de poder patriarcal (SAFIOTTI 2015). Ideologicamente, conforme apontam as notícias que salientam quando uma mulher se destaca e ignoram a constante presença dos homens nos espaços de poder, o

G1 estabelece que o padrão é a presença de homens. Desta maneira, o Portal atua reforçando os homens como as figuras dominantes quando se trata de espaços de poder.

Outro aspecto interessante das legitimações é que o termo “mulher” foi utilizado para explicar a personagem nas mais diversas situações, contudo, nas notícias sobre violência ele foi predominante: sempre que a personagem central foi mulher e esta sofreu alguma forma de violência, a única forma de legitimação utilizada foi a condição feminina. Esta associação produz uma construção problemática para as mulheres. Matérias que explicam as vítimas de violência apenas como “mulher” se eximem de personificar as pessoas e constroem sujeitos desumanizados, resumidos a uma única identidade.

Quando predominante reduz a participação das mulheres na condição de mãe, o Portal reconstrói como intrínseco ao sexo feminino a presença no contexto familiar. Como ilustra a figura abaixo, elaborada com as legitimações para as mulheres na editoria pessoa, verificamos na nossa análise que o jornalismo praticado pelo G1 entende o ambiente doméstico das relações familiares como o principal espaço das mulheres.

Figura Nº33 – Nuvem de palavras usadas nas notícias da editoria “Pessoa”



Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos dados coletado entre abril e maio de 2019 no site do Portal G1

É no contexto do ambiente doméstico que o G1 coloca 68% das mulheres personagens centrais, tanto que na editoria “Pessoa” encontramos três notícias sobre partos e apenas um matérias sobre mulheres no ambiente do trabalho. O problema dessa frequente associação ao ambiente doméstico é a redução de produção sentidos para uma parcela significativa da sociedade. As notícias que atuam assim reproduzem as marcas das relações de gênero na sociedade. Como explicado por Biroli (2018), as estruturas sociais que fazem as mulheres dedicar 1/3 do seu tempo à atividades domésticas prejudicam a atuação destas pessoas nas atividades políticas, por exemplo.

Além do mais, essa vinculação geralmente ocorre com uma romantização das relações familiares, mostrando as mulheres como mães felizes que dão alma ao ambiente doméstico onde impera a harmonia conjugal e as crianças crescem cercadas de amor e carinho. No entanto, o que os dados sobre a violência no Brasil (Atlas da Violência, 2019) mostram que é nas residências que 40% das mulheres são assassinadas, sempre vítimas de um homem familiar (companheiro, pai, irmão, dentre outros).

Outra implicação é que, ao dar ênfase a uma entre diversas possibilidades de atuação das mulheres, as notícias reproduzem noções de gênero anacrônicas que colaboram negativamente com a opressão das pessoas. A demarcação de espaços típicos para mulheres e homens, como percebida nas notícias do Portal G1, é prejudicial para a sociedade, posto que coloca uns na condição de opressores e outros na condição de oprimidos.

É preciso ressaltar que para os homens as justificativas foram plurais, tratavam na maioria das vezes da ocupação profissional do personagem, mas também construía sentidos em contextos como arte, cultura, saúde e tecnologia. Apenas nas matérias que tinham os dois sexos como personagens centrais é que os homens foram legitimados pelo contexto familiar.

Ainda assim, sobressai como padrão mais constante de legitimação dos homens a relação com a atuação profissional, até nas notícias que estes aparecem por ter cometido algum crime, eles são explicados como “médico”, por exemplo. Salientamos, no entanto, que esse modelo de explicação apareceu majoritariamente nas notícias sobre homens que são figuras políticas ou atuam em profissões liberais de status social elevado – homens das classes populares, quando apareceram nas notícias por ter cometido crimes, foram legitimados como “suspeitos”.

Reiteramos que percebemos esta evidente manifestação de opressão por classe social, bem notamos no conjunto das notícias a diferença de tratamento da personagem em decorrência de raça. Os marcadores sociais das desigualdades (gênero, raça e classe) aparecem amalgamados nas estruturas e não é diferente nas notícias. Optamos em salientar as manifestações de gênero exclusivamente pela necessidade de ser específica na pesquisa acadêmica, recortamos para apontar as peculiaridades dessa dimensão. No entanto, reconhecemos o quão interligadas estão as opressões.

Como nos lembra Collins (2019), o pensamento social numa realidade marcada por opressões interseccionais é constituído pelo binarismo, no qual as questões são postas em pares mutuamente excludentes. Assim sendo, buscamos romper com a lógica de que estudar

uma questão é negligenciar a outras e reiteramos nosso esforço em inscrever nesta pesquisa, mesmo com a ênfase em gênero, no horizonte da interseccionalidade.

Analisando a cobertura jornalística feita pelo Portal G1, observamos nos textos várias marcas de concepções imbricadas de gênero, dentre as mais recorrentes, citamos a vinculação da mulher ao papel de mãe e do homem aos espaços de poder na sociedade. Assim sendo, o jornalismo praticado no Portal reproduz as desigualdades entre os sexos existente na sociedade atual.

As construções para as pessoas nas categorias de gênero não são em si naturalmente criadoras de opressões. Apenas quando uma categoria é preterida e considerada inferior que pertencer a um dos sexos tem aspectos negativos. O jornalismo, como prática social (CORREIA, 2009), poderia contribuir para o nivelamento das buscando equilibrar a quantidade de personagens dos dois sexos nas notícias. O modelo percebido na análise do G1 atua colaborando para a hierarquização, uma vez que promove o silenciamento de parte dos sujeitos (ORLANDI, 1997).

Não percebemos nos textos analisados sentidos que caracterizem as pessoas considerando as atribuições de gênero como performance, como propõe a teoria *Queer* (BUTLER, 2013) ao indicar que os comportamentos não estão alinhados sempre nas mesmas configurações de sexo determinando gênero. Por elaborar sentidos mantendo características tidas como femininas exclusivamente para as mulheres e as masculinas para os homens, o Portal G1 indica que considera as identidades de gênero como atreladas aos sexos biológicos.

Como possibilidade para (re)construir a realidade com notícias orientadas pela igualdade de condições entre as pessoas, instigamos uma reflexão sobre a atuação de jornalistas. Sabemos que o trabalho nas redações é marcado por uma série de pressões que, ao mesmo tempo restringem a liberdade profissional para escolher fontes de informação, limitam as formas de lapidar o conteúdo. Ainda assim, enxergamos um espaço para a elaboração de notícias democráticas, do ponto de vista da participação dos sexos.

Sem precisar desafiar os padrões de produção de notícias, que apressam o andamento da apuração e deixam pouco tempo para refinar o conteúdo, o jornalista pode abalar a dominação masculina incluindo algumas palavras em seu texto. Como dito anteriormente, a linguagem é elástica (BAKHTIN, 2012) e pode ser moldada de diversas maneiras, conforme a intenção de quem a manipula. Da mesma forma, os modos de discurso presentes nas mídias (CHARAUDEAU, 2018).

Assim sendo, x jornalista, elaborando o conteúdo com um pensamento crítico sobre as relações de gênero, pode escolher para seu texto palavras que incluam os dois sexos – ao citar as pessoas que compareceram a uma plenária, por exemplo, pode dizer que “deputadas e deputados” estiveram presentes. Também com uma dose de pensamento crítico, é possível escolher imagens para ilustrar o conteúdo considerando apenas a pauta, deixando de usar fotos que apelam para os atributos estéticos das personagens¹⁸.

Outra possibilidade, ainda dentro da estrutura comum de produção de notícias, é ampliar as noções sobre as pessoas. Ao entrevistar uma mulher, x jornalista pode sair do modo padrão imposto pela sociedade patriarcal e fazer questões não sobre a relação dela com a maternidade, mas sim sobre atuação política dela, por exemplo. Ao invés de tratar a pessoa como “a mulher de”, x jornalista pode tratar pela individualidade, citando o nome.

Com esta mesma orientação, quando tiver que noticiar “a primeira vez” de uma mulher em alguma posição, x jornalista pode contextualizar informando sobre ausência destas em outros cargos similares – talvez não demande muito tempo dizer que “Elza, a primeira mulher a comandar a guarda civil de SP, é a única a ocupar este posto em todo estado”. Pode também, com dez minutos de pesquisa num site de busca, trazer historicidade informando a quantidade de homens em relação à quantidade de mulheres no posto desde a criação da guarda.

Elaborar a narrativa considerando o fato que motivou a pauta pode ser interessante em todas as notícias, mas é especialmente necessário nas matérias sobre crimes de violência doméstica e contra a mulher. Ao invés de escrever “Mulher e ex-marido são esfaqueados no Rio; suspeito é o atual namorado da vítima¹⁹”, x jornalista pode dizer que “Crime violento: homem agride duas pessoas” e em seguida explicar as relações entre as pessoas envolvidas. O

¹⁸ Nas editorias “Acidente”, “Ciência e Saúde”, “Pop e Arte” e “Violência”, observamos o uso de imagens das mulheres sem relação direta com as pautas das notícias.

¹⁹ Disponível em: < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/23/homem-esfaqueia-namorada-e-o-ex-marido-dela-no-rio.ghtml> > Acesso em: 23/05/2019.

fato é a violência doméstica, então cabe explicar as pessoas conforme os laços familiares, contudo, cabe também trazer informações sobre a violência que é a principal causa de homicídio de mulheres (THINK OLGA, 2015).

Por fim, uma estratégia para democratizar a (re)construção da realidade é pensar em dimensões na hora de escolher as fontes. É compreensível que o padrão seja acionar as fontes mais conhecidas, contudo, pensado em incluir, podemos criar uma agenda de fontes mais representativa da população. Imaginemos uma pauta sobre a reforma da previdência – numa dimensão está a corriqueira entrevista com alguém da academia, se esta é obrigatória, talvez seja possível pensar outra dimensão da questão e entrevistar uma mulher aposentada questionando sobre a percepção dela das medidas governamentais.

O jornalismo pode não ser uma prática social desvinculada das questões de gênero. Uma vez que as notícias atuam no processo de socialização construindo e reconstruindo sentidos, quando o jornalismo se omite de discutir as formas de opressão, ele reproduz as noções sexistas – estas que mantêm e acirram as desigualdades de poder entre as pessoas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A Construção da Notícia.** Petrópolis: Vozes, 2009.

ATLAS DA VIOLÊNCIA. (Orgs.) Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>. Acesso em: 15 jul. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 13ª Edição, São Paulo: HUCITEC, 2012.

BARBOSA, Cássio. **Entenda como um eclipse solar no Brasil ajudou a confirmar a Teoria da Relatividade de Einstein.** Portal G1, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/blog/cassio-barbosa/post/2019/05/31/entenda-como-um-eclipse-solar-no-brasil-ajudou-a-confirmar-a-teoria-da-relatividade-de-einstein.ghtml>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo.** 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BENETTI, Marcia. **O jornalismo como gênero discursivo.** Revista Galáxia, São Paulo, n. 15, p. 13-28, jun. 2008.

BERGER, Peter, L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BERTOCCHI, Daniela. **Gêneros jornalísticos em espaços digitais.** In: SOPCOM 2005, Aveiro, Portugal, Actas do 4º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, Universidade de Aveiro, Portugal, 20 e 21 de Outubro, 2005.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades:** limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 11ª. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão:** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRANDÃO, Helena. **Discurso, gênero e cenografia enunciativa.** IN: Enunciação e gêneros discursivos. Guaraciaba Micheletti (Org.). São Paulo: Cortez, 2008.

BRANDÃO, Helena. **Introdução à análise do discurso.** 2ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

BRASIL, Patrícia Cristina.; MASSMANN, Raquel Hettwer. **A mulher, o direito e os fatos**. Interfaces Científicas - Humanas e Sociais. Aracaju. V.6, N. 2 , p. 137-150, Out. 2017.

BRASIL. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília: Secom, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política**. 2005.

CAVALCANTI, Ivo Henriques. **O Webjornalismo e suas potencialidades: um estudo de caso do portal NE10**. Dissertação de mestrado. Recife, 2013. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10786>. Acesso em 24 de outubro de 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias** / Patrick Charaudeau; tradução Angela M. S. Corrêa. 2ª edição, 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Natureza e transformação do jornalismo**. Série Jornalismo e Sociedade. Vol. 3. Florianópolis: Insular, 2016.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: consciência, conhecimento e política do empoderamento**; tradução Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORREIA, João Carlos. **Teoria e crítica do discurso noticioso: Notas sobre Jornalismo e representações sociais**. Covilhã: Livros LabCom, 2009.

EBEL, Ivana Raquel. **Jornalismo aumentado: experiências digitais com novas camadas de significação**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 56-71, abr. 2015. ISSN 1984-6924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-924.2015v12n1p56/29574>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**. Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

HERCKOVITZ, Heloiza. **Características dos portais brasileiros de notícias**. Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo: V. 5, n. 1. 2009. Disponível em <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/issue/view/13>>. Acesso em: 18 out. 2019.

HOBBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

MACHADO, L. Z. **Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade**. Cadernos Pagu, n. 11, p. 231-273, 1 jan. 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **A questão do suporte dos gêneros textuais** (parte 1). Revista do DLCV - Língua, Linguística & Literatura. v.1 n.1 e 2, 2004.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MELO, José Marques de. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun., São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, 2016.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporânea), Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MORAIS, Carlos Tadeu Queiroz de. **Conceitos sobre Internet e Web**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

MORENO, Ana Carolina. **'Resultados como esse podem inspirar a próxima geração de cientistas'**, diz brasileira envolvida na 1ª foto de um buraco negro. Portal G1, 2019. Disponível em: < <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/04/17/resultados-como-esse-podem-inspirar-a-proxima-geracao-de-cientistas-diz-brasileira-envolvida-na-1a-foto-de-um-buraco-negro.ghml>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. In: BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia - Metodologia de pesquisa em jornalismo. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOTTA, Luiz Gonzaga; COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto. **Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística**. Intercom, v. 27, n. 2, jul./dez. 2004.

MOUSNIER, Conceição. **A nova família à luz da constituição federal, da legislação e do novo código civil**. Revista da EMERJ, v. 5, n. 20, 2002.

NEVES, Érica Santana. **A construção do acontecimento jornalístico: o caso Finatec**. 2010. 180 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
OLGA, Think. **Minimanual do Jornalismo Humanizado – Violência contra a Mulher**. Disponível em:< <https://thinkolga.com/ferramentas/minimanualviolenciacontramulher/>> Acesso em: 22 out. 2019.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. LUGAR: Pontes, 1997.

ORLANDI, Eni. **Discurso, Imaginário Social e Conhecimento**. Revista Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

PALACIOS, Marcos e NOCI, Javier. **Ciberperiodismo: Métodos de investigación**. Una aproximación multidisciplinar en perspectiva comparada. Bilbao: Servicio Editorial de La Universidad del País Vasco, 2009.

PECHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani, 2ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PINSKY, Jaime. **As primeiras civilizações**. 22ª edição. São Paulo: Contexto, 2005.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico**. Florianópolis: Insular, 2005.

RAGO, Margareth. **Descobrimos historicamente gênero**. Cadernos Pagu, Número 11. pp.89-98.1998.

REED, Evelyn. **Sexo contra sexo ou classe contra classe**. 2ª edição. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sandermann, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SALAVERRÍA, Ramón. **Tipología de los cibermedios periodísticos: bases teóricas para su clasificación**. Revista Mediterránea de Comunicación/Mediterranean Journal of Communication, 8(1), 19-32, 2017.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul/dez. 1995.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: propostas de novos critérios de classificação**. Covilhã: Livros LabCom, 2009.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **Gêneros e gêneros: apontamentos teóricos sobre os conceitos e sua atribuição ao jornalismo feminino**. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, ano 30, n.51, p.177-200, jan./jun. 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular.2004.

VERON, Eliseo. **Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências**. Matrizes 2014, 8 (1)

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

Matérias

ABU BAKR AL-BAGHDADI, líder do Estado Islâmico, aparece em vídeo pela primeira vez em 5 anos. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/29/abu-bakr-al-baghdadi-lider-do-estado-islamico-aparece-em-video-pela-primeira-vez-em-5-anos.ghtml>> Acesso em: 29 abr. 2019.

ALEMÃ do Estado Islâmico é julgada por deixar menina yazidi morrer de sede. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/09/alema-do-estado-islamico-e-julgada-por-deixar-menina-yazidi-morrer-de-sede.ghtml>> Acesso em: 09 abr. 2019.

ALVES, Pedro. Morte da universitária Natália Costa foi acidental, conclui Polícia Civil do DF. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/04/29/morte-da-universitaria-natalia-costa-foi-acidental-conclui-policia-civil-do-df.ghtml>> Acesso em: 29 abr. 2019.

ALVES, Raoni. Assaltante mantém passageiro do metrô refém após roubar loja em Copacabana, Rio. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/31/assaltante-mantem-passageiro-refem-apos-roubar-loja-em-copacabana-rio-veja-video.ghtml>> Acesso em: 31 mai. 2019.

AMARAL, Carlos. Mais mulheres procuram a polícia para denunciar tatuador em BH. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/04/01/mais-mulheres-denunciam-tatuador-e-policia-fara-depoimento-eu-sou-mais-uma-vitima-dele.ghtml>> Acesso em: 01 abr. 2019.

AMERICANO que integrou o Talibã sai da prisão depois de 17 anos. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/05/23/americano-que-pertenceu-ao-taliban-sai-da-prisao-depois-de-17-anos.ghtml>> Acesso em: 23 mai. 2019.

ANTUNES FILHO: veja frases do diretor de teatro, morto aos 89 anos. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/05/03/antunes-filho-veja-frases-do-diretor-de-teatro-morto-aos-89-anos.ghtml>> Acesso em: 03 mai. 2019.

ARTISTA plástico Danúbio Gonçalves morre em Porto Alegre aos 94 anos. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/04/21/artista-plastico-danubio-goncalves-morre-em-porto-alegre-aos-94-anos.ghtml>> Acesso em: 21 abr. 2019.

ASTRONAUTA pode bater recorde de permanência de mulher no espaço. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/04/17/astronauta-pode-bater-recorde-de-permanencia-de-mulher-no-espaco.ghtml>> Acesso em: 17 abr. 2019.

AVÔ consegue resgatar os 7 netos da Síria e levá-los de volta à Suécia. **Portal G1**, 2019.

Disponível em:<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/05/15/avo-consegue-resgatar-os-7-netos-da-siria-e-leva-los-de-volta-a-suecia.ghtml>> Acesso em: 15 mai. 2019.

BARBIERI, Luiz Felipe. OLIVEIRA, Mariana. STF nega anular pena de lavagem de dinheiro imposta a Eduardo Cunha. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/09/stf-nega-anular-pena-de-lavagem-de-dinheiro-imposta-a-eduardo-cunha.ghtml>> Acesso em: 09 abr. 2019.

BARBOSA, Cássio. Entenda como um eclipse solar no Brasil ajudou a confirmar a Teoria da Relatividade de Einstein. **Portal G1**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/blog/cassio-barbosa/post/2019/05/31/entenda-como-um-eclipse-solar-no-brasil-ajudou-a-confirmar-a-teoria-da-relatividade-de-einstein.ghtml>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

BARCELLOS, Caco. Bombeiros de MG atuam em vila afetada por cólera em Moçambique.. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/04/17/bombeiros-de-mg-atuam-em-vila-afetada-por-colera-em-mocambique.ghtml>> Acesso em: 17 abr. 2019.

BEBÊ de 1 mês tem braço amputado após telha da casa cair no litoral de SP. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2019/05/03/bebe-de-1-mes-tem-braco-amputado-apos-telha-da-casa-cair-no-litoral-de-sp.ghtml>> Acesso em: 03 mai. 2019.

BEBÊ que caiu de 4º andar reencontra bombeiros que fizeram o resgate; 'Não tem explicação', diz socorrista. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pr/nortenoroste/noticia/2019/04/21/bebe-que-caiu-de-4o-andar-reencontra-bombeiros-que-fizeram-o-resgate-nao-tem-explicacao-diz-socorrista.ghtml>> Acesso em: 21 abr. 2019.

BOMBEIROS de Minas liberam estradas e montam tendas para atingidos por ciclone em Moçambique. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/04/05/bombeiros-de-minas-liberam-estradas-e-montam-tendas-para-atingidos-por-ciclone-em-mocambique.ghtml>> Acesso em: 04 mai. 2019.

BOMFIM, Camila. MP conclui parecer sobre estado mental de autor da facada em Bolsonaro. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/09/mp-conclui-parecer-sobre-estado-mental-de-autor-da-facada-em-bolsonaro.ghtml>> Acesso em: 09 abr. 2019.

BRITO, Carlos. Lulu Santos lança disco inspirado na relação com Clebson Teixeira: 'É um álbum de casamento. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/05/27/lulu-santos-lanca-disco-inspirado-na-relacao-com-clebson-teixeira-e-um-album-de-casamento.ghtml>> Acesso em: 27 mai. 2019.

CALGARA, Fernanda. Relator da Previdência quer negociar texto com líderes para aumentar chance de aprovação. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/05/31/relator-da-previdencia-quer-negociar-texto-com-lideres-para-aumentar-chance-de-aprovacao.ghtml>> Acesso em: 31 mai. 2019.

CAMINHONEIROS usuários de drogas compram laudos médicos falsos para dirigir nas estradas. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/04/21/caminhoneiros-usuarios-de-drogas-compram-laudos-medicos-falsos-para-dirigir-nas-estradas.ghtml>> Acesso em: 21 abr. 2019.

CAMPEÃO brasileiro de kart que estava desaparecido é encontrado em ilha de Balneário Piçarras. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/04/17/campeao-brasileiro-de-kart-que-estava-desaparecido-e-encontrado-em-ilha-de-balneario-picarras.ghtml>> Acesso em: 17 abr. 2019.

CANTORA gospel é condenada a 21 anos de prisão por matar o marido em São Pedro. **Portal G1**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2019/04/05/cantora-gospel-acusada-de-matar-o-marido-em-sao-pedro-e-condenada-a-21-anos-de-prisao.ghtml>> Acesso em: 05 abr. 2019.

CARLINHOS Maia desativa conta no Instagram após discussão com Whindersson Nunes. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/05/23/carlinhos-maia-desativa-instagram-apos-discussao-com-whindersson-nunes.ghtml>> Acesso em: 23 mai. 2019.

CARLOS Ghosn deixa prisão no Japão pela segunda vez. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/carros/noticia/2019/04/25/carlos-ghosn-deixa-prisao-no-japao.ghtml>> Acesso em: 25 abr. 2019.

CAROLINE Bittencourt era estudante de nutrição e tinha filha de 17 anos. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/04/29/caroline-bittencourt-era-estudante-de-nutricao-e-tinha-filha-de-17-anos.ghtml>> Acesso em: 29 abr. 2019.

CARRO desgovernado atropela professora que corria na calçada em Ribeirão Preto, SP; vídeo. **Portal G1**, 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2019/05/07/carro-desgovernado-atropela-professora-que-corria-na-calcada-em-ribeirao-preto-sp-video.ghtml>> Portal G1, 2019. Acesso em: 07 mai. 2019.

CASTRO, Natália. PM é morto no portão de casa em Itaboraí, na Região Metropolitana do RJ. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/17/pm-e-morto-no-portao-de-casa-em-itaborai-na-regiao-metropolitana-do-rj.ghtml>> Acesso em: 17 abr. 2019.

5 FATOS que chamam atenção no nascimento do filho de Meghan e Harry. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/05/07/5-fatos-que-chamam-atencao-no-nascimento-do-filho-de-meghan-e-harry.ghtml>> Acesso em: 07 mai. 2019.

CORDA arrebenta e trapezista cai durante espetáculo de circo em Belém. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/04/09/corda-arrebenta-e-trapezista-cai-durante-espetaculo-de-circo-em-belem.ghtml>> Acesso em: 09 abr. 2019.

CORPO de piloto de avião que caiu sobre residência em Belém será enterrado em Marabá. **Portal G1**, 2019. Disponível em:< <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/05/19/corpo-de>

piloto-de-aviao-que-caiu-sobre-residencia-em-belem-sera-enterrado-em-maraba.ghtml >
Acesso em: 19 mai. 2019.

CRIANÇAS sobem em caminhão para brincar, dormem, e viajam mais de 160 km na Bahia; meninos se perderam. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/04/01/criancas-se-perdem-em-rodovia-na-ba-apos-subirem-em-compartimento-de-caminhao-e-dormirem-no-local.ghtml>> Acesso em: 01 abr. 2019.

DOYLE, Luísa. Vídeo: pais se revoltam com demora e quebram cadeiras na pediatria de hospital do DF. **Portal G1**, 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/04/01/video-pais-se-revoltam-com-demora-e-quebram-cadeiras-na-pediatria-de-hospital-do-df.ghtml>> . Acesso em 01 abr. 2019

ESCRITORA Judith Kerr morre aos 95 anos. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/05/23/escritora-judith-kerr-morre-aos-95-anos.ghtml>> Acesso em: 23 mai. 2019.

FERREIRA, Afonso. Preso da Papuda, no DF, morre após suspeita de leptospirose. **Portal G1**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/04/29/presoda-papuda-no-df-morre-apos-suspeita-de-leptospirose.ghtml>> Acesso em: 29 abr. 2019.

FORAGIDO acusado de matar e esquartejar mulher em SP é preso em Paraty. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2019/05/15/foragido-acusado-de-matar-e-esquartejar-mulher-em-sp-e-preso-em-paraty.ghtml>> Acesso em: 15 mai. 2019.

FRANÇA, Jéssica. Gabriel Diniz, cantor de 'Jenifer', morre aos 28 anos em queda de avião em Sergipe. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2019/05/27/corpo-de-bombeiros-e-acionado-para-atender-acidente-envolvendo-queda-de-bimotor.ghtml>> Acesso em: 27 mai. 2019.

GURGEL, Felipe. Artistas retiram exposição do Banco do Nordeste após retirada de faixa sobre casamento gay. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/05/31/exposicao-com-faixa-sobre-casamento-gay-e-transferida-do-banco-do-nordeste-apos-polemica-em-fortaleza.ghtml>> Acesso em: 31 mai. 2019.

GUTIERREZ , Felipe. Turco ligado a movimento de oposição é preso em SP a pedido do governo de Erdogan. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/25/turco-ligado-a-movimento-de-oposicao-e-preso-em-sp-a-pedido-do-governo-de-erdogan.ghtml>> Acesso em: 25 abr. 2019.

HISING, Ederson e MORONI , Alyohha. Quadro Negro: Beto Richa, mulher e outros cinco viram réus por obstrução de investigação. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/04/01/quadro-negro-beto-richa-mulher-e-outras-cinco-viram-reus-por-obstrucao-de-investigacao.ghtml>> Acesso em: 01 abr. 2019.

HOMEM é preso após atropelar e arrastar namorada por 50 metros em Vargem Grande do Sul. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2019/05/19/homem-e-preso-apos-atropelar-e-arrastar-namorada-por-50-metros-em-vargem-grande-do-sul.ghtml>> Acesso em: 19 mai. 2019.

INTERNADO em UTI na Bahia, Agnaldo Timóteo sai do coma induzido e já respira sem ajuda de aparelhos. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/05/31/internado-em-uti-na-bahia-agnaldo-timoteo-tem-melhora-e-ja-respira-sem-ajuda-de-aparelhos.ghtml>> Acesso em: 31 mai. 2019.

ISAAC Kappy comete suicídio aos 42 anos e deixa carta: 'Não tenho sido um bom homem'. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/05/15/isaac-kappy-comete-suicidio-aos-42-anos-apos-deixar-carta-nao-tenho-sido-um-bom-homem.ghtml>> Acesso em: 15 mai. 2019.

ISAAC Kappy comete suicídio aos 42 anos e deixa carta: 'Não tenho sido um bom homem'. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/05/15/isaac-kappy-comete-suicidio-aos-42-anos-apos-deixar-carta-nao-tenho-sido-um-bom-homem.ghtml>> Acesso em: 15 mai. 2019.

JOVENS violinistas do Rio sonham em participar de festival nos EUA. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/03/jovens-violinistas-do-rio-criam-vaquinha-para-participar-de-festival-nos-eua.ghtml>> Acesso em: 03 mai. 2019.

LEITÃO, Matheus. 'Mistura de sentimentos', diz Rodrigo Janot após se aposentar do MPF. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/2019/04/25/mistura-de-sentimentos-diz-rodriigo-janot-apos-se-aposentar-do-mpf.ghtml>> Acesso em: 25 abr. 2019.

LEITÃO, Matheus. Fachin envia inquérito sobre Romero Jucá para Justiça do DF. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/2019/05/03/fachin-envia-inquerito-sobre-romero-juca-para-justica-do-df.ghtml>> Acesso em: 03/05/2019.

MÃE dá à luz bebê em cima de uma árvore durante passagem do ciclone Idai em Moçambique. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/05/mae-da-a-luz-bebe-em-cima-de-uma-arvore-durante-passagem-do-ciclone-idai-em-mocambique.ghtml>> Acesso em: 05 abr. 2019.

MAIA diz que Previdência pode ser aprovada no primeiro semestre. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/04/29/maia-diz-que-previdencia-pode-ser-aprovada-no-primeiro-semester.ghtml>> Acesso em: 29 abr. 2019.

MARTINS, Pedro. Premiado no exterior, cineasta brasileiro precisou vender carro para produzir o terror 'Mal Nosso'. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2019/04/21/premiado-no-externor>>

cineasta-brasileiro-precisou-vender-carro-para-produzir-o-terror-mal-nosso.ghtml> Acesso em: 21 abr. 2019.

MATOS, Thais. Juliana Paes fala de insegurança com papel em 'A dona do pedaço': 'Ainda me chamam de Bibi'. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/05/03/juliana-paes-fala-de-inseguranca-com-papel-em-a-dona-do-pedaco-ainda-me-chamam-de-bibi.ghtml>> Acesso em: 03 mai. 2019.

MATOS, Thais. Wesley Safadão muda cabelo e grava funk com MC Kekel: 'Respeito muito, quero levantar a bandeira'. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/04/25/wesley-safadao-muda-cabelo-e-grava-funk-com-mc-kekel-respeito-muito-quero-levantar-a-bandeira.ghtml>> Acesso em: 29 abr. 2019.

MILITAR do Exército se rende e liberta família na Zona Norte do Rio. **Portal G1**, 2019. Disponível em:< <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/15/militar-se-rende-e-liberta-familia-na-zona-norte-do-rio.ghtml>> Acesso em: 15 mai. 2019.

MORENO, Ana Carolina. 'Resultados como esse podem inspirar a próxima geração de cientistas', diz brasileira envolvida na 1ª foto de um buraco negro. **Portal G1**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/04/17/resultados-como-esse-podem-inspirar-a-proxima-geracao-de-cientistas-diz-brasileira-envolvida-na-1a-foto-de-um-buraco-negro.ghtml>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

MULHER afirma ter sido agredida por 5 seguranças na casa noturna Villa Mix, em São Paulo. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/07/mulher-afirma-ter-sido-agredida-por-5-segurancas-na-casa-noturna-villa-mix-em-sao-paulo.ghtml>> Acesso em: 07 mai. 2019.

MULHER é mantida refém por ex-namorado e se joga de carro em movimento para fugir; vídeo. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2019/05/03/mulher-e-mantida-refem-por-ex-namorado-e-se-joga-de-carro-em-movimento-para-fugir-video.ghtml>> Acesso em: 03 mai. 2019.

MULHER faz denúncia por racismo após ser acusada de furtar creme em farmácia de Salvador. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/05/07/mulher-denuncia-funcionario-de-farmacia-de-shopping-de-salvador-por-racismo-apos-ser-acusada-de-furtar-creme.ghtml>> Acesso em: 07 mai. 2019.

OLGA, Think. Minimanual do Jornalismo Humanizado – Violência contra a Mulher. Disponível em:< <https://thinkolga.com/ferramentas/minimanualviolenciacontramulher/>> Acesso em: 22 out. 2019.

OLIVEIRA, Mariana. Ex-governador Luiz Fernando Pezão fica inelegível até 2022, decide TSE. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/09/ex-governador-luiz-fernando-pezao-fica-inelegivel-ate-2022-decide-tse.ghtml>> Acesso em: 09 abr. 2019.

OLIVEIRA, Mariana. Raquel Dodge pede ao STF para arquivar dois inquéritos sobre Renan Calheiros. **Portal G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/09/raquel-dodge-pede-ao-stf-para-arquivar-dois-inqueritos-sobre-renan-calheiros.ghtml>. Acesso em: 09 abr. 2019.

OLIVEIRA, Natália. Bailarinos são hospitalizados após levarem choque durante encenação da Paixão de Cristo em Salto. **Portal G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/04/17/bailarinos-sao-hospitalizados-apos-levarem-choque-durante-encenacao-da-paixao-de-cristo-em-salto.ghtml> > Acesso em: 17 abr. 2019.

ORTEGA, Rodrigo. Troye Sivan é o boy magia do Lolla 2019 com pop redondinho e orgulho gay alto-astral. **Portal G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/lollapalooza/2019/noticia/2019/04/05/troye-sivan-e-o-boy-magia-do-lolla-2019-com-pop-redondinho-e-orgulho-gay-alto-astral.ghtml> > Acesso em: 05 abr. 2019.

PACIENTES transplantados sofrem com a falta de remédios na Riofarms; medicamentos custam até R\$ 7 mil. **Portal G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/01/pacientes-transplantados-sofrem-com-a-falta-de-remedios-na-riofarms-medicamentos-custam-ate-r-7-mil.ghtml> > Acesso em: 29 abr. 2019.

PINHEIRO, Lara. Governadora do Alabama sanciona lei que proíbe aborto mesmo em casos de estupro. **Portal G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/05/15/governadora-do-alabama-sanciona-lei-que-proibe-aborto-mesmo-em-casos-de-estupro.ghtml> > Acesso em: 15 mai. 2019.

POR QUE a renúncia de Theresa May é dada como certa? **Portal G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2019/05/23/por-que-a-renuncia-de-theresa-may-e-dada-como-certa.ghtml> > Acesso em: 23 mai. 2019.

PUTINE, Rafaela. TITO, Fábio. Maria Rita coloca público da Virada Cultural em 'roda de samba' com repertório de ícones. **Portal G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/19/maria-rita-canta-musicas-de-icone-do-samba-na-virada-cultural.ghtml> > Acesso em: 19 mai. 2019.

QUEIROZ, Mariana; SCHMIDT, Larissa e SILVEIRA, Daniel. Delegada diz que corpos de avó, neta e motorista de táxi estavam em carro soterrado. **Portal G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/09/familia-perde-o-contato-com-avo-e-neta-durante-a-chuva-no-rio.ghtml> > Acesso em: 09 abr. 2019.

RIBEIRO, Eduardo. SCHAFFER, Daniel. Jovem é presa suspeita de torturar e matar o irmão de 5 anos em São Roque. **Portal G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/04/05/jovem-e-presa-suspeita-de-torturar-e-matar-o-irmao-em-sao-roque.ghtml> > Acesso em: 05 abr. 2019.

SADI, Andréia. Articulação política é responsabilidade do 'governo todo', diz líder. **Portal G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/andreaia>

sadi/post/2019/04/02/articulacao-politica-e-responsabilidade-do-governo-todo-diz-lider.ghtml
> Acesso em: 02 abr. 2019.

SARMENTO, Gabriela. Cantora goiana BRVNKS abre palco principal do Lollapalooza com indie pop rock. **Portal G1**, 2019. Disponível em:< <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/lollapalooza/2019/noticia/2019/04/05/cantora-goiana-brvnks-abre-palco-principal-do-lollapalooza-com-indie-pop-rock.ghtml>> Acesso em: 05 abr. 2019.

STOCHERO Tahiane.Primeira mulher a comandar Guarda Civil de SP em 33 anos assume o cargo nesta sexta-feira. **Portal G1**, 2019. Disponível em:< <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/04/05/primeira-mulher-a-comandar-guarda-civil-de-sp-em-33-anos-assume-o-cargo-nesta-sexta-feira.ghtml>> Acesso em: 18 nov. 2019.

STOCHERO, Tahiane.Primeira mulher a comandar Guarda Civil de SP em 33 anos assume o cargo nesta sexta-feira. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/04/05/primeira-mulher-a-comandar-guarda-civil-de-sp-em-33-anos-assume-o-cargo-nesta-sexta-feira.ghtml>> Acesso em: 18 nov. 2019.

TANIA MALLET, de '007 contra Goldfinger', morre aos 77 anos. **Portal G1**, 2019. Disponível em:< <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/04/01/tania-mallet-de-007-contr-goldfinger-morre-aos-77-anos.ghtml>> Acesso em: 01 abr. 2019.

TELES, Lilia. Roupas e documentos de estudante desaparecida são achados perto de rio na Baixada Fluminense. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/31/roupas-e-documentos-de-advogada-desaparecida-sao-achados-perto-de-rio-na-baixada-fluminense.ghtml>> Acesso em: 31 mai. 2019.

TENENTE, Luiza. Após 16 cirurgias, menino de 4 anos usa boneco como apoio na recuperação: 'Se faz curativo em um, precisa fazer no outro'. **Portal G1**, 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/04/17/apos-16-cirurgias-menino-de-4-anos-usa-boneco-como-apoio-na-recuperacao-se-faz-curativo-em-um-precisa-fazer-no-outro.ghtml>>. Acesso em 17 abr. 2019.

TEXEIRA, Patrícia. Reynaldo Gianecchini se distancia da fama de galã ao viver mau caráter em 'A Dona do Pedaço'. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/05/27/reynaldo-gianecchini-se-distancia-da-fama-de-gala-ao-viver-mau-carater-em-a-dona-do-pedaco.ghtml>> Acesso em: 27 mai. 2019.

TORRES, Livia. Mulher e ex-marido são esfaqueados no Rio; suspeito é o atual namorado da vítima. **Portal G1**, 2019. Disponível em:< <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/23/homem-esfaqueia-namorada-e-o-ex-marido-dela-no-rio.ghtml> > Acesso em: 23 mai. 2019.

TORRES, Livia. Mulher e ex-marido são esfaqueados no Rio; suspeito é o atual namorado da vítima. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/23/homem-esfaqueia-namorada-e-o-ex-marido-dela-no-rio.ghtml>> Acesso em: 23 mai. 2019.

TRAVIA, Geovanna. CPI de Brumadinho: análise técnica não indicou que barragem poderia romper, diz engenheira. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/09/cpi-de-brumadinho-analise-tecnica-nao-indicou-que-barragem-poderia-romper-diz-engenheira.ghtml>> Acesso em: 09 abr. 2019.

TRUDA, Felipe. 'É outra vida', diz mãe que obteve na Justiça o direito de plantar maconha medicinal para filha de 9 anos no RS. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/04/17/e-outra-vida-diz-mae-que-obteve-na-justica-o-direito-de-plantar-maconha-medicinal-para-filha-de-9-anos-no-rs.ghtml>> Acesso em: 17 abr. 2019.

TRUMP diz que não vai deixar China se tornar maior economia do mundo. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/05/19/trump-diz-que-nao-vai-deixar-china-se-tornar-maior-economia-do-mundo.ghtml>> Acesso em: 19 mai. 2019.

YOUTUBER é condenado a 15 meses de prisão após dar biscoito recheado com pasta de dente para morador de rua. **Portal G1**, 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/05/31/youtuber-e-condenado-a-15-meses-de-prisao-apos-dar-biscoito-recheado-com-pasta-de-dente-para-morador-de-rua.ghtml>> Acesso em: 31 mai. 2019.